#### ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



### A Covid-19 no Rio Grande do Sul:

documentando experiências coletivas

#### GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO DEPARTAMENTO DE ARQUIVO PÚBLICO

Carla Simone Rodeghero Clarissa Sommer Alves Kelvin Emmanuel Pereira da Silva Rodrigo de Azevedo Weimer (Organizadores)

# A Covid-19 no Rio Grande do Sul: documentando experiências coletivas

Porto Alegre, dezembro de 2023

#### Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Governador Eduardo Leite

#### Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão

Secretária Danielle Calazans

#### Subsecretaria de Patrimônio do Estado

Subsecretário Vinícius Oliveira Braz Deprá

#### Departamento de Arquivo Público

Diretora Aerta Grazziolli Moscon

## Coordenação do Projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul

Carla Simone Rodeghero (UFRGS)

Clarissa Sommer Alves (APERS)

Rodrigo de Azevedo Weimer (APERS / UFRGS)

#### Projeto Gráfico e Diagramação

Laiz Flores Oliveira (Ascom SPGG)

#### Ilustração da Capa

Caroline Volpato (Instagram @carolvolpato.atelier)

#### Revisão

Clarissa Sommer Alves

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:

Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG). Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)

A Covid-19 no Rio Grande do Sul: documentando experiências coletivas. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). - Porto Alegre: SPGG, 2023.

164 p.

ISBN: 978-65-87878-14-0

Disponível em: https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs

1. História. 2. Historiografia. 3. Covid-19. I. Rodeghero, Carla Simone, org. II. Alves, Clarissa Sommer, org. III. Silva, Kelvin Emmanuel Pereira da, org. IV. Weimer, Rodrigo de Azevedo. V. Título

CDU 930

Me vacinei, me esperancei, sonho com asas Não vacilei, não aglomerei, curti meu lar Me reinventei, pensei, revi a minha estrada Também chorei, por quem no céu foi ter morada Meu peito sem abraços meio que enferrujou Por vídeo a saudade amenizou Sem liberdade por um triz me vi tropeçar Com medo de não ter tempo de amar

Me vacinei, música de Alan Rocha, 2021

## **SUMÁRIO**

APRESENTAÇÃO	6
Cap. 1 A COVID-19	14
Cap. 2 ISOLAMENTO SOCIAL	40
Cap. 3 TEMPO E ROTINA	56
Cap. 4 TRABALHO, EMPREGO E RENDA	80
Cap. 5 AFETO, CONVÍVIO, SOLIDARIEDADE	94
Cap. 6 GESTÃO DA PANDEMIA	120
Cap. 7 COTIDIANO HOSPITALAR	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	160

# APRESENTAÇÃO

Esta é uma publicação coletiva e em construção, realizada no âmbito do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul. Ela é aberta em diversos sentidos. Primeiramente, porque reúne trechos extraídos de centenas de depoimentos, captados de múltiplas formas, por diversos pesquisadores e pesquisadoras, de muitas instituições e grupos de pesquisa, concedidos por pessoas de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, de inúmeras profissões, idades, orientações sexuais, identidades de gênero, raças e etnias... São excertos selecionados em meio a tantos testemunhos igualmente significativos colhidos ao longo do projeto, que foram lidos, relidos, comentados, e enfim costurados lado a lado, sem qualquer pretensão de interpretação conclusiva. Exatamente por esse conjunto de olhares plurais, os pontos de vista expressos nos trechos escolhidos não necessariamente correspondem àqueles dos/as organizadores/as do livreto.

É uma publicação em aberto, também, porque a própria experiência com a Covid-19 não findou, nem sabemos se algum dia findará. Embora em 05 de maio de 2023 a OMS tenha declarado o fim da "Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional" – que havia sido reconhecida em 30 de janeiro de 2020 – ainda lidamos com casos corriqueiros da doença, estamos recém experimentando os resultados da imunização, seguimos temorosos(as) por possíveis mutações do vírus, enquanto ainda (re)conhecemos os impactos psicológicos, emocionais, econômicos e políticos de todo o intenso processo mundialmente desencadeado a partir dos primeiros contágios em dezembro de 2019.

Além disso, é uma "publicação-convite": um convite para que você se some a este esforço colaborativo de registrar, de refletir, de acolher os inúmeros sentimentos evocados por toda essa experiência, e de significá-la. Ao longo do livreto você encontrará linhas em branco, que são espaços destinados às suas palavras, para que, ao chegarmos juntos(as) à última página, tenhamos uma espécie de "diário coletivo", um relicário de vivências sensíveis que irmanaram todos(as) nós.

Considerando esta concepção de obra "em processo", afinal, o que orienta essa reunião de vozes postas em texto? Em uma dimensão subjetiva, central à publicação, o fio condutor é a experiência humana de partilhar um mesmo tempo distópico, tempo de vida em pandemia, com todos os sentimentos que podem ser evocados quando hoje pensamos em "Covid-19". Vivemos uma pandemia em escala planetária, e no chamado "olho do furação" talvez tenha sido difícil perceber que se vivia a história em "tempo real". Logo, deseja-se conectar experiências individuais e coletivas que se colocam nos interstícios entre passado recente, presente e futuro.

O projeto foi concebido inicialmente por servidores do Arquivo Público do Estado (APERS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ainda em abril de 2020. A ele somaram-se pessoas vinculadas a mais treze instituições parceiras, arroladas ao final da apresentação. Pessoas que, assim como você, estavam imersas no cotidiano da pandemia, e que encontraram no esforço de registrar e preservar memórias uma forma de significar seu fazer profissional e de contribuir com a sociedade nesse momento extremo. Em inúmeras reuniões virtuais, aprendendo a lidar com microfones, câmeras e aplicativos até então pouco explorados, construímos

juntos(as) um formulário online para coleta de relatos, assim como roteiros, protocolos e tutoriais que deram suporte à realização de entrevistas de história oral, também realizadas, em sua maioria, virtualmente, por diferentes plataformas, tais como Zoom, Microsoft Teams, Google Meet...

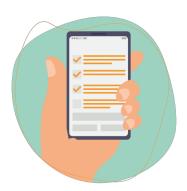
Aqui, tanto respostas ao formulário quanto entrevistas foram revisitadas, trazendo a público fragmentos de um amplo acervo constituído, e que, aos poucos, está sendo divulgado pelo site do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs - e pelo livro História Oral da Covid-19: reflexões desde o Rio Grande do Sul, por nós organizado e publicado recentemente pela editora Letra e Voz. Uma das servidoras públicas entrevistadas pela equipe do APERS refletiu a respeito de sua compreensão sobre a relevância do Projeto:

Eu achei um projeto bem interessante, porque o que a gente está vivendo agora é único, assim. A última vez que teve uma pandemia faz mais de 100 anos, e os aspectos sociais, do trabalho, dos relacionamentos, são coisas que seriam interessantes a gente pesquisar, como humanidade, pra estar um pouco mais preparado se acontecer de novo. E provavelmente vai acontecer de novo. E para mim o início da pandemia foi bem difícil. Então em termos de pesquisa eu acho bem importante que a gente possa fazer esses testemunhos e deixar material para o futuro. (Renata Vidal, branca, analista de sistemas da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão - SPGG. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 27/07/2021, Porto Alegre).

Imbuídos dessa compreensão, trabalhamos pela coleta de registros desde julho de 2020. Foram recebidas mais de 400 respostas ao formulário, e realizadas quase 300 entrevistas. O momento de finalização e lançamento deste livreto demarca também o

encerramento desta coleta, que perdurou por três anos. Entretanto, o trabalho não se encerra: seguirá com o tratamento do acervo, sua descrição, difusão, preservação em meio digital e garantia do acesso a ele, além da análise dos registros coletados.

Nas páginas a seguir você encontrará excertos dispostos em sete capítulos. Não há uma narrativa textual que busque analisá-los, o que não significa a ausência de um esforço intelectual para colocá-los em diálogo. Ao contrário, as várias leituras e etapas de seleção, os testes de disposição dos textos e de refinamento das tecituras entre eles foram um denso exercício de tentar fazer comunicar com sensibilidade. Os capítulos foram pensados a partir dos principais temas evocados pelo formulário online, que em diversos momentos foram abordados, também, ao longo das entrevistas. São temas que se cruzam: em alguns momentos um trecho alocado, por exemplo, no Capítulo 3: "Tempo e Rotina", também poderia ser disposto no Capítulo 5: "Afeto, Convívio, Solidariedade". Fizemos opções de modo a melhor distribuir e relacionar relatos.



Os capítulos começam sempre com os trechos selecionados entre as respostas ao formulário online, marcados pelo ícone que aparece aqui, à esquerda. Para essa seleção, contamos com a colaboração atenta do historiador Kelvin Emmanuel Pereira da Silva, bolsista de pósgraduação da UFRGS.

Em seguida vêm os excertos selecionados entre parte das entrevistas, realizadas pelas instituições parceiras que puderam somar-se à presente publicação. Tais passagens aparecem dispostas em ordem alfabética por instituição, e são destacadas pelo ícone à direita.



Observe que os testemunhos oriundos do formulário foram digitados pelos(as) próprios(as) respondentes. São respostas que chegaram escritas, provocadas por perguntas traçadas previamente, como "qual é a profissão ou atividade que você exerce?", "você tem filhos/as?", "como você se identifica em termos etnicorraciais?", "qual é sua faixa etária?", "você está realizando isolamento social?", "como a pandemia e o isolamento social interferiram em sua rotina familiar, de trabalho e de estudo?" ou "como você tem se mantido informado sobre a pandemia?". Já os depoimentos extraídos das entrevistas de História Oral são transcrições feitas pelas equipes das instituições, a partir de diálogos entre entrevistados(as) e entrevistadores(as), conduzidos por roteiros flexíveis. Você perceberá que o texto mantém-se fiel à linguagem oral.

Observe, também, que abaixo dos excertos estão os dados de identificação de cada participante. Quando se trata dos formulários, muitas vezes não consta o nome do(a) respondente, pois havia a alternativa de solicitar anonimização das respostas. No caso das entrevistas, os dados foram informados por cada instituição e são de sua responsabilidade. As idades e cargos registrados correspondem àqueles da ocasião em que foi preenchido o formulário ou concedida a entrevista.

O importante papel que as imagens cumprem nas páginas a seguir também merece destaque. Você verá que os textos estão em diálogo com fotografias e reproduções de obras de arte que evocam lembranças, fazem pensar e sentir sobre esse tempo. As fotos foram compartilhadas com a coordenação do Projeto por participantes que

nele se engajaram. Já as obras de arte chegaram até nós a partir da página "Museu do Isolamento", criada no Instagram por Luiza Adas, durante a pandemia. Agradecemos a ela e aos artistas que gentilmente autorizaram o uso de suas imagens aqui. Vale ressaltar que, passado o isolamento social, a página segue compartilhando arte e sensibilidade, como "Museu do Agora".

Agradecemos a todas e todos que de algum modo envolveram-se nesse esforço de documentação: àquelas pessoas que dedicaram seu tempo para preencher o formulário virtual e que dispuseram-se a dar entrevistas; às servidoras e servidores das universidades, escola e instituições de memória que abraçaram a ideia, construíram e divulgaram o formulário, agendaram, prepararam e realizaram entrevistas, superando as angústias suscitadas por refletir ainda mais sobre o coronavírus no auge da pandemia.

A seguir, nosso reconhecimento especial a quem colaborou diretamente para o processamento do formulário, e para a seleção dos trechos que compõem este livreto:

Caiuá Cardoso Al Alam (Prof. História, UNIPAMPA)

Carla Simone Rodeghero (Prof.ª História, UFRGS)

Caroline Cataneo (Historiadora, representante Núcleo de Memória/IFRS)

Clarissa Sommer Alves (Historiadora, APERS)

Cláudia Mauch (Prof.ª História, UFRGS)

Claudia Musa Fay (Prof.ª História, PUC-RS)

Dante Guimaraens Guazzelli (Prof. História, EMEF Porto Alegre)

Denise Nauderer Hogetop (Linguista, APERS)

Edna Ribeiro de Ávila (Historiadora, Centro Histórico-Cultural da Santa Casa)

Felipe Neitzke Nunes (Estagiário História, APERS)

Guinter Tlaija Leipnitz (Prof. História, UNIPAMPA)

José Augusto Zorzi (Pós-Graduando História, UFRGS)

Juliano Silva Balbon (Arquivista, APERS)

Kelvin Emmanuel Pereira da Silva (Bolsista de Pós-Graduação História, UFRGS)

Leda Fernandes Bertamoni (Graduanda História, UFRGS)

Luísa Borgmann de Oliveira (Bolsista História, PUC-RS)

Manuela Perondi Pavoni (Pós-Graduanda História, UFRGS)

Marcelo Vianna (Historiador, representante Núcleo de Memória/IFRS)

Neila Prestes de Araújo (Pós-Graduanda História, UFRGS)

Priscila Ervin Saval (Doutoranda História PUC-RS)

Rodrigo de Azevedo Weimer (Historiador, APERS / UFRGS)

Sandra Cristina Donner (Prof.ª História, FACCAT)

Véra Lucia Maciel Barroso (Historiadora, Centro Histórico-Cultural da Santa Casa)

Desejamos que você receba com carinho os relatos aqui partilhados, que aceite nosso convite para registrar suas vivências, tornando ainda mais diversa a publicação, e que se sinta parte do trabalho empreendido através do projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul. Boa leitura!

Carla Simone Rodeghero Clarissa Sommer Alves Rodrigo de Azevedo Weimer

### Instituições envolvidas





































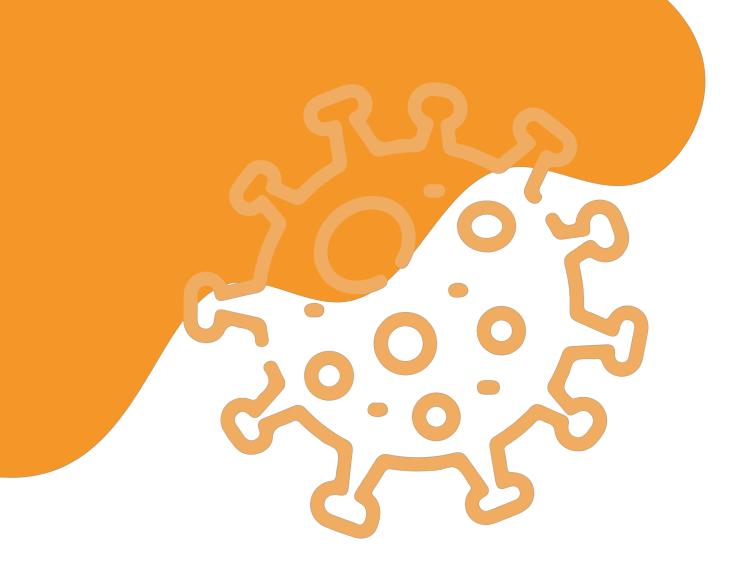












Cap. 1

## A COVID-19



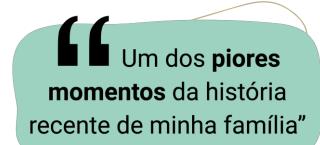
Um amigo de outra cidade faleceu em março. Ele dividia os sintomas conosco no grupo e os relatos de que ia no posto de saúde e diziam que não era nada. A gente tem quase certeza de que era Covid porque ele era grupo de risco e teve muita falta de ar e também febre. O teste não foi feito nem depois de morto. (Sophia Chassot, publicitária, pós-graduação, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

Tenho amigos do serviço de saúde infectados pela Covid-19. Nessas situações eles puderem ficar em casa após terem feito o teste e dado positivo. Mas muitos têm sintomas leves e não foram testados pela instituição. (Guilherme Gomes Ferreira, assistente social, pós-graduação, mora com dois amigos, branco, homem cisgênero, homossexual, 10/07/2020).

Minha mãe contraiu o vírus, porém ao procurar auxílio médico em postos de saúde acabou sendo transferida de um setor ao outro até pedirem para ela se isolar durante 15 dias sem contato com ninguém. Ela ficou na casa de um parente sozinha e uma vez a cada três dias alguém ia buscar o lixo que era duplamente embalado e levar as compras. (Desenvolvedor de software, ensino superior incompleto, mora com a tia e a avó, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 22/07/2020).

Minha tia foi internada na Santa Casa. Esse sem sombra de dúvidas foi um dos piores momentos da história recente de minha família.

O imaginário criado pelas imagens e notícias veiculadas agem sobre o corpo das pessoas sob a forma de incerteza e sobretudo angústia.



O resultado chegou dois dias após a internação. Felizmente, ficou poucos dias e voltou para casa. Entretanto, as marcas de sentimentos estão aí fortes, não serão removidas tão rápidas quanto a sua "recuperação" da doença. (Thales Sanson de Bem Schäfer, estudante de História na UFRGS e de música na OSPA, ensino superior incompleto, mora com a mãe e com a tia-avó, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).

No Domingo de Páscoa [2020], descobrimos através de exames que estávamos todos infectados aqui em casa... Sintomas leves, nada que já não tivéssemos passado com qualquer gripe... A não ser pelo fato de pensarmos nas consequências ainda discutíveis que podem vir a ocorrer. A assistência da saúde por parte da prefeitura, que seguiu nos monitorando via telefone por duas semanas, foi essencial para termos ciência que estávamos sendo de alguma forma cuidados. (Guia de turismo, ensino superior incompleto, um filho, mora com a companheira, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre 14/07/2020).

Um dos meus primos foi contagiado no trabalho e mesmo não fazendo parte de nenhum grupo de risco precisou ser hospitalizado. Já se recuperou, mas a farmácia na qual ele trabalha, no interior do estado, tentou abafar o caso e não dispensou os outros funcionários que tiveram contato com ele.

(Estudante, bolsista de iniciação à docência, ensino superior incompleto, mora com a família, branca, mulher cisgênera, bissexual, Porto Alegre, 23/07/2020).

Um tio foi infectado, quase morreu, internou-se em UTI por 10 dias.
Por ter excelentes condições financeiras e acesso à saúde privada foi para uma UTI de ponta e sobreviveu.

O medo de perdê-la para uma doença que julgo ser evitável foi uma sensação terrível"

Ainda está em recuperação. Foram dias muito tristes pois o medo de perdê-lo para uma doença que julgo ser evitável foi uma sensação terrível. (Médica, pós-graduação, dois filhos, mora com marido, filhos e sogra, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 30/07/2020).

Um inferno, falta de ar sempre, a febre consumindo o corpo que não tem força nem pra comer, o xixi sai fervendo, o corpo não se aguentando, tomando 50 remédios diferentes, indo na sorte. Mas a assistência médica foi excelente no convênio. (Farmacêutica, ensino superior completo, mora com os animais, branca, mulher cisgênera, heterossexual, São Leopoldo, 30/07/2020).

Meu tio que mora no Rio de Janeiro, octogenário, morreu de Covid no final de junho [de 2020]. A família está arrasada, pois ele era a "cola" que unia a todos. (Professor, pós-graduação, dois filhos, mora com os filhos e com a esposa, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 30/07/2020).

Foram infectadas, respeitaram isolamento e se curaram sem contaminar ninguém"

Tias foram infectadas, respeitaram isolamento e se curaram sem contaminar ninguém. (Técnico de calçado, ensino superior completo, dois filhos, mora com a esposa e filhos, pardo, homem cisgênero, heterossexual, Campo Bom, 21/08/2020).

Momentos de angústia e preocupação. Assistência recebida lenta, mas satisfatória (SUS) [Sistema Único de Saúde]. (Geógrafo, ensino superior completo, mora com a família, branco, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 29/10/2020).

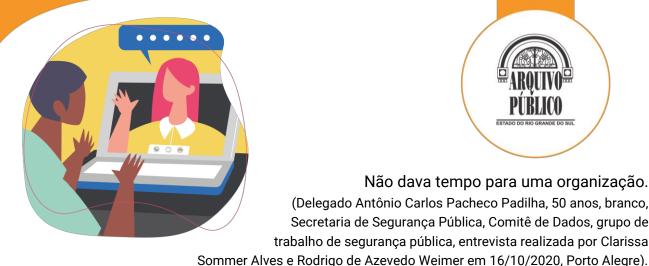


Meus familiares que contraíram Covid sabiam que correriam esse risco, pois não seguiram os protocolos de isolamento.

Foram atendidos e se recuperaram.

(Técnica superior penitenciária/psicóloga, pós-graduação, dois filhos, mora com o marido e filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Imbé, 12/07/2021).







Não dava tempo para uma organização. (Delegado Antônio Carlos Pacheco Padilha, 50 anos, branco, Secretaria de Segurança Pública, Comitê de Dados, grupo de trabalho de segurança pública, entrevista realizada por Clarissa

A pandemia então, foi um assunto que nos tomou e nos toma hoje, 24 horas mesmo. (Secretária Tânia Moreira, 61 anos, branca, Secretaria da Comunicação, Gabinete de Crise. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 22/4/2021, Porto Alegre).

Não havia expectativa, a gente não sabia o que iria acontecer. Quem diz que sabia, quem diz que tinha expectativa, está mentindo. Ninguém sabia. Ninguém sabia [com veemência]. Nenhum país do mundo sabia, ninguém sabia. Então eu digo claramente, você tem que cuidar muitas vezes com o arquiteto de obra pronta. Ninguém sabia, todo mundo estava tateando. Ou seja, era um processo de dia a dia, você saber para onde você está indo. (Secretário Cláudio Leite Gastal, 51 anos, branco, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 25/09/2020, Porto Alegre).

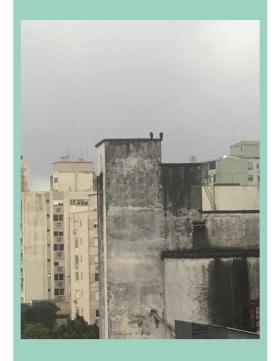
Eu acho as *fake news*, em um período de pandemia, é uma outra forma até de tu matares pessoas. (Secretária Tânia Moreira, 61 anos, branca, Secretaria da Comunicação, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 22/04/2021, Porto Alegre).

E aí, assim, tudo virou de cabeça pra baixo! Porque no começo ninguém sabia nada, não tinha documento técnico, não tinha protocolo. E eu digo: foi uma loucura? Foi, mas pra mim, foi uma loucura diferente, porque eu ainda estava muito confusa [devido a questão de saúde anterior]. Era todo mundo muito assustado, todo mundo muito preocupado, e o nosso setor não teve autorização pra parar, pra fazer teletrabalho. Todas as ouvidorias do estado estão em teletrabalho [...] mas a nossa ouvidoria foi a única que continuou atendendo, inclusive presencial, e isso impacta. [...] Quando começa a pandemia no ano passado, a gente estava com a equipe cheia, mas de cara, duas semanas depois, a gente já perde dois estagiários. Eu não sei o quanto vocês conseguem lembrar, mas assim, era todo mundo muito assustado, de fato era isolamento, a orientação era "figue em casa, figue todo mundo", e a gente tinha que vir, a gente tinha que vir todos os dias. As pessoas não sabiam muito bem como era a questão da transmissão com tanta segurança como tem hoje, então era tenso. Havia uma ansiedade muito grande, especialmente por parte dos estudantes. E a gente não tinha, enquanto técnico, segurança para dizer certas coisas, nem para o cidadão, nem para os nossos estudantes. Isso foi muito difícil. (Beatriz Galvão, 38 anos, branca, coordenadora técnica da Ouvidoria do SUS, Secretaria da Saúde. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 05/08/2021, Porto Alegre).

Na verdade, no início da pandemia, eu percebia que era tudo bastante incerto, inclusive para os grupos especialistas que a gente estava conversando diariamente, era tudo muito incerto. A gente estava tentando se preparar para o pior, produzindo uma série de análises, as mais variadas análises possíveis para tentar se preparar para o pior. (Subsecretário Diego Ferrugem Cardoso, 42 anos, branco, Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão, Comitê de Dados, grupo de trabalho de infraestrutura, mobilidade e logística, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 06/10/2020, Porto Alegre).

Enquanto cidadã e enquanto economista, entendo que em primeiro lugar a saúde; entendo também que o setor público tem uma responsabilidade de buscar fazer esse equilíbrio, se é que é possível a gente tratar dessa forma. Esse equilíbrio entre afastar as pessoas e dar as condições de saúde, mas também é necessário prover as condições de vida para essa população; e de discutir formas adequadas de como fazer isso, para uma parcela da população que não consegue sobreviver sem o apoio do Estado, no momento de pandemia e de fechamento do comércio. (Subsecretária Iracema Keila Castelo Branco, 40 anos, branca, Subsecretaria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão, entrevista realizada por Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/10/2020, Porto Alegre e Canoas).

Eu sou funcionária pública há 20 e tantos anos, então a gente já tem a experiência de como funciona a coisa pública, né? De como são os comportamentos dos gestores, a gente já sabe como é. E de cara eu vi que era um negócio grande, pela forma com que os gestores começaram a encaminhar. Eu lembro que mandar para casa foi lá por uma quarta-feira, e na semana anterior nós já estávamos com aquilo vindo: ó, vamos enviar para casa. E eu comecei a falar para minha família assim: olha, é uma coisa grande que está vindo, porque eu nunca vi se comportarem como estão se comportando, eu nunca vi falar em que a gente vai pra casa, e de uma forma tão rápida, com uma preocupação tão grande. E a gente notava isso, notava que começava aquela organização para irmos pra casa. (Leila Verena Rivas, 41 anos, branca, analista de planejamento, orçamento e gestão [APOG], Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 09/12/2021, Porto Alegre).



"Dois urubus no telhado de antigo moinho de farinha no bairro Floresta, Porto Alegre, 16/06/2020. Durante muitos meses tenho os observado voando juntos, inclusive hoje, 07/04/2021. Antes da pandemia nunca havia parado para observar." Foto: Cláudia Mauch Ontem, infelizmente, batemos o recorde de mortes na pandemia, foram **502 óbitos**" [no RS, em um dia]

Posso dizer a vocês que lá no início da pandemia, lá em março, abril, jamais imaginava que nós pudéssemos ficar um ano vivendo o que estamos vivendo. Agora, no mês de março de 2021, um ano após, estarmos chegando no momento pior da pandemia no nosso estado, no pico, por assim dizer, dessa doença. Ontem, infelizmente, batemos o recorde de mortes na pandemia, foram 502 óbitos, registrados na data de ontem, ontem foi 16 de março. Iniciamos há um ano atrás, no dia 10 de março, a primeira morte, e um ano depois, em um só dia, o registro de 502 mortes. Então jamais poderia imaginar, lá atrás, no início disso tudo, que pudéssemos chegar a esse momento. (Vice-governador e secretário Ranolfo Vieira Júnior, 54 anos, branco, Secretaria da Segurança Pública, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 17/3/2021, Porto Alegre).

Mas aquilo me deu bastante angústia, porque às vezes a gente estuda, e propõe, enfim, estuda muito e propõe coisas que o governo acaba não adotando, então não vai pelas evidências científicas. Embora eu seja da área, e entenda o peso que a política tem nas Políticas Públicas, é um pouco... enquanto cidadã, é um pouco frustrante, porque a fome não espera, a fome não espera. Então a gente quer agir muito rápido. E isso foi muito no começo, foi lá em março e abril de 2020, quando a gente não sabia muito bem [...]. Porque quando a gente parou [...], que as escolas pararam em 18 de março, se não me engano, de 2020, a gente achou que ia ser por duas semanas. Muitas pessoas, a maioria das pessoas achou que ia ser por duas semanas. Mas a gente sabia aqui que não ia ser isso, a gente estava vendo no mundo inteiro que não ia ser assim. Então dentro do Comitê, tu veres as coisas andando muito devagar é frustrante, dá um desespero. E depois, os Centros de Referência de Assistência Social, os CRAs e os CREAs, que são os equipamentos públicos, na verdade, que chegam mais

perto do público de maior necessidade, eles fecharam. E a gente não tinha informação. Eles fecharam e não tinham orientação do governo federal – porque eles são parte da rede do Sistema Único de Assistência Social – não tinham uma orientação do governo

Porque quando a gente parou [...] a gente achou que ia ser por duas semanas"

federal de, justamente, manter plantão, manter as pessoas próximas, cuidar das pessoas. E isso, pra mim, foi muito crítico. (Aline Gazola Hellmann, 48 anos, branca, assessora técnica, Subsecretaria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas/SPGG, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 27/7/2021, Porto Alegre).

O momento que o médico dava a notícia que o seu familiar foi a óbito era de muita apreensão, muito desespero. Mesmo que esteja numa UTI com Covid, sempre há uma esperança de melhora, pois muitos pacientes evoluíram e saíram da UTI. A despedida, pelas regras sanitárias estabelecidas de não poder ter contato foi bastante impactante para nós, também. (Entrevista de Alexandre Formighieri de Mello, coordenador de enfermagem das UTIs, branco, 44 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 12/08/2021).

Tive a situação de uma moça de 38 anos, com duas filhas, de 8 e 12 anos. Quando teve o desfecho, o esposo foi avisado na porta da UTI pelo médico plantonista. [...] ele chegou para conversar comigo e perguntou assim: "E agora o que eu faço? O que vou dizer pras minhas duas filhas?" [...] Elas não vão ver a mãe nunca mais, pois ela vai ser velada com caixão fechado. Isso deixa a gente muito frustrado, muito triste. (Entrevista de Anderson Betile Rodrigues, supervisor de enfermagem das UTIs Covid, branco, 43 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 13/01/2021).

dizer pras minhas duas filhas?!
Elas não vão ver a mãe nunca mais"

Teve uma médica que trabalhava com a gente que infelizmente... Foi muito triste. [...] Ela era bem jovem; mais nova que eu. Eu me lembro dela sorrindo e cantando no corredor da Emergência. Eu nunca imaginaria que essa doença ia levar ela tão nova. Trabalhava como plantonista. Trabalhou muito na Covid, mas infelizmente... [...] Era uma pessoa muito querida. Todo mundo ficou muito chocado. (Entrevista de Gabriela de Oliveira Lemos, técnica de enfermagem na emergência do Hospital Dom Vicente Scherer, branca, 42 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 14/03/2022).

[...] o doutor Burlamaque, anestesiologista aqui no Pereira Filho, há muitos anos, participou da formação de muitos colegas. O doutor "Burla" era um personagem bem querido por todos. [...] Era muito reconhecido. Ele não queria ser entubado, mas chegou um momento que não tinha outra alternativa. Faleceu dentro da UTI, aqui no Pavilhão, onde ele dedicou a vida dele. [...] Foi muito triste. [...] Ele acabou perdendo pra esse vírus. (Entrevista de Carlos Alberto Teixeira Farias, médico anestesiologista, branco, 50 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 01/02/2022).

Nós tínhamos uma paciente que não era do grupo de risco, mas desenvolveu insuficiência respiratória; acho que ela tinha 33 anos. Minha colega foi entubá-la e ela agarrou na mão e disse: "Doutora, eu não quero morrer, não me deixa morrer". Foi uma emoção para todos nós. Minha colega saiu de lá e chorou, exteriorizou a emoção dela. Haja coragem. Às vezes, a gente despenca um pouco, mas não se pode descontrolar. (Entrevista de Jorge Amilton Höher, médico intensivista, coordenador médico, chefe da UTI Central do Hospital Santa Clara, branco, 69 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 10/02/2021).

Em torno de 40% dos pacientes internados na UTI do Pavilhão faleceram, em situações muito marcantes, muito tristes. Na pandemia tu vê a impotência da Medicina, em favor da morte. [...] vai demorar para passar o luto. Não tem como esquecer, e tudo isso foi de uma hora para outra. [...] não tem o que dizer para uma mãe que o filho dela faleceu; não existe uma forma menos horrível de dar esta notícia. (Entrevista de Taiani Vargas, médica intensivista, coordenadora da UTI do Pavilhão Pereira Filho, branca, 40 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 24/08/2021).

O nosso técnico, nosso enfermeiro se doou tanto, e no momento que alguém da família dele morre, a gente tem que dar apoio, e nesse momento quebrar protocolos"

A ideia foi criar um hospital de campanha, porque Gravataí é uma cidade muito grande. [...] O que mais me pesou é ver o familiar de funcionário falecer. O meu time me chamava e dizia: o familiar está morrendo. Acho que a gente tem que vir para dar o apoio. O nosso técnico, nosso enfermeiro se doou tanto, e no momento que alquém da família dele morre, a gente tem que dar apoio, e nesse momento quebrar protocolos. (Entrevista de Jaqueline Petittembert Fonseca, coordenadora de enfermagem do Hospital Dom João Becker/Gravataí, branca, 46 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 31/08/2021).

[...] teve muito sepultamento direto. Poucas pessoas da família; um momento bem difícil, que realmente machuca a gente. Poucas pessoas querendo estar junto e não podendo. [...] Outros, nem a família acompanhava. Somente a funerária trazia o corpo e a gente fazia o sepultamento. [...] Teve situação de desespero muito grande, também. (Entrevista de Paulo Fernando da Silva Fidelis, encarregado do pátio do Cemitério, negro, 58 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 04/02/2021).

No começo da pandemia, para remover, as funerárias vinham paramentadas com aquelas roupas especiais. [...] As bordas do caixão eram todas fechadas com silicone e zincadas. Aí, depois, eles fechavam com a tampa normal. Hoje, já é de maneira diferente; é só uma fita adesiva que eles colocam num fecho do saco mortuário: tá pronto para levar. (Entrevista de Adalberto Cruz dos Santos, auxiliar de necrotério,

pardo, 37 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 30/08/2021).

As bordas do caixão eram todas fechadas com silicone e zincadas"

Tem que se ter um equilíbrio psicológico muito grande para acompanhar uma família que está enlutada. [...] A pandemia mudou muito a vida da gente, que não vamos esquecer pro resto da vida. A gente se sente como se tivesse com as mãos atadas, diante de pessoas que não tiveram como se despedir do seu familiar falecido. [...] Chegamos a oferecer uma cerimônia depois, só da urna da cremação. [...] de alguma forma confortou. (Entrevista de Rafael José Oliva Vinholes, analista administrativo do Cemitério, branco, 44 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 13/01/2021).

Na verdade, quando avisaram que a gente ia entrar em quarentena foi um dia que fui pra Porto Alegre, eu ia pro aniversário dos meus irmãos na casa do meu pai e aí eu não estava no IFRS. Mas foi muito louco, porque aquele início de 2020, tinha a Covid [mas] todo mundo brincando naquelas duas



primeiras semanas de aula. Tinham pessoas que usavam máscaras literalmente para rir, falando "hahaha, olha aqui o vírus e tal". E aí, quando foi falado "vamos entrar em quarentena", foi tipo "Opa, isso aí é sério! Sério que isso ficou sério?" E eu achava que não ia voltar tão cedo no fim de março, como todo mundo achava. Mas eu pensava, no meio de abril, final de abril, tudo ia voltar, sabe? A gente não vai muito tempo sem aula e no fim, a gente ficou muito tempo! [...] Estava todo mundo muito despreparado e desacreditado do que ia acontecer. (Maria Virgínia Souza Guimarães, 20 anos, estudante, IFRS Campus Osório).





Imagem à esquerda: Atendimento no Serviço de Referência em Raio X Odontológico CS Santa Marta, Porto Alegre. Julho de 2020.

Imagem à direita: Confeccionar máscaras sem elásticos, Porto Alegre. Abril de 2020.

Fotos: Catia Rubinstein Selistre

Era verão de dezembro de 2019, [início de] 2020. A gente escutava assim, falando bastante da pandemia, que o governo brasileiro estava indo buscar algumas pessoas que estavam em Wuhan, na China, mas aquilo ali parecia uma coisa meio distante. A gente não tinha noção do que que viria, né? Então eu lembro assim que naquele momento, eu pensava naquela... [que] não foi classificada como pandemia e que ocorreu em 2010, a H1N1. Então eu imaginava que ia ser algo mais ou menos, a gente não tinha noção da

magnitude, do que viria. [...] A gente imaginando que ia ficar uma semana, duas semanas... Então, no início, foi uma coisa meio assustadora, mas por um lado, a gente não tinha como adivinhar. Então tá, ficar um mês, dois meses e a gente não sabia nada do que iria acontecer. Então me pegou assim e eu tentei ser, eu fui otimista: a gente vai ficar uma semana, duas semanas

O governo brasileiro estava indo buscar algumas pessoas que estavam em Wuhan, na China, mas aquilo ali parecia uma coisa meio distante"

(Adriana Silvester Quadros, 47 anos, servidora docente, IFRS Campus Osório).

e depois a gente vai retornar, vai recuperar essas aulas.



Essa experiência [da morte do paciente com Covid-19 que a família não consegue se despedir] é muito triste, sabe Edna? Como eu digo, eu não me robotizo na minha profissão, eu sou humana ainda. Então, sempre que eu penso que um paciente nosso lá, que está lá conosco há 30, 40 dias - isso são muitos dias, não é pouco - a família deu o "tchau" para eles lá na emergência e não vê mais esse paciente. A gente da enfermagem é a ponte da família, a ponte do sentimento. Por isso que muitas vezes eu pego a mão deles e digo, "vamos lá, vamos sair daí". Então, a experiência da morte vem associada à informação médica de que não temos mais nada a oferecer para esse paciente. Ali naquele paciente a gente já começa a observar sinais de baixa da frequência cardíaca, diminuição da pressão arterial, sintomas que a gente sabe que [a morte] vai acontecer. Mas a gente não sabe a hora. Não se desliga nada [...]. Eu começo a pensar na parte espiritual e nessa linha fina que liga nós ao mundo que nós não sabemos qual é [...]. Eu espero o monitor zerar e vem a parte da preparação do corpo. Essa é uma parte difícil. A gente vai embalar um familiar que não vai ser visto pela família. (Rosita da Silva Leirias, graduada em História pela UFRGS e técnica em enfermagem em hospital público, 54 anos, branca, mãe de um filho, entrevistada por Carla Simone Rodeghero e Edna Ribeiro de Ávila em 13/08/2020, Porto Alegre).

Uma prima da minha mãe [...] teve o neto dela de 3 anos e o filho dela contaminados com a Covid; o neto ficou em isolamento no hospital junto com a mãe, e o pai da criança ficou em isolamento em casa [...]. Uma prima, também da mãe, que trabalha na linha de frente, ela é enfermeira, ou técnica, também se contaminou com a Covid, ela e a namorada; e eu tenho outro primo da minha mãe e da minha tia que tá hospitalizado com Covid, que tá entubado, tá numa situação um pouco delicada. [E no que se refere aos

Eu quero ver quando acabar, quando tudo isso minimamente passar, e a gente retomar a vida fora de casa, o que que vai ser?"

cuidados], teve um dia que eu disse pra ela [tia]: olha só, não adianta tu me falar de tantos números de mortos se tu chega em casa da rua e não troca a tua roupa (pelo menos trocar a roupa), lava a tua mão. E aí ela

começou a se preocupar e a se apavorar quando os familiares começaram a aparecer com Covid [...]. E eu acho que a maior parte da população vai por este viés: sabe, de despreocupação, de que "não vai acontecer comigo"[...]. Raramente eu saio, até porque tem questões das crianças; eu tive uma vez que atender uma demanda do meu trabalho, presencial, e nossa [as crianças:] "não mãe, não vai, trabalha em casa..."; eu digo: eu quero ver quando acabar, quando tudo isso minimamente passar, e a gente retomar a vida fora de casa, o que que vai ser? (Pilar Barcellos Sanchez, estudante de Pedagogia da UFRGS, mãe de duas crianças, branca, 39 anos, entrevistada por Alanna de Jesus Teixeira e José Augusto Zorzi em 14/09/2020, Porto Alegre).

Não tem como a gente não **rever algumas posições na vida** quando se está pra perder alguém"

Então eu experimentei a Covid [...]. Os sintomas foram muito, assim, muito brandos. Ele [o marido] chegou a ficar hospitalizado, então eu pude experimentar aquilo que estava se ouvindo de fato, a tua angústia de estar longe, o medo da morte mais concretamente [...]. Mudou o sentido, talvez, acho mais profundo... é de procurar aproveitar o dia, aproveitar as oportunidades de uma forma mais, mais intensa, e ser grata por tudo que acontece. Porque não tem como a gente não rever algumas posições na vida quando se está pra perder alguém, né [...]. (Ana Paula Fernandes de Lima, psicóloga, familiar de estudante da UFRGS, mãe de dois filhos, parda, entrevistada por Regina Célia Lima Xavier e Letícia Wickert Fernandes em 22/10/2021, Guaíba e Porto Alegre).

Eu creio que a maior mudança que aconteceu na minha vida foi o falecimento da minha mãe, que foi agora em maio deste ano [de 2021]. Eu não tenho laudo, exame, para provar que foi de Covid-19, mas ela estava com uma insuficiência respiratória, falta de ar muito considerável. Ela chegou a fazer um exame PCR e esse exame PCR deu negativo. Depois, quando ela faleceu, a vigilância sanitária fez outro exame PCR nela, também deu negativo. Mas a gente sabe que o PCR só mostra se o vírus está ativo no teu corpo no momento que você está fazendo o exame. Só o exame sanguíneo, ele mostra se passou pelo teu corpo e gerou algum anticorpo, alguma coisa. A minha desconfiança, minha e da família, é de que ela... o vírus passou pelo corpo dela, e deixou uma sequela respiratória. Porque ela já tinha assim doenças respiratórias, ela era diabética, ela era uma pessoa com comorbidades. Então, acredito que essa falta de ar que ela estava tendo, era sim uma sequela da doença [...]. A própria questão do isolamento social trouxe uma carga psicológica nela muito alta, porque a minha mãe morava sozinha mas eu estava sempre lá com ela, todos os finais de semana e tal. Mas quando começou a bandeira preta, que foi o período mais complicado, eu parei de ir lá. Justamente com o intuito de preservá-la, porque eu voltei a trabalhar presencialmente na rua, enfim, e aí eu não queria expor ela. Só que isso trouxe uma consequência psicológica muito alta pra ela, porque a minha mãe nunca foi uma pessoa que gostava de ficar isolada, sem contato com as pessoas, contato físico que eu digo. (Estudante de Ciências Humanas na UFRGS, 26 anos, branca, entrevistada por Felipe Neitzke Nunes e Ricardo Scarpini em 23/07/2021, Alvorada e Porto Alegre).

Eu vejo as lives do Átila<sup>1</sup> [riso] e eu vejo documentários mais específicos. Às vezes sai alguma coisa sobre os laboratórios que estão produzindo as vacinas agui, algumas pesquisas. Eu recebo alguns textos de canais mais específicos [...], coisas mais fora da linha das TVs abertas. E eu busco ler alguma coisa, mais daí tentando me aprofundar em alguma temática. Mas eu realmente assim, no ano passado eu ainda tava lendo, tentando entender e daí eu retomei algumas leituras sobre o próprio conceito de "construção do outro", que foi uma temática da minha dissertação que... e aí tentar compreender como a gente constrói o outro. Se o outro é extensão de nós, como a gente consegue construir um outro inimigo. E eu dei uma parada nas leituras... No final das contas, tu consome aquilo que é possível, até o ponto em que o teu estômago diz, assim, "chega! Eu vou ver uma série beeem comercial daquelas que passam na Netflix, eu vou ler um livro beeem água com açúcar, de uma mulher ciumenta que se rasga toda por causa do... Ler o oposto e depois eu volto aqui". Ou "eu vou brincar com a minha cachorra porque não tem muito...". Eu tenho a sensação de que o que salva ainda é tu conseguir fazer um caminho entre as duas coisas: entre tu te manter informada e tu olhar pros olhos das pessoas que tu ama e te manter humana. E transitar entre isso com alguns acolhimentos pessoais, sendo gentil contigo mesmo porque senão tu não sobrevive a toda essa confusão. (Neila Prestes de Araujo, professora aposentada, componente do Conselho do IFRS Campus Restinga e colaboradora do Observatório da Comunidade e do NEABI, 51 anos, branca, mãe de um filho, entrevistada por Carla Simone Rodeghero e Vithória Konzen Dill em 20/04/2021, Porto Alegre).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Átila lamarino, biólogo que realiza divulgação científica



Então, eu sou do Rio, né, então quando, no início do ano eu estava no Rio, estava de férias da faculdade. Daí cheguei aqui e era janeiro ou fevereiro, porque... fevereiro, né. Acho que era início de fevereiro, porque eu queria chegar bem antes do início letivo para gente organizar. A gente tinha acabado de se mudar e queria

organizar a nossa casa nova, para estar tudo certo quando começasse o ano letivo, né. E aí mas com aquele burburinho do coronavírus, e tudo mais, mas a gente levando a vida normal. E aí, se eu não me engano, algum tempo depois, dias antes, né, saiu o comunicado da UNIPAMPA dizendo que ia ser cancelado o início das aulas por tempo indeterminado e a gente meio que já sabia, já esperava, mas estava todo mundo com aquele sentimento de "ah, daqui a pouco volta tudo ao normal, ah vai ser coisa de semanas, alguns meses no máximo, um, dois meses, a gente volta no meio do ano". E com o tempo a gente foi vendo que não, né. As coisas foram só piorando, e assim, particularmente o que mais mudou na minha rotina foi a falta dela. Assim, né, a gente ter que reinventar todo nosso cotidiano a partir de atividades que a gente tinha anteriormente, mas não tem mais, não tem perspectiva de retomar. Eu acho que esta falta de perspectiva é o pior, a gente acorda meio desmotivado, a gente acorda sem ter um motivo do que fazer aquele dia. O que a gente vai desenvolver a partir daquele dia, tipo, hoje é tal dia, dagui a uma semana o que eu quero estar pronto, dagui uma semana o que eu quero. A gente não sabe, porque o meu objetivo aqui na cidade é a faculdade. Então, este objetivo fica muito nebuloso, para mim especificamente. Porque eu tenho uma família que fica perguntando quando eu vou voltar, se eu vou voltar. É... final do ano, não sei se eu vou para o Rio

porque eu tenho medo. Eu tenho medo porque lá a situação, por mais que seja uma cidade maior, a situação está pior, muito pior. Então eu fico com medo de voltar para casa, contrair algo, levar para eles, ou trazer algo para cá, né. Então, a minha rotina mudou neste sentido assim. Essa falta de objetivo e sentido, é muito perturbadora assim. Eu iniciei até a terapia, né, a distância também, mas eu achei que preciso, pois neste momento, para as coisas não piorarem, eu pensei "cara, eu preciso conversar com alguém, eu preciso ter este acompanhamento". Porque fica tudo mais difícil, assim, a convivência, o dia a dia, está sendo bem difícil por conta de toda a falta de motivação, que era o que me dava na faculdade, que era o que eu tinha na faculdade e agora eu não estou tendo mais. Por esta falta de rotina. E aí quando eu paro para pensar sobre o ensino remoto, eu me faço vários tipos de pergunta. Tudo bem, eu vou ter as minhas atividades remotas, mas e o contato com as pessoas? E a ida à instituição? E aquele calor, "pô e aí, tudo bem? Como vocês estão?". De conversar com o professor, de ver outras pessoas. Tudo isso a gente antes de estar numa situação destas pensa, "ah, são coisas tão bobas". Mas não é boba, sabe, a gente precisa disso. A gente precisa conversar com outras pessoas, a gente precisa desta troca. E o ensino remoto não vai ter isso. E é aquele questionamento, qual vai ser o contato com o meu professor real? Ele vai estar ali todo dia conversando comigo ou ele vai mandar atividades aleatórias, e eu vou ter que pesquisar sozinha? Vou ter que fazer sozinha para depois entregar o trabalho feito já. Como vai ser esta dinâmica entre professor e aluno? É tudo um grande ponto de interrogação né, que só piora esta incerteza na nossa cabeça como estudante. Então, assim, está sendo bem difícil. Está sendo bem complicado, assim. Toda esta incerteza, de não sei o que vai acontecer. (Pietra Carrilho da Silva, estudante da Unipampa, negra, entrevistada por Caiuá Cardoso Al-Alam, Guinter Tlaija Leipnitz e Sara Teixeira Munaretto, 13/08/2020).

Arte: Denise Kuperman. 13/01/2022. Instagram @ddkuperman







Arte: Alice Costa. 08/08/2020. Instagram @alice.arte.design

Arte: Ysmael Ventura. 30/06/2021. Instagram @ysmaelventtura



Cap. 2

## ISOLAMENTO SOCIAL

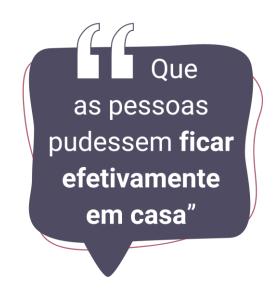


No momento, [o isolamento] é a única estratégia que conhecemos que tem eficácia. Para que possa ser sustentada depende do apoio do Estado e da sociedade como um todo, pois é preciso assegurar a manutenção e sobrevivência das famílias. Penso que o Estado, entidades empresariais e organizações sociais deveriam estar contribuindo para assegurar que as pessoas pudessem ficar efetivamente em casa, com

acesso a comida e medicamentos, e não precisassem sair – sendo a principal carga deste investimento responsabilidade do Estado. Tal manutenção deve ser vista como investimento. (Andréa Fachel Leal, antropóloga/ professora universitária, pós-graduação, dois filhos, mora com o marido e um filho, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

### Estamos adiando o inevitável.

(Jocimara Andreia Koenemann, técnica em enfermagem, ensino superior incompleto, três filhos, mora com dois filhos, "normal", feminina, heterossexual, Novo Hamburgo, 10/07/2020).



Do ponto de vista epidemiológico, me parece a melhor estratégia até que haja vacinação em massa. (Nilo Barcelos Alves, professor, pós-graduação, um filho, mora com a esposa e filha, branco, masculino, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

Por enquanto, me parece ser uma boa estratégia de contenção da pandemia, mas deveria ser complementada com a testagem em massa da população, enquanto não houver uma vacina eficaz. (Maria Regina Lucena Borges Osório, professora universitária aposentada, pós-graduação, dois filhos, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 16/07/2020).

Uma burrice, o melhor seria isolamento das pessoas de risco. Com todos trabalhando e usando máscara, higienizando as mãos. Enfim tomando os cuidados necessários. (Engenheira agrônoma, ensino superior incompleto, um filho, mora com esposo e filho, "brasileira típica – união das raças", mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 13/07/2020).

Para mim é a única forma eficaz atualmente, uma vez que o sistema de saúde não está preparado para dar o atendimento necessário pelo tempo necessário. (Viviane Bastos Lopes, analista financeira, ensino superior completo, mora com a mãe, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Osório, 16/07/2020).



Natal familiar. 24/12/2020. Foto: Arquivo pessoal / Rodrigo Weimer

Tremendamente eficaz, embora cause danos à saúde mental. (Victoria Cazarim Moreira, estudante de licenciatura em Artes / artista, ensino superior incompleto, mora com os pais, branca, mulher cisgênera, bissexual, Estrela, 23/07/2020).

Uma estratégia mais eficaz para quem se encontra com os sintomas, porém ruim no momento em que não se pode trabalhar para conseguir o salário para as contas; porque conheço pessoas honestas que não receberam os auxílios emergenciais do governo, e ao mesmo tempo conheço outros que nem precisam que conseguiram-no. (Taís Hélen Voltz, revisora em indústria, ensino superior incompleto, mora com os pais, parda, mulher cisgênera, heterossexual, Araricá, 31/07/2020).



Na teoria é ótimo, na prática é falível.

Depender de outros seres humanos é
sempre falível. (Carolina Sebalhos,
mestrado em arquitetura e urbanismo,
ensino superior completo, mora com a
noiva, branca, mulher cisgênera,
homossexual, Pelotas, 14/08/2020).

[...] O isolamento social poderia ter sido positivo, como foi em outros países, especialmente na Europa, se tivesse, de fato, acontecido. O Brasil falhou em relação ao isolamento social e, por consequência, no enfrentamento da pandemia. Ela já é "vencedora" no Brasil. Falhamos enquanto país ao nos depararmos com mais de 100 mil mortes e ainda não termos perspectivas para um fim. (Jonas Ferrigolo Melo, servidor público estadual, pós-graduação, mora com o namorado, branco, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 12/08/2020).

[O isolamento social] me faz feliz! (Professora bióloga, pós-graduação, um filho, mora sozinha, negra, feminino, heterossexual, Porto Alegre, 12/07/2020).

É muito importante, mas depois de tanto tempo, se torna um tanto inviável psicologicamente. Acredito que se tivesse sido feito por todos, nos primeiros meses da pandemia, assim como fiz, não chegaríamos ao ponto que estamos. (Ana Carolina Ricardo Golombiewski, estudante, ensino superior incompleto, mora com a mãe, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 23/09/2020).

É um paliativo. O problema é que protege apenas a parcela com melhores condições financeiras da população. A parcela mais pobre acaba se expondo de qualquer forma. (Graziela Langone Fonseca, professora, doutorado, mora com o marido, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 14/09/2020).

É indiscutivelmente necessário, mas foi mal implementado pelas autoridades e mal adotado pela população. (Almiro Sagás Evaristo, estudante, ensino superior incompleto, mora com uma amiga, branco, homem cisgênero, bissexual, Porto Alegre, 16/09/2020).

PÚBLICO
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Porque eu acredito na ciência, acredito na importância da pesquisa.

De a gente ter registro, de a gente ter dados. Porque se a gente não tem essas coisas,

a gente está sempre no escuro. A vida está

sempre trazendo outros

desafios, e essa

pandemia é a prova disso. (Daiane Boelhouwer Menezes, 38 anos, branca, Comitê de Dados, grupo de trabalho de políticas sociais e educação, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 6/8/2020, Porto Alegre). Porque eu

acredito na ciência,
acredito na importância
da pesquisa"

Porque, na verdade, você vive dilemas morais [...]. Toda escolha é uma renúncia. (Secretário Cláudio Leite Gastal, 51 anos, branco, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 25/9/2020, Porto Alegre).

Eu acho que o isolamento social foi extremamente necessário.

Deu certo, principalmente aqui para o Rio Grande do Sul e

Porto Alegre. O isolamento conseguiu dar um *up*, um prazo a

mais para não decretar o *lockdown*, naquele momento. [...]

Na verdade, a capacidade hospitalar não daria conta de atender

a todos. (Entrevista de Severo de Oliveira Pereira, supervisor administrativo do

Cemitério, branco, 42 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 05/02/2021).

[...] se nós não tivéssemos feito esse isolamento, de que maneira o sistema teria se organizado pra criação desses novos leitos pra poder atender essa população? [...] Eu acho que o isolamento foi e é importante pra proteger os idosos e aqueles que têm comorbidades, e pra que o próprio sistema pudesse ter sido incrementado naquele momento. (Entrevista de Melissa Assmann Saraiva, assistente social, supervisora do Serviço Social, branca, 42 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 19/02/2021).

No primeiro mês, em abril, eu e minha família, a gente ficou mais em casa. A gente tem uma clínica odontológica, e nesse mês eu comecei a fazer o curso que eu tava fazendo na PUC online, e acabei trancando ele. Depois que passou esse mês da gente isolado em casa eu comecei a trabalhar com eles na clínica deles para ajudar, já que eles tiveram que

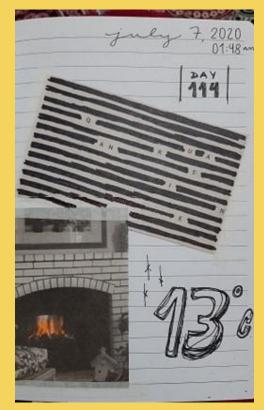
demitir os funcionários. Desde então a gente continua nossa rotina "normal". A gente vai pra lá todos os dias, que é no centro, e toma todas as medidas, usa máscara, passa álcool e vem pra casa, como se não tivesse pandemia. Nossa rotina continua a mesma em termos de locomoção e horários. (Vitória Brescancin Cerbaro, discente do curso de graduação em Direito, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 12 de abril de 2021, Porto Alegre).

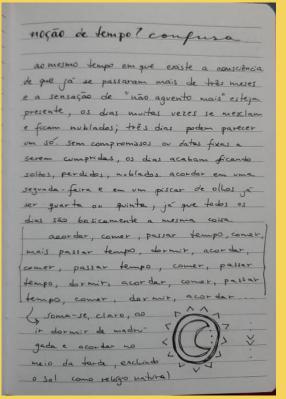


A gente toma todas as medidas, usa máscara, passa álcool e vem pra casa"

Arte: Rafael Cavalcante. 03/10/2020. Instagram @rafacavalcantefoto

Eu passava praticamente 17 horas fora de casa, eu fiz esses dias o cálculo. [...] O que mudou muito, porque aumentou muito a quantidade de horas que eu fico com a minha mãe, que é a pessoa que mora comigo. Antes a gente só se via quando eu chegava e ela tava logo indo dormir e quando ela acordava eu tava logo saindo, então nos dias da semana não a via ela, eu a via mais no final de semana. Estar com ela o tempo todo muda tudo, desde que eu tinha entrado na faculdade a gente não convivia tanto assim, mudou bastante. No início foi mais difícil porque tudo era muito estranho, a gente não tinha uma rotina juntas ainda. [...] Hoje eu tenho muito mais tempo e consigo ver mais e conversar com as pessoas porque antes eu não tinha tempo, meu tempo só existia no final de semana. Hoje eu tenho com a minha mãe a semana toda de convívio, e com outras pessoas eu também estou mais presente. Antes eu tava muito mais tempo fora de casa e resolvendo outras coisas da faculdade, do trabalho, e aí eu acabava estando mais ausente na minha família e nos meus grupos de amizade. [...]. É mais conseguir organizar do que realmente aumentou, assim, não tá mais só concentrado no sábado, domingo, porque antes eu tinha essas 48 horas, e agora eu tô mais disposta a ter um momento com minha mãe, com as minhas amigas, porque eu tenho tempo ao longo da semana. [...] Então sinto que aumentou muito a qualidade, principalmente no relacionamento com a minha mãe. A gente consegue conviver mesmo durante a semana, toda aquela coisa de poder almoçar juntas, poder conversar no final do dia, que eu não tinha com ela porque eu passava o dia fora. (Bruna Fumagalli Raffainer, discente do curso de graduação em Engenharia Civil, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 14 de abril de 2021, São Leopoldo).





Entrada em diário de Vithória, 07/07/2020. Fotos: Vithória Konzen Dill

No início acho que todo mundo ficou muito impactado, a gente tinha o hábito da minha família se encontrar todo domingo para fazer churrasco e se ver, mas acho que ali nos cinco primeiros meses, seis, ninguém nunca mais se olhou. A gente não se viu mais pessoalmente, principalmente porque meus avós estão sempre juntos, a gente tinha que ir na casa deles, tinha um contato bem próximo com a família, e cortou completamente dos dois lados da família, tanto da paterna, quanto a materna [...]. (Vitória Duzac Greco discente do curso de graduação em História, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 10 de junho de 2020, Porto Alegre).

Eu tive que ficar 14 dias isolado e o isolamento, para quem mora sozinho, ou mesmo quem como eu que peguei sozinho, não morava com mais ninguém, é bem difícil. É uma coisa... ficar em casa parado, não pode sair para farmácia, não pode ir no mercado, tu tens que ter vários cuidados. Então, na primeira semana eu não saí na segunda eu ia com muito cuidado p



semana eu não saí, na segunda eu ia com muito cuidado, porque eu tinha que comprar comida, eu não tinha uma pessoa pra me ajudar e eu estava me sentindo mais ou menos bem, mas eu tinha o cuidado de passar álcool em gel e não contaminar mais ninguém, porque tu tens que ter essa consciência. (Delmar Eduardo Kiekow, 50 anos, branco, residente em São Leopoldo, engenheiro elétrico, autônomo. Entrevista concedida a Marluza Marques Harres em 26 jun. 2021, por meio digital).

pro m nã fa: grande do sul no e

Eu ando muito mais ansioso, sem perspectiva de um ponto final pro que eu quero da minha vida [...]. Cresceu uma dúvida muito maior em mim, sobre o que fazer, ou o que é importante e o que não é. Minha namorada [...] soube lidar muito mais com isso, ela fazia acompanhamento psicológico, então ela conseguia pensar no que estava sentindo. Eu nunca consegui muito pensar no que eu sentia, foi bem difícil entender o que estava passando na minha

cabeça, ainda não entendo. É uma coisa que vai deixar cicatriz. [...] Meu irmão está com depressão, [...], ele tem dez anos, com esse isolamento e o impacto foi grande [...] vai deixar bastante cicatriz em muita gente. (Heitor Feitosa Flores, estudante de Engenharia Mecânica na UFRGS, 24 anos, branco, morador do Bairro Floresta, entrevistado por Natália Velho Noronha e Ricardo Scarpini em 26/10/2020, Porto Alegre).





Arte: Carol Yokota. 03/05/2020. Instagram @carolyart

Eu sei que em Viamão tá tudo aberto... tudo funcionando normal, tá um relaxamento mesmo, sabe? [...] No início muita coisa tava fechada, mas tu ainda passava numa lotérica ou numa fila que tivesse na rua, e era todo mundo bem juntinho, sabe? Agora não, agora tá melhor, todo mundo meio que se acostumou com isso. Mas... em relação aos meus vizinhos é estranho. Eu acho pior ainda. Eu acho mais negativo porque parece que não existe, sabe? A pandemia. Eu vejo muita gente sem máscara, muita gente se visitando, ficando muito junto... Muito, muito mesmo, sabe? Os filhos brincando um na casa do outro... Sei lá, eu acho que ainda não é o momento, sabe? Não acabou. O fato é esse, não acabou a pandemia. (Cristine Nunes Pujol Coitinho, estudante de Nutrição da UFRGS, 36 anos, negra, mãe de duas crianças, entrevistada por Cláudia Mauch e Carlos Eduardo Barzotto em 22/10/2021, Viamão e Porto Alegre).

Eu morava, moro em Porto Alegre, no centro, na casa do estudante, e a minha rotina era bem corrida [...]. Vinha para casa [em Casca] uma vez por mês mais ou menos para ver meus pais. Também era difícil porque não tinha condições de vir todo fim de semana, a passagem é muito cara e dependia de carona. Aí sempre fui meio independente dos meus pais e agora estar aqui morando com eles e convivendo todo dia foi uma coisa difícil de acostumar, porque toda hora estão chamando a gente, toda hora depende da gente pra tudo. Mês passado eu não estava aguentando mais e tive que ir para Porto Alegre para conseguir me organizar [...]. Acho que deu certo, consegui, no diretório da Faculdade de Agronomia, sempre tem atividades para fazer referentes ao diretório, mesmo que seja a distância, a gente está tentando manter as atividades, fazer lives e tal, eu estou envolvida com isso e é mais uma coisa que tinha que encaixar na minha rotina. Aí ajudar meus pais também, como é no interior, não tem hora, não tem dia, pode ser que aconteça imprevistos, a gente não bate cartão, a gente pode ficar até de noite trabalhando às vezes, trabalhando embaixo de chuva, enfim acaba que às vezes se programa para fazer alguma coisa de noite, para estudar ou fazer trabalho, e não consegue fazer, isso dificulta um pouco, mas não é impossível. (Karine Gavski, estudante de Agronomia na UFRGS, branca, 22 anos, entrevistada por Juliana Carolina da Silva e Manuela Perondi Pavoni em 21/06/2021, Casca e Porto Alegre).

O nosso apartamento aqui é na parte de trás do prédio. Então, no inverno inteiro, não bate sol. A gente virou quase uns morcegos aqui porque a gente não via sol, a gente não via a luz do dia, quase só pela janela, mas o sol do outro lado [...]. A gente praticamente não saiu de casa. Pra não dizer que a gente não saiu, mês passado, eu e o meu filho, a gente precisou ir no médico, pra ir no pneumologista, por causa da asma. Aí foi o único momento que a gente saiu de casa de verdade. E o meu companheiro, ele

A gente

virou quase uns

morcegos aqui

porque a gente

não via sol"

já trabalhava em casa, de home office, mas eu não [...]. Então, foi uma mudança completa pra mim. Agora, 100% do tempo em casa. Mas, olhando pelo lado positivo, tá sendo bom porque eu perdi muito do contato direto que eu tinha com o meu filho antes da faculdade. Então agora a gente pode se aproximar muito e isso eu achei muito bom [...]. Mas, ao mesmo tempo, é bastante assustador. Tu ver lugares que eram muito movimentados totalmente vazios ou com pouquíssimas pessoas na rua e as pessoas parece que têm medo umas das outras. Nós mesmos tínhamos medo de nos aproximar dos outros. Até mesmo de sentar pra esperar o médico chamar. Parando pra pensar é bem assustador. E criança pequena gosta de brincar, pular, se mover, tocar... Então a gente ficava tentando conter o nosso filho a todo o momento [...]. E ver que tu precisa proteger demais uma criança, ter que limitar o próprio desenvolvimento dela me deixa um pouquinho triste. [...] Eu me esforço, a gente se esforça bastante pra todo dia, pelo menos dar uma hora e meia, duas horas de alguma atividade pra ele [...]. A questão do trabalho, faculdade mais maternidade, o meu companheiro desde o início ele sempre, desde que o Lorenzo nasceu, ele sempre dividiu

todas as tarefas comigo, então a gente se reveza bastante. Quando tá um pouquinho mais folgado pra ele o trabalho e ele também estuda, ele assume os cuidados com o Lorenzo e eu faço o mesmo quando tá um pouco mais tranquilo pra mim. E assim a gente vai levando os dias. Tanto na divisão das tarefas domésticas, almoço, limpeza da casa, enfim, a gente vai fazendo assim, conforme a demanda de cada um. (Dardânia

Curtinaz, estudante de Relações Públicas na UFRGS e assistente de eventos, 29 anos, mãe de um menino, moradora do bairro Rubem Berta, entrevistada por Cássia Macedo da Silveira e Manuela Perondi Pavoni em 02/11/2020, Porto Alegre).

Quando tu chega em casa, na comunidade, a galera tira a máscara. Em compensação, em alguns espaços, ela não tira. Eu figuei discutindo, justamente, porque, como a gente iria pegar as pessoas e chamar elas de irresponsáveis, dentro de um contexto do jeito que a gente vive? Quase um negócio impossível, a quantidade de crianças que ficam brincando na rua! Ficam jogando taco, bola, ficam ali, uma criança com a outra [...]. Como a casa é pequena, imagina a "criaturinha", ficar aqui dentro, e ainda mais com gente estudando, trabalhando [...]. Não tem como garantir o isolamento social, vivendo em um contexto desses. Quando eu discuti, entendi a questão do isolamento social, parece que estão pensando em isolamento social para algumas pessoas que devem ser salvas, porque as outras têm que morrer todas. Porque não foi discutido o isolamento social, para determinadas categorias, digamos, ou classes de pessoas [...]. Se na vila inteira a gente teve um caso de morte, mesmo com todo contexto que a gente vive, a gente conseguiu se proteger [...]. No nosso caso, isso pensando quanto às catadoras e aos catadores [de materiais recicláveis], na lógica de que todas as embalagens, elas são as coisas que são compartilhadas na casa das pessoas. As pessoas estavam com aquilo na mão, utilizaram, depois botaram na coleta seletiva e ou era coletado por nós ou vinha parar na cooperativa pra separar. Então criou-se todo um processo... não sei se vocês lembram, que saiu alguns videozinhos que a pessoa bota a mão na boca, botava na maçaneta e aí ficava aquele colorido de...

então pra nós aquilo foi assim oh, nossa, foi terrível. (Alexandro Cardoso, estudante de Ciências Sociais da UFRGS, catador de materiais recicláveis, 41 anos, negro, pai de duas filhas e dois filhos, morador da Vila Cai Cai, bairro Cavalhada, entrevistado por Cláudia Mauch e Vithória Konzen Dill em 19/05/2021, Porto Alegre).

Parece que estão pensando em isolamento social para algumas pessoas que devem ser salvas, porque as outras têm que morrer todas"



07 DE JUL DE 2020, TERÇA-FEIRA

#### A MELANCOLIA COMPULSIVA DAS IMAGENS: FORÇA SIMBÓLICA

Momentos de angústia, que, apesar de sombrios não deixam de ter o papel de anunciar. E pergunto, seria isso, mais ou menos, como a ansiedade antecipa acontecimentos?



SENTIMENTOS TRANSPASSADOS, ESTÔMAGO EMBRULHADO, CAFÉ DOCE DEMAIS, CHUVA, MÚSICA ALTA NO FONE DE OUVIDO, O GATO DORMINDO EMBAIXO DA COBERTA, PÉS ÚMIDOS DEPOIS DO BANHO. COISAS DEMAIS NA CABEÇA, DESÂNIMO.



ATENÇÃO: ESTE DOCUMENTO ENCONTRA-SE INCOMPLETO



Cap. 3

## **TEMPO E ROTINA**

Ampliaram o trabalho remoto, o cansaço e o estresse pelas redes. Desorganizou os horários, eliminando as fronteiras do horário comercial ou do local de trabalho; suspendeu as visitas e a relação com pais e irmãos.

(Professora da rede pública, pós-graduação, mora com companheiro, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).





"Aprendemos a fazer pão, como quase todos na quarentena." 02/10/2020.

Foto: Dardânia Curtinaz

O estresse pela quantidade de informações em tom apocalíptico e a impossibilidade de sair de casa para interação social causaram estresse e afetaram negativamente minha produtividade no trabalho. A preocupação excessiva com higienização afetou psicologicamente a minha mãe e trouxe tensão para a nossa relação familiar. (Bolsista de pós-graduação, ensino superior completo, mora com a mãe, branca, mulher cisgênera, bissexual, Santa Maria, 11/07/2020).

Questão 26 do Formulário: Como a pandemia e o isolamento social interferiram em sua rotina familiar, de trabalho e de estudo?

#### Preconceito.

(Técnica em enfermagem, ensino superior incompleto, 1 filha, mora com filha e marido, indígena, mulher cisgênera, assexual, Dois Irmãos, 02/08/2020).

Sou mestrando em história, e minha pesquisa tem sido afetada já que não tenho tido saúde mental para ler referências, cruzar ou fazer levantamento de fontes, executar análises, etc. A rotina familiar também se alterou bastante, com os membros tendo de se isolar entre si e as relações estarem sendo pautadas pela saudade e pelo medo ao mesmo tempo. A insegurança em relação ao futuro é enorme a partir do momento que você fica sabendo que alguém que está longe pega a doença, já que você não pode ir lá ajudar. A convivência com meu afilhado, por exemplo, está completamente distante e sinto muito sua falta. Como respondi acima, o medo de não saber se algum de nós não resistirá causa um estresse enorme em todos. (Professor de História, pósgraduação, mora com pai e mãe, branco, homem cisgênero, Porto Alegre, 11/07/2020).

Estou em trabalho remoto para UFRGS desde o dia 23 de março, quando interrompi minhas férias. Meus pais, ambos com mais de 80 anos, seguem isolados na praia desde março e só os vi em 23 de maio, quando meu pai necessitou do teleatendimento de um dermatologista por conta de uma alergia severa. Apesar disso, conversamos diariamente ao telefone e, nos finais de semana, fazemos chamadas de vídeo em família pelo WhatsApp, com minhas duas irmãs e suas filhas. Defendi minha tese em novembro e tinha planos de publicar alguns artigos, mas não tenho conseguido me concentrar nem tenho tido sossego para tal. Meu companheiro sofre de doença frontotemporal e tem necessitado cada vez mais de auxílio para as tarefas mais simples do dia a dia. Também tenho lido muito menos do que gostaria e visto bem menos filmes pela Sky ou pela Netflix. Sigo me mantendo informada, ouvindo rádio, assistindo telejornais e documentários e alguns canais do YouTube (*Rita Von Hunty*, minha preferida, *Greg News, Buenas Ideias, Tese Onze*, além de *O é da coisa*). (Jornalista, pós-graduação, mora com companheiro, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 14/07/2020).

Nossa vida anterior não existe mais"

Nossa vida anterior não existe mais. Afetou tudo. Nível de ansiedade alta. (Professora universitária, pós-graduação, um filho, mora com filho e esposa, parda, mulher cisgênera, Porto Alegre, 14/07/2020).

Estou há 5 meses saindo de casa somente para surfar, não vejo meus amigos e amigas. Estou fazendo o segundo ano do ensino médio pela internet. Sem a pandemia eu morava em Porto Alegre, atualmente moro em Garopaba. (Estudante do Ensino Médio, ensino médio incompleto, mora com o pai, mãe, irmã e cachorro, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre/Garopaba-SC, 22/07/2020).

Na família, nós redobramos o cuidado para não sermos infectados. Na faculdade, as aulas presenciais foram substituídas pelas aulas a distância. No trabalho, nós contemos o atendimento. Algumas pessoas entendem, mas outras pensam que são a rainha da Inglaterra. (Estagiário de banco, ensino superior incompleto, não tem filho, mora

com a mãe, vó e irmão, pardo, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 14/08/2020).

Estou dando aulas online, que cansam muito mais que as presenciais. (Professora, pós-graduação, mora com irmã e amiga, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Lajeado, 23/07/2020).



Passeio para pegar sol. Porto Alegre, 15/08/2020. Foto: Evelin Stahlhoefer Cotta

Precisei reorganizar os meus horários de estudo ou qualquer atividade que desenvolvo com relação ao meu trabalho, não posso fazer durante o dia, pois meus filhos são pequenos, 10 e 3 anos. Eles precisam da minha atenção quase o tempo todo,

Pela primeira vez sou mãe, dona de casa, aluna, pesquisadora e professora em tempo integral"

questões básicas de higiene, alimentação e momentos de lazer com brincadeiras entre outros; também preciso manter a casa em ordem e limpa; meu esposo está trabalhando, mas quando vem para casa também contribui para esta organização da casa, comida e cuidados com as crianças. Mas pela primeira vez sou mãe, dona de casa, aluna, pesquisadora e professora em tempo integral. (Professora, pós-graduação, tem dois filhos, mora com esposo e filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, São Leopoldo, 30/07/2020).



Arte: Duda Gimenes. 05/09/2020. Instagram @foimal.jpeg

Como professora de uma escola municipal, me sinto frustrada uma vez que meu trabalho simplesmente não funciona. Mantemos as atividades através de EAD [ensino a distância], mas os conteúdos que elaboro, tal qual as metodologias que tento aplicar não funcionam. O ensino público não tem estrutura para um ensino a distância e é simplesmente uma perceber derrota por semana estudantes não fazem as atividades e não participam das aulas. (Professora de língua portuguesa, ensino superior completo, mora com a mãe, pai e irmã, branca, mulher cisgênera, bissexual, Pelotas, 11/08/2020).

# Sou mãe solo de quadrigêmeos de 3 anos"

Sou mãe solo de quadrigêmeos de 3 anos e preciso de apoio para cuidar deles, pois preciso trabalhar em *home office*. (Analista administrativo, ensino superior completo, tem quatro filhos, mora com os filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Alvorada, 23/07/2021).

Moro com minha mãe e meu irmão e, por ficarmos o dia todo juntos, surgiram alguns atritos, principalmente no início da quarentena. Uma diarista costumava vir aqui em casa fazer a limpeza duas vezes por semana. No início da guarentena, por causa da pandemia, decidimos que era melhor que ela não viesse mais por um tempo. Por causa disso, começamos a dividir mais as tarefas de limpeza da casa, e eu comecei a sentir como era pesada essa função, e como minha mãe fazia muita coisa. Hoje eu faço bem mais coisas relacionadas a limpeza em minha casa e passei a gostar de ver meu quarto bem limpinho e organizado, coisa que, antes, não era uma realidade pra mim. Meu irmão passou, no decorrer da guarentena, a fazer algumas saídas para ir na casa de um ou outro amigo. Isso passou a me chatear, pois me deixava muito ansiosa que ele fosse ser contaminado, e eu achava falta de respeito com a situação que estamos vivendo. Por causa disso, tivemos atritos também. (Estudante de graduação e bolsista de iniciação científica, ensino superior incompleto, mora com a mãe e irmão, branca, mulher cisgênera, Novo Hamburgo, 29/08/2020).

A falta de necessidade de deslocamento (trem e ônibus até a universidade) forneceram mais tempo em todos os sentidos, abrindo lacunas de ociosidade que me permitiram ler mais, consumir muito mais audiovisual, praticar mais atividade física e cuidar da saúde, além disso pude dar mais atenção a *hobbies* como horticultura, por exemplo. (Estudante de História, ensino médio completo, mora com a mãe, branco, homem cisgênero, heterossexual, Canoas, 26/08/2020).



Lamentavelmente, a grande maioria da sociedade precisou a doença chegar mais perto, no vizinho, na porta de casa, pra ela começar a dar valor.

(Aldemir Kerschner, 56 anos, branco, Comitê de Dados, grupo de trabalho de comunicação, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo

Weimer em 13/8/2020, Porto Alegre).

Eu tenho dito assim: "nós estamos vivendo um momento bastante difícil". Bastante complexo, bastante duro. E isso tem gerado grandes problemas. Não só a doença em si, mas também as próprias pessoas, o confinamento, a convivência. Não poder ir e vir. (Secretário Cláudio Leite Gastal, 51 anos, branco, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Gabinete de Crise. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 25/9/2020, Porto Alegre).

Felizmente na Secretaria da Fazenda há muito tempo a gente já tem acesso remoto ao computador do trabalho. Eu não costumava muito trabalhar em casa, mas às vezes eu acessava, fora de horário de trabalho acessar o computador, e todos os colegas tinham esse acesso. Claro que nem sempre, né... Eu, por exemplo, tive problema com meu computador pessoal, porque ele não estava acostumado a uma carga tão grande assim de trabalho, e também a gente teve que comprar um computador extra. Porque as filhas não faziam aula de casa. Eu tinha um computador, minha esposa tinha outro, e a gente teve que comprar mais um. A mais velha já estava alfabetizada, sabia ler, sabia escrever. Ela estava com 7, então já estava no 2º ano do Ensino Fundamental. Agora, a mais nova, sim, ela foi muito afetada. Ela ainda está numa fase – está com 5 agora –, numa fase de muita inquietação, em que as crianças são muito agitadas, então ela sofreu muito

[...]. Ela não ficava nem 5 minutos em frente do computador. Aí chegou o momento em que a gente falou para a professora: não tem. Infelizmente não. É uma tortura pra ela a gente obrigá-la, e ela está sofrendo. Então teve um momento em que a gente abdicou dela fazer

aula remota [...] Pra nós adultos foi um pouco difícil se adaptar, mas a gente, digamos que conseguiu, né, mas para as crianças foi difícil, sobretudo para as mais novas. (Volnei Picolotto, branco, técnico tributário da Receita Estadual, Secretaria da Fazenda, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 30/11/2021, Porto Alegre).

Para as crianças

foi difícil, sobretudo

para as mais novas"



O medo existe. Só que no momento que nós estamos trabalhando, ele acaba sendo inexistente ou nulo, porque a gente fica tão dedicado e focado com o cuidado do paciente, sabendo que ele necessita de cuidado integral da nossa equipe, que acaba esquecendo do medo. [...] O sentimento de vitória é conseguir entregar um paciente recuperado para a sua

família. (Entrevista de Janaína da Silva James, enfermeira, supervisora da UTI do Pavilhão Pereira Filho, parda, 48 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 05/02/2021).

Trabalhar com medo, o tempo todo... foi assim. Como profissional, a gente acaba absorvido pelos protocolos. [...] aquela paramentação toda, macacão, propé, touca, face shield, máscara, óculos, luva... Gente, aquilo era um astronauta! Se estava preparado pra coisa muito grave. Evidentemente que isso trazia medo pras pessoas. O medo teve a sua importância. Eu acho que ele evitou que tudo fosse pior. (Entrevista de Edison Jose Manchesski, coordenador médico da Medicina do Trabalho, branco, 61 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 18/07/2022).



Hortinha – "Nós (minha família) estávamos plantando rúcula e couve, em Balneário Pinhal." 23/04/2020.

Foto: João Luiz Benites Martins

No início [da distribuição de alimentos na EMEF Porto Alegre]<sup>2</sup> teve bastante procura, muita procura dos estudantes, então eles iam para se alimentar, né, a gente via que eles estavam precisando. [...] Com o passar do tempo, assim, eu fui percebendo que foi tendo cada vez menos estudantes na fila e isso acabava preocupando a gente, de certa forma, porque a escola sempre teve um vínculo muito forte com esses estudantes, né, e se eles não

estavam indo lá, onde é que eles estavam indo? [...] até com o avançar da pandemia e a



"O tricô dá um relaxamento e ajuda a organizar os pensamentos." 22/09/2020. Foto: Ana Paula Fernandes de Lima

gente ficava sabendo, por relato de outros estudantes mesmo, que alguns desses alunos da escola estavam ou tendo recaídas com uso de drogas, independente de qual seja, de bebida alcoólica, estavam desorganizando. se sempre foi fundamental escola organização de muitos dos estudantes, eles tinham a escola como referência, então a partir do momento que tu perde ela, eles passavam boa parte do dia deles lá, então se tu vem apenas para alimentação ela pode perder a referência de certa forma, né. (Francisco Goldschmidt Filho, professor da EMEF Porto Alegre, 36 anos, branco, entrevistado por Dante Guimaraens Guazzelli em 01/04/2021, Porto Alegre).

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) foi criada em 1995, está localizada no Centro Histórico da capital gaúcha, e é voltada ao acolhimento de pessoas em situação de rua. Além das aulas da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), oferta três refeições por dia e oficinas profissionalizantes no contraturno.

Não acho que
o distanciamento
interrompa o vínculo,
o que ele interrompe e
fragiliza são todas
aquelas construções que
a gente vinha fazendo"

O que eu sinto, esses estudantes sentem muita falta do convívio, porque têm o vínculo e porque ele é forte. [...] todos aqueles estudantes que eu consegui falar de forma mais longa, falam da necessidade de estar na escola, da escuta, da

conversa, da aprendizagem, com esses estudantes o vínculo se manteve, pode ter se tornado, não digo que mais frágil, menos intenso.

[...]. Sem sombra de dúvida acho que pra esses não tem perda de vínculo. Pra outros, sim. [...] Aqueles estudantes que a vinculação é frágil com a escola, e aqui quero dizer, com a escola, pode ser escola EPA, pode ser outra escola, eles têm um vínculo frágil com espaços de escolarização, esses vão ir e vão voltar, seja por uma pandemia, seja por outra condição da correria da rua. Acho que essa é uma das condições que vejo de diferente, não acho que o distanciamento interrompa o vínculo, o que ele interrompe e fragiliza são todas aquelas construções que a gente vinha fazendo de cidadania e que se veem interrompidas, se perdem e resgatar elas parece às vezes mais difícil que a primeira construção. (Jacqueline Junker Fuques, professora da EMEF Porto Alegre e diretora no momento em que a pandemia iniciou, 52 anos, branca, entrevistada por Dante Guimaraens Guazzelli em 13/10/2020, Porto Alegre).

Nós ficamos em casa, e os meus filhos saíram pela Integradas de Taquara primeira vez de casa em setembro, para visitar a avó, minha sogra. O meu marido também ficou um bom tempo em casa, ele trabalha com calçado e teve que retornar ao trabalho. Eu estou em casa com os meus filhos o tempo todo e eu só saio de casa para ir ao mercado. Ele trabalha, é aquela rotina de ir ao mercado ou na volta do trabalho, tirar os sapatos, colocar as roupas em saco plástico, a higienização. As crianças só saem de casa para ir na casa da avó. [...] todas as pracinhas estão fechadas. [...] O que mudou foi a rotina das aulas remotas das crianças e as aulas remotas da faculdade. No trabalho a rotina continuou a mesma, mas com as crianças em casa, eles têm as tarefas deles da escola, precisa sempre inventar alguma coisa para não deixá-los entediados, porque não é fácil com crianças de 7 anos em casa. [...] Eu estou tentando me adaptar ainda, na verdade, não encontrei uma fórmula, a gente tenta conversar e se ajustar e é tudo no grito, no "vamos ver o que dá pra fazer agora", o que dá pra fazer hoje a gente faz e vamos seguindo. [...] As coisas ficam por fazer, a gente dá prioridade para os estudos, tanto os meus como os das crianças e o que não dá para fazer, fica. O que não for tão urgente fica por fazer. (Mara Rubia Schefler de Souza, 39 anos, branca, dona de casa, estudante de História na FACCAT. Entrevista realizada por Sandra Cristina Donner em 21/11/2020, Rolante).

A rotina mudou muito em termos de cuidados, cuidados com a higiene mudou muito, contato com as outras pessoas, então evitamos sair, meu pai tem problema de pulmão, então a gente evita e muito, somente o necessário. Então a Covid mudou totalmente a maneira social da gente. A gente vai no mercado com medo pegar algum produto que tenha algo contaminado, eu não higienizava um pacote de alimento. Hoje a gente já procura fazer. Então a atenção redobrou bastante. (Márcia Maria dos Santos, branca, trabalhadora do setor calçadista. Entrevista realizada por Andrea Helena Petry Rahmeier em 21/10/2020, Taquara).

INSTITUTO

Rio Grande

do Sul



Por mais que eu tenha passado bem, tive só dois, três dias de sintomas, eu fiquei com medo, sim. Porque o meu colega sentiu os sintomas numa quarta, no domingo

seguinte, eu fiz umas fotos. Na segunda, foi consultar e na quinta tive o diagnóstico. E me passou pela cabeça assim, eu tirei aquelas fotos do domingo, será que foram as minhas últimas fotos? "Será que ela vai ficar marcada", as pessoas vão olhar, "olha só, foi a última foto que ela tirou". (Hylariane Artmann, 37 anos, servidora técnica, IFRS Campus Osório).

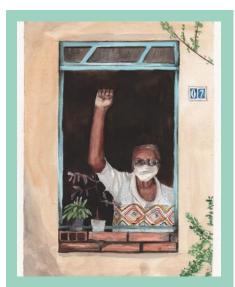
É, foi bem novo assim e bem quebra de rotina também, né? Porque era uma rotina muito forte assim de chegar na escola e daí a hora de estudar, eu conseguia focar bastante. E quando teve a pandemia, assim, parecia que já não tinha mais essa distinção de quando era a hora de estudar, de estar na sala de aula, para a hora de fazer qualquer outra coisa que tu faria no teu dia comumente. Então foi uma quebra de padrão bem grande, para mim, eu senti bastante. No primeiro ano nem tanto, eu acho que eu consegui focar um pouco mais assim e quando começou lá em Setembro, quando começou o EAD [ensino a distância] no IF [Instituto Federal] consegui focar um pouco mais e me dedicar assim, mas é difícil, né? Porque a gente acaba ficando bem perdido, assim, do que a gente tá fazendo, se tem muita coisa para fazer em casa, tinha privacidade até, mas não tinha muito um lugar que eu poderia ficar pra estudar, assim, um lugar que eu conseguia focar bastante pra estudar. Então, foi bem, foi bem complicado, assim, se adaptar no início. (Isabelle Becker, estudante, IFRS Campus Canoas).



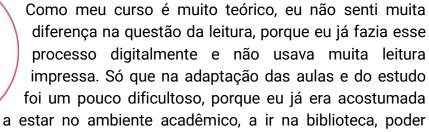
Fotografias de aniversário na pandemia, de criança da família Donner e Mobus. 12/07/2023. Foto: Sandra Cristina Donner

A questão de se adaptar em casa, né? Com criança, as rotinas dele, do trabalho, da casa, fazer comida, cuidar da casa, de não sair. A gente ficou muito em casa. Depois veio o inverno mais ainda. Então tentar adaptar a casa pra fazer da melhor forma possível. Eu lembro que assim, cada atividade ou cada ou coisas que a gente fazia em casa era muito mais intenso. Principalmente com o João Pedro, que tinha de 4 para 5 anos na época, né? Então tentávamos não deixar essa angústia pra ele. Então as atividades que a gente fazia em família, tinha mais tempo para isso. De você não se locomover aí pra vim trabalhar, enfim. Então a gente conseguiu conciliar, nós tivemos uma rotina dentro de casa, falei, acordou o pijama como se a gente estivesse indo trabalhar pra não virar aquela mesmice, sabe? Então nós tínhamos a rotina, trabalhava de manhã, parava pro almoço, a gente fazia comida, almoçava tudo em família, a tarde trabalhava, ele fazia as atividades da escola.

Claro que criança é difícil. Tinha que ter várias atividades, porque uma só não basta, duas não basta, tem que ser várias. Eu criei com o João Pedro no início também, um diário. É um e-mail com um diário, então eu escrevia todos os dias o que ele fazia. Eu disse, quando ele ficar grande ele não vai lembrar disso tudo, que enfrentou uma pandemia. Está lá registrado as coisas que nós fazíamos: as histórias, as festinhas, tinha até festa junina. Então a gente enfeitou a casa, fez tudo, adaptou. Então foi diferente, foi um momento bom em família. (Queila Tomielo de Camargo, 37 anos, diretora Planejamento e Obras, IFRS Reitoria).



Arte: Paulo Henrique Santos. 26/06/2020. Instagram @h.paulos



conversar com os meus colegas para estudar. Não ter esse contato direto físico, ter que ficar e me adaptar às aulas EAD [ensino a distância], por um lado foi bom pela questão da disponibilidade de tempo, podia assistir uma aula, estudar a qualquer momento, só que por outro lado foi ruim porque no ambiente domiciliar tem muitas distrações. Pensando nesses dois semestres EAD [ensino a distância], eu sinto que eu consegui me adaptar, mas levou um certo tempo. (Patrícia Brum Greski, discente do curso de graduação em História, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 17 de dezembro 2020, Porto Alegre).

De estudo alterou muito, tipo assim, na questão até na forma de acompanhar as aulas, os conteúdos. Também percebo que também no começo quando o EAD [ensino a distância] começou eu tava acompanhando muito mais do que agora, tipo agora eu já não consigo acompanhar tanto, nem sei mais o que tá acontecendo direito. Mas sei lá, tá bem complicado de acompanhar, até porque tenho déficit de atenção e aí é muito complicado de adaptar, no sentido de ser uma forma e aí do nada trocou tudo. E assim, a questão do online é sempre um pouco mais complicado, também nesse sentido de conseguir acompanhar tudo, é muito conteúdo às vezes e todas as cadeiras ao mesmo tempo, assim fica meio difícil de conseguir acompanhar. (Kaê Lessês Fonseca, discente do curso de graduação em Psicologia, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 15 de abril de 2021, Porto Alegre).

Via de noite de madrugada e sei lá, vira uma bola de neve e **meu sono virou uma bagunça**" No primeiro semestre de EAD [ensino a distância] foi bem difícil de adaptar, eu praticamente via tudo atrasado nas aulas, porque as aulas eram gravadas e tals, aí eu não via no horário. Via de noite de madrugada e sei lá, vira uma bola de neve e meu sono virou uma bagunça. Parecia que eu não

conseguia dar conta e, como eu tinha que ter várias aulas práticas no hospital e também lá na PUC, eu passei a não ter, né. Então a gente tá meio que em débito nessas aulas e a gente já tendo mais a parte teórica mesmo. (Luísa Vitória Pontalti de Ros discente do curso de graduação em Medicina, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 16 de abril de 2021, Caxias do Sul).

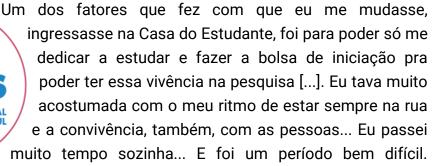
No estudo, o primeiro semestre do ensino a distância foi muito difícil por não estar acostumada a ter que eu mesma me cobrar, aquela certa disciplina de assistir aula no horário, porque tu acaba não assistindo ao vivo, tu acaba deixando acumular, e foi afetando muito o meu aprendizado. Mas agora nesse semestre desse ano eu tô melhor, tô com uma maior disciplina. Eu diria que eu me adaptei um pouco melhor, que já tô adaptada, mas no início foi bem complicado. Acho que pegou todo mundo de surpresa, tanto os professores, quanto a gente, então um material, o ensino, não era a mesma coisa. Mas agora eu diria que pelo menos.... [chamada travou] ... agora já estão mais adaptados, eu já tô mais disciplinada, então é como se eu realmente me adaptei. Mas nesse primeiro momento foi muito péssimo o ensino a distância. (Yasmin Soares larto, discente do curso de graduação em Direito, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 15 de abril de 2021, Porto Alegre).

[...] pandemia contribuiu, foi muita planta, muito verde em casa, então aqui na minha janela, eu tenho um JK, um espaço muito pequeno, e tanto na área de serviço, que é muito pequenininha, é tudo cheio de planta e a minha janela é cheia de planta também. Então tem planta por toda a casa, assim, então foi uma das coisas que a pandemia trouxe foi a questão das plantas. E de hábitos de desenvolver alguma coisa também na área da culinária, fazer bolos e tal. E também aprendi a fazer origami, né, procurar algumas coisas que eu aprendi a fazer. (Vinicius Fantin Niemxeski, discente do curso de graduação em História, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 20 de abril de 2021, Porto Alegre).

A primeira coisa é que eu cortei todas as idas rapidinhas a algum lugar, eu troquei por compra online. Aquela coisa, faltou alguma coisinha eu ia no mercado comprar, faltava uma coisinha eu ia atrás. Hoje eu aprendi a organizar e sair uma vez para resolver tudo que eu preciso, acho que esse hábito da organização foi muito forte, de priorizar sair uma vez [...]. A organização mesmo da rotina para sair uma vez na semana e resolver tudo que precisa invés de dar várias saidinhas. Até por morar numa cidade menor que Porto Alegre, tudo é muito perto. Então eu precisava de uma coisa e ia rapidinho na farmácia, no mercado, ou ia rapidinho no centro. Então eu saio uma vez e monto quase um itinerário de tudo que eu tenho que fazer, para sair uma vez só e não precisar ficar toda hora me expondo [...]. (Bruna Fumagalli Raffainer, discente do curso de graduação em Engenharia Civil, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 14 de abril de 2021, São Leopoldo).

Para além dos sintomas físicos [...] depois me tomou uma culpa, eu criei uma culpa... eu criei uma culpa, um aspecto muito psicológico da doença que eu pude perceber, desse vírus. Porque de todo esse tempo, de todos esses meses que a gente convive com essas palavras: "pandemia", "Covid", tudo **UNISINOS** isso, existe uma grande culpa e um processo muito grande de tentar passar por isso sem cair numa depressão, num tipo de desgosto pela vida. Acaba que é um negócio louco, não é a doença só pela doença, tem toda uma questão psicológica nisso. [...] Eu também não quis me abater. Eu achei que se eu parasse de fazer as coisas e ficasse, realmente, só em repouso, minha situação psicológica iria piorar. Eu buscava fazer todos os trabalhos que eu pudesse. Continuei tocando o curso de pedagogia, continuei tocando TCC [trabalho de conclusão de curso], continuei tocando estágio - que era remoto -, continuei tocando as reuniões da rede, continuei tocando as organizações, tudo online. (Carolina Neves da Silva, 23 anos, parda, residente em Canoas, pedagoga, atualmente atua em uma Biblioteca. Entrevista concedida a Marluza Margues Harres em 31/5/2021).





Essa adaptação a ficar um tempo ocioso e a não ter contato... só por telefone, por chamada, por rede social com as pessoas [...]. Eu consegui ocupar a minha mente com alguma coisa que não era ficar pensando, como no início de março [de 2020], que tinha muita gente morrendo. Tipo, era muito triste [...]. Eu voltei a fazer acompanhamento psicológico nesse tempo de pandemia, em julho do ano passado, porque passei por momentos de grande ansiedade e momentos de mais depressão, também, momentos de ficar mais fechada [...]. Então eu ficava cansada de ficar no mesmo ambiente, olhando pra aquelas mesmas paredes, fazendo tudo naquele mesmo lugar. (Fernanda Bergamo, estudante de Química da UFRGS, 22 anos, entrevistada por Carla Simone Rodeghero e Manuela Perondi Pavoni em 02/07/2021, Guaporé e Porto Alegre).

Mas em questão financeira pra mim foi tranquilo, porque a UFRGS prestou... tem prestado um auxílio muito grande [...]. A minha bolsa continuou, eu tô trabalhando em casa mesmo, recebendo normal [...] O que eu sinto que ficou... que ainda é ruim, é a questão das aulas. Eu sinto muita falta de ir na sala de aula, de ir na biblioteca, pegar o livro, abrir ele, ficar lá um tempo, sabe? Essa questão de tudo digital às vezes me incomoda, eu sinto muito que eu não tô rendendo o que eu deveria, eu não tô estudando como eu deveria [...]. A qualidade não é a mesma, por exemplo, de uma prova em que eu posso consultar ela inteira, não me deixa segura, por mais que eu goste. É mais cômodo? Sim, é mais cômodo, minhas notas aumentaram, mas não significa que eu me sinta segura com isso, sabe? [...] A demanda é grande, e eu não consigo ficar em dia com as aulas, eu demoro para ficar em dia. Às vezes eu faço como a gente faz com séries, né, de maratonar. Eu não maratono séries, eu maratono aulas [risos]. Então no final de semana às vezes eu passo sábado e domingo assistindo aula o dia inteiro, fazendo o que eu posso para tentar absorver [...]. Os horários estão inversos... a universidade e eu estamos o sol e a lua, sabe? Tipo, a gente nunca se encontra, então... e aí vamos levando como dá. Se fosse presencial, eu jamais la conseguir fazer isso. Então, talvez isso seja bom, né. De acordo com o que eu tô vivendo agora, mas... é puxado. (Cristine Nunes Pujol Coitinho, estudante de Nutrição da UFRGS, 36 anos, negra, mãe de duas crianças, entrevistada por Cláudia Mauch e Carlos Eduardo Barzotto em 22/10/2021, Viamão e Porto Alegre).

Mas foram vários acontecimentos que mudaram, algumas coisas melhoraram, outras coisas pioraram. [...]. É a própria discriminação diária que a gente enfrenta, no dia a dia, subjugamento, estereótipos, isso dói [...]. Muitos dos nossos irmãos adoecem, não aguentam isso de ficar longe de casa e acabam desistindo [...]. A questão da Casa do Estudante Indígena foi a mobilização durante a pandemia, porque realmente era uma urgência, a gente já tinha essa urgência antes da pandemia,

É a própria discriminação diária que a gente enfrenta, no dia a dia, subjugamento, estereótipos, isso dói"

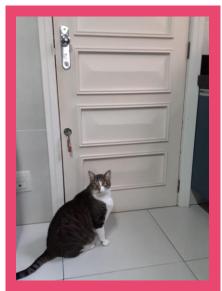
mas depois a gente se reuniu, a gente decidiu que não podia mais esperar, que a gente tinha que lutar porque isso era garantia de permanência na universidade. Ter um lugar onde a gente se sente, de fato, um pouco próximo de casa, se sente à vontade, se sente acolhido, você não

depara todo dia com olhares diferentes, pessoas colocando... Teve uma situação de colocar a banana na porta de uma colega nossa, de uma irmã Kaingang. Então, essas coisas também adoecem a gente, o próprio ambiente [...]. Então, a gente lutou pra que a gente tivesse um espaço digno, que a gente pudesse praticar um pouco da nossa cultura [...]. Uma vez eu falei pro professor, que aqui a gente vê ao contrário de alguns princípios que a gente recebe na aldeia. Que nem lá na minha aldeia, a gente tinha uma roça só de mandioca e tinha uma roça também só de frutas. Quando a visita chegava, alguém chegava, a gente colhia os melhores mamões, as melhores batatas e oferecia pra essas pessoas, pra comer e pra levar [...]. Aqui a gente faz o contrário, a gente escolhe as melhores coisas pra gente e dá o que não serve mais, que a gente não vai usar mais. Então, é uma coisa assim, é o inverso, sabe?! E isso te adoece também. De tu ter uma comida e saber que tu não pode dividir com o teu irmão, porque se tu dividir vai faltar amanhã, isso é muito triste, se trancar pra comer. Às vezes, você não tem o que fazer porque você não tem, porque se você dar, amanhã é você que vai ficar sem comer. Então, são situações que estão totalmente fora do nosso padrão. E, às vezes, a gente é realmente obrigado a ser individualista. E isso traz sofrimento. E aqui na Casa [do Estudante Indígena], a gente tá vendo um método da gente estar sempre se reunindo coletivamente, trocando. (Typa, estudante de Medicina na UFRGS, indígena Baré, 36 anos, entrevistada por Alícia Quinhones Medeiros e Manuela Perondi Pavoni em 06/05 e 30/05/2022, Porto Alegre).



Primeiramente eu lanço um questionamento: que ações? Porque eu não vejo ação nenhuma da universidade relacionada à universidade. Eu vejo eles fazendo à comunidade externa, à comunidade interna eu não vejo nenhuma ação. Pra nós recebermos uma cesta da PRAEC [Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários], a gente levou 5 meses. Nós estamos há 5 meses com o restaurante universitário fechado

e só agora que eles resolveram enviar uma cesta básica para os alunos. Então, se a gente não conseguisse, né, fazer essa logística interna no campus mesmo, a gente não conseguiria suprir as necessidades que nós temos. Agora estamos com essa função do ensino remoto. Eu como representante discente do Curso de Pedagogia, representante discente do conselho do campus Jaguarão. E são dois extremos completamente diferentes. O curso de Pedagogia deseja o retorno remoto de todas as formas e jeitos. O Campus Jaguarão não tem estrutura pra isso e entende a precariedade do ensino remoto. Então é aonde eu entro entre a cruz e a espada literalmente, porque eu tenho que, são dois pontos de vista que eu tenho que defender em locais diferentes. Então em um eu tenho que defender o retorno às aulas e em outro eu tenho que mostrar que o retorno às aulas não é bom. Então ações da universidade, começa por aí: nós estamos desde março fechados e somente agora em agosto resolveram começar a debater um calendário. Se queriam colocar, impor um calendário acadêmico, aí já deveriam ter sido começado a discutir há muito tempo. Então antes de pensar, é aquela função, né, quando a gente, por exemplo, vai viajar de avião, tem as instruções ali da máscara de oxigênio, primeiro coloca a máscara em você e depois no próximo. Então a universidade deveria primeiro cuidar da sua comunidade interna pra depois cuidar da externa. Então eu vejo eles fazendo doações de cestas básicas, doações de álcool em gel, doações de máscaras, e isso nunca chegou aos alunos. Se os alunos não começassem a fazer os negócios por fora pra conseguir álcool gel, pra conseguir máscara, a gente não tinha proteção nenhuma. Porque eles não tão mandando pra gente um auxílio coronavírus, "ó, isso aqui é pra você comprar o seu álcool em gel, a sua máscara", não! Eles tão fazendo o mínimo do mínimo e ainda reclamando do mínimo que estão fazendo. E ainda [inaudível] tanto sobre condições mínimas de se manter, a gente não tem condições mínimas de sobrevivência. Ainda mais numa cidade como Jaguarão. Eu vim de Guarulhos, tem gente que veio do Pará. Então são muitos, são extremos diferentes, a gente vem de uma sociedade diferente, de uma cultura



"Peter perguntando por que não pode mais passear no corredor, como fazia antes." 25/05/2020. Foto: Carla Rodeghero

diferente, pra chegar aqui no Rio Grande do Sul num momento de pandemia e ser jogados assim e falar "tá, quando eu lembrar de vocês a gente começa alguma coisa". Aí quando a gente fez aquele lembrá-los de nós, ele vem com calendário imposto falando "vai ser assim, assim, assado e vocês têm que cumprir". Então eu não vejo ações nenhuma da reitoria, eu vejo ordens. Ordens é diferente de ações. Então, ações a gente constrói elas coletivamente pensando no bem interno da comunidade. Ordens eu lanço e vocês tem que aceitar ou não. (Lucas da Costa Lage, estudante da Unipampa, branco, entrevistado por Caiuá Cardoso Al-Alam, Guinter Tlaija Leipnitz e Sara Teixeira Munaretto, 06/08/2020).



Cap. 4

## TRABALHO, EMPREGO E RENDA



Quando a pandemia eclodiu, eu estava trabalhando como *freelancer* em segmentos diferentes. Perdi metade dos trabalhos, só consegui manter os que eram online ou a distância. (Historiador e *designer freelancer*, pós-graduação, mora com os pais, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).

Tive que parar com todas minhas atividades. Estava procurando emprego. (Desempregada, ensino superior completo com especialização, um filho, mora sozinha, mestiça, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 13/07/2020).

Tive que parar com todas minhas atividades.
Estava procurando emprego"

Como estou de home office me cortaram as horas extras e perdi cerca de mil reais por mês de renda. (Theo Silveira Alves, bancário, ensino superior completo, mora com a namorada, branco, homem transgênero, heterossexual, Porto Alegre, 29/10/2020).

Fiquei quase 7 meses impedido de operar integralmente. Sobrevivendo através do apoio da comunidade, de parentes e recurso do governo. (Empresário, pós-graduação, mora com o cônjuge, pardo, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 29/10/2020).

Totalmente, perdi o trabalho e estudo remotamente de casa. (Estudante, ensino superior incompleto, mora com a irmã, preta, mulher cisgênera, bissexual, Rio Grande, 12/09/2021).

Interferiu pouco. O meu salário continua igual e a rotina de trabalho foi um pouco alterada visto que trabalho em escolas e estamos com atendimento a distância para as crianças. A minha rotina de visita aos meus pais eu mantive, porém tomando todos os cuidados necessários para evitar o contágio. Aproveito o tempo vago para fazer cursinhos a distância pois aumentou a oferta dos mesmos nas redes sociais. (Auxiliar de secretaria, ensino superior completo, mora com o namorado, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Arroio do Meio, 14/07/2020).

A interferência foi gigantesca. Passei a fazer teletrabalho de casa, tive que parar meus estudos, fazer as refeições, dividir tarefas domésticas com minha mãe (mantivemos nossa faxineira, pagando metade do valor, mas sem vir trabalhar), propor atividades para minha filha (facilmente se entedia por não poder brincar com suas amigas). (Técnica da Justiça Federal, pós-graduação, tem uma filha, mora com os pais e a filha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Passo Fundo, 16/07/2020).

Perdi

o trabalho"



Postagem na página "Museu do Agora". 11/02/2022. Instagram @museu.do.agora Criadora/ADM: Luiza Lorenzi Adas

No meu caso, como sou professor em um coletivo de educação popular e as aulas se tornaram online, a única coisa realmente boa é que abrimos vagas para todo o Brasil. Em relação a estudo não se tornou muito diferente, tirando as aulas que passaram a ser por ensino remoto. Nesses dois casos (como docente e como discente), o que mais sinto falta é das trocas que somente o âmbito presencial proporcionam. As trocas de olhares, as conversas paralelas, a espontaneidade, os abraços, os vínculos que se formam ou se estreitam nos processos de ensino-aprendizagem e que os impulsionam tanto. (Professor de História, mestrando em História, transativista, ensino superior completo, mora sozinho, branco, homem transgênero, bissexual, Porto Alegre, 28/10/2020).

As rotinas se confundiram e o trabalho atualmente é um novo inquilino. Não há limite de horas para dar conta das demandas de trabalho. E quando todo o compromisso de trabalho se intercala com a rotina da casa, o dia parece não ter fim. As idas no supermercado se tornaram uma aventura, perigosa.

O trabalho atualmente é um novo inquilino"

É tudo mais intenso. (Assistente social, pós-graduação, mora com um sobrinho, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Jaguarão, 26/02/2021).

Sim, minha renda caiu 90%. (Confeiteira, ensino médio completo, mora com o companheiro, negra, mulher cisgênera, heterossexual, 10/07/2020).

Tivemos redução severa na geração de renda. (Empreendedor, pós-graduação, tem dois filhos, mora com a esposa e filho, pardo, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 13/07/2020).

Meus pais são autônomos, e para nós tem sido difícil, pois as contas chegam, mas muitas vezes o dinheiro quase não cobre tudo. (Estudante, ensino médio incompleto, mora com o pai, mãe e irmão mais novo, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Viamão, 13/07/2020).

As contas chegam, mas muitas vezes o dinheiro quase não cobre tudo"

[O isolamento social é] uma estratégia mais eficaz para quem se encontra com os sintomas, porém ruim no momento em que não se pode trabalhar para conseguir o salário para as contas; porque conheço pessoas honestas que não receberam os auxílios emergenciais do governo, e ao mesmo tempo conheço outros que nem precisam que o conseguiram. (Revisora em indústria, ensino superior incompleto, mora com os pais, parda, mulher cisgênera, heterossexual, Araricá, 31/07/2020).

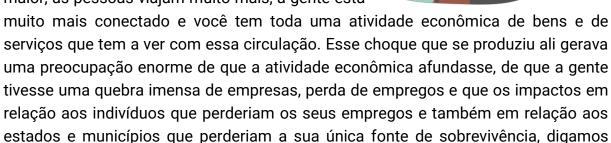




"Trabalho remoto, tarefas domésticas, filhos, brincadeiras solitárias... Quando tudo passou a acontecer dentro de casa." Porto Alegre, 07/05/2020. Fotos: Clarissa Sommer Alves

Eu acho que assim que ficou claro que seria algo muito longo e algo muito impactante, a expectativa que havia em relação à

economia era de uma queda muito grande da atividade econômica, porque atualmente o mundo tem uma circulação muito maior, as pessoas viajam muito mais, a gente está



assim, que é a receita, eram muito grandes. Então ficou muito claro naquele momento que uma ajuda, uma intervenção federal, no sentido de planos econômicos, era necessária. Isso é o que se passou em todos os países mundo afora. (Secretário Marco Aurélio Santos Cardoso, 45 anos, branco, Secretaria da Fazenda, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 23/12/2020, Porto Alegre).

Uma preocupação enorme de que a atividade econômica afundasse"

Claro que esse não é o cenário ideal para o teletrabalho. Aqui, pensando principalmente nas mães que realizaram o trabalho de casa junto com os filhos, porque os filhos também não têm escola, então, essa rotina dupla de estar com as crianças em casa, de realizar o trabalho. (Subsecretária Iracema Keila Castelo Branco, 40 anos, branca, Subsecretaria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, Secretaria do

Planejamento, Governança e Gestão. Entrevista realizada por Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/10/2020, Porto Alegre e Canoas).

A gente tinha diariamente pessoas adoecendo, pessoas que tavam pedindo demissão, pessoas indo embora e unidades abrindo. [...] Tínhamos que conseguir, na quantidade e na qualidade, pessoas pra poder atender o público na ponta.

A equipe ficou trabalhando basicamente com recrutamento e seleção. Então, a nossa rotina mudou 100%. [...] Foi desafiador, muito cansativo, mas se entregou o que era esperado. (Entrevista de Marluci Reche, psicóloga, gerente de gestão de pessoas, branca, 34 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 20/05/2021).

ULTURAL SANTA CASA ORTO ALEGRE

A Santa Casa teve que contratar profissional médico, técnico de enfermagem... Nós tivemos muita gente contaminada. E nós respeitamos rigorosamente os protocolos. Se alguém testava positivo, era afastado imediatamente. E teve gente que foi transferida para outra área para cobrir. [...] Teve demissão porque é do processo. E teve gente que saiu porque não aguentou; teve medo. [...] E durante a pandemia, nós assumimos as Unidades Básicas de Saúde do município; só ali contratamos mais de 800 funcionários e em tempo recorde. (Entrevista de Ricardo Englert, diretor financeiro/direção executiva, branco, 68 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 22/07/2021).

Tivemos que contratar mais de 40 fisioterapeutas só para Covid. [...] A Santa Casa não mediu esforços para oportunizar aos profissionais tudo que era preciso. Ao mesmo tempo receber a população da melhor forma possível. Nos momentos mais críticos foi a Santa Casa que abraçou Porto Alegre. [...] Talvez Porto Alegre teria entrado em colapso, se não fosse a Santa Casa. (Entrevista de Rodrigo Della Méa Plentz, fisioterapeuta, coordenador do Serviço de Fisioterapia, branco, 50 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 31/08/2021).

[...] Houve muitas perdas de trabalho na pandemia. [...] peguei o Uber e o cara conversou comigo. Eu disse que era fisioterapeuta e ele falou: "Tu deve tá com um bom salário porque eu perdi meu trabalho, e agora estou

trabalhando de Uber". Então, eu vi que as pessoas estão nervosas, tensas. Eu nem sabia o que ia responder pra ele. Vi que ele tava super ríspido. Dei bom dia e ele disse: "O que tem de bom nesse dia? Perdi meu trabalho, perdi tudo". (Entrevista de Luis Filipe Soares de Lima, fisioterapeuta, negro, 32 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 15/10/2021).



No início foi mais difícil porque a fábrica parou e aí ele não recebeu salário e ficou bem complicado, nesse sentido. Eu recebo um salário do BPC [benefício de prestação continuada], minha filha é deficiente física, e esse era o salário que mantinha a gente, porque a fábrica ficou dois meses parada, aí reabriu e teve que fechar novamente, não tinha



pedidos e tudo parou, eles trabalham com exportação e tudo parou. E foi bem difícil a gente se virar sem o salário dele. Então a gente basicamente comprava o que dava de comida, a gente atrasou a conta de luz, a conta de água, tivemos a água cortada, e aí agora a gente está conseguindo colocar as contas em dia, tivemos que parcelar as contas de luz atrasada, estamos pagando as que estão vindo e mais o parcelamento. (Mara Rubia Schefler de Souza, 39 anos, branca, dona de casa, estudante de História na FACCAT. Entrevista realizada por Sandra Cristina Donner em 21/11/2020, Rolante).



É bem difícil, pois esse era um ano que era para ser bem bom, tínhamos várias feiras fechadas [no sentido de combinadas, a depoente é artesã]. A de Porto Alegre de agosto [eles esperavam que ocorreria], em fevereiro começou a fechar e perdemos várias feiras, mas a de Porto Alegre seria no dia dos pais, e já pensávamos que até lá ia ter feira. Mas hoje nós não vimos um retorno. Temos amigos artesãos que expõem no Brique da Redenção, e a gente conversa com eles, o Brique voltou mas segue difícil, porque você tem medo de atender as pessoas. Tu acaba com medo. As pessoas têm que higienizar as mãos, usar álcool gel, mas as outras pessoas não. [...] Nós tivemos algumas feiras *online*, o grupo que a gente participa fez feiras *online*. Mas é diferente, as pessoas não estão habituadas, é diferente, elas não querem ficar paradas na frente do celular ouvindo música e ouvindo as pessoas falarem sobre a época medieval. A gente montou uma loja virtual, que já deveríamos



O trabalho remoto tornou-se uma realidade em muitos setores. Organizar e promover lives. Foi um de nossos aprendizados. Na foto, o arquivista Juliano Balbon realizando o streaming de live promovida pelo APERS em 29/06/2020. Foto: Clarissa Sommer Alves

ter feito, há muito tempo. nós fizemos algumas vendas virtuais mas é diferente de tu olhar, provar, sentir [a artesã é costureira de vestes inspiradas no mundo medieval]. Ainda tem mais uma questão, a gente ia às feiras que eram temáticas, e as pessoas iam à caráter, elas se fantasiavam para ir. Tu vai comprar uma roupa, de forma online hoje, medieval, para que? Não tem feira, não tem onde ir, não tem um evento. Está tudo fechado. (Leticia Bottezini, 43 anos, branca, artesão costureira. Entrevista realizada por Sandra Cristina Donner em 26/08/2020, Sapiranga).

Na família os impactos econômicos foram muitos, pois quando a mãe parou de trabalhar no início da pandemia, em março, os impactos econômicos foram terríveis porque a gente teve que economizar muito na comida, na alimentação. Foi muito difícil o impacto econômico da pandemia no trabalho



da minha mãe, já no caso do meu pai, que é engenheiro da companhia Zaffari, o impacto não foi tão grande porque ele é um engenheiro chefe e como companhia alimentícia não foi tão afetada. (Vinicius Silva Abrão da Rosa, discente do curso de graduação em História, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 17 de dezembro de 2020, Porto Alegre).

Se eu não trabalhar eu **não** tenho dinheiro"

[...] a minha irmã teve que trancar algumas coisas do doutorado dela e agora, só depois de um tempo, ela conseguiu outro emprego. Então acho que senti mais nesse ponto, mas, por exemplo, eu senti de fato, não senti, a minha pessoa [...]. Eu não senti, mas outra pessoa perto de mim sentiu, e eu também acredito que outras pessoas que eu não sei,

mas devem ter sentido também pelo que a gente vê na TV,

enfim [...]. (Tainá Regina Silva Costa discente do curso de graduação em Jornalismo, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 16 de abril de 2021, Porto Alegre).

Aqui em casa foi bem grande, preciso dizer, porque meus pais são donos de uma empresa odontológica, que precisa de pacientes para funcionar, não é uma grande empresa, não é como se tivesse um grande caixa por trás caso uma crise desse tamanho acontecesse. Por mais que a gente tenha ficado um mês fechado, quando voltou a abrir, como é dentista, as pessoas não tavam saindo pra nada, então não é como se a gente pudesse vender um serviço *online*. Então a gente foi bem impactado, meu pai teve que demitir os funcionários da clínica e eu fui trabalhar lá e tranquei a faculdade [...]. A gente renegociou também o aluguel do local da clínica e o local aqui onde a gente mora que também é alugado, então foi bem grande o impacto, assim como a maioria das pessoas [...]. (Vitória Brescancin Cerbaro, discente do curso de graduação em Direito, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 12 de abril de 2021, Porto Alegre).

Eu percebi o impacto econômico das pessoas à minha volta, muita gente sem trabalho e procurando trabalho. Antes, é claro, as pessoas procuravam um trabalho para uma necessidade de dinheiro, mas agora acredito que seja uma coisa de subsistência [...]. Então agora vai ficar uma coisa muito mais desesperada do que antes, antes muitos amigos meus trabalhavam para ter seu dinheiro e tal, mas era uma coisa mais de trabalhar por trabalhar, para conseguir uma renda, e agora uma coisa de mais, enfim. Em questão minha, afetou também economicamente a questão de desemprego, eu fiquei sem trabalhar, também não consegui emprego de novo e a minha mãe também tá desempregada, então afetou, né, essas coisas de tudo caro, mercado caro, aluguel, coisa do tipo. (Mariana Cintra Accampora Neto, discente do curso de graduação em Serviço Social, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 15 de abril de 2021, Porto Alegre).

Essa discussão da abertura das escolas, também, eu não concordava, não. E tem sido muito intenso o movimento, eu vejo, das minhas colegas formandas que trabalham em escolas sendo vacinadas, finalmente, depois de quase um semestre inteiro pautando essa volta das aulas sem vacinar o professor. E aqui em

Esteio a prefeitura tem uma postura que, acho que dialoga também com a postura de um partido, que é o PP [Partido Progressista], que quer abrir as coisas a custo de vidas. Então, acho que a gente está num momento muito difícil que já não dá mais para dizer para as pessoas continuarem isoladas, depois de um tempo esse discurso acabou caindo por terra, eu vejo que muitas pessoas começaram, depois de um tempo, depois dessa situação, começaram a não dar mais bola para isso e, também, por conta do trabalho, de uma série de questões econômicas, "se eu não trabalhar eu não tenho dinheiro", e nem todo mundo tem a possibilidade de trabalhar em casa. Então tem uma série de questões que eu não quero ser moralista a ponto de dizer que a minha realidade é como a de todos, eu sei que sou muito privilegiada em poder trabalhar de casa. Então, eu acho que, a postura da Prefeitura, pelo menos no início do ano passado [2020] e nesse ano [2021], é muito de mostrar que está a favor da economia, que é um discurso que a gente vê muito, muito, nas cidades da Região Metropolitana, em Porto Alegre também [...] é aquela coisa, a gente não quer que morra a economia, independente se vá custar vidas, ou não. Então eu vejo que, em ambos os cenários, existe, claro, uma grande diferença entre o federal, o estadual e o municipal. Mas o federal eu não preciso falar muito, porque é algo que eu não consigo nem descrever, chegou a um ponto que a gente não consegue nem descrever o que é. Mas eu acredito que o estadual e o municipal estejam nessa, vejo que, talvez a postura do Eduardo Leite seja um pouco mais amena, nesse meio, mas a Prefeitura, aqui, é muito nisso, de colocar na frente a economia. (Carolina Neves da Silva. Entrevista concedida a Marluza Marques Harres em 31 mai. 2021, por meio digital).

**UNISINOS** 



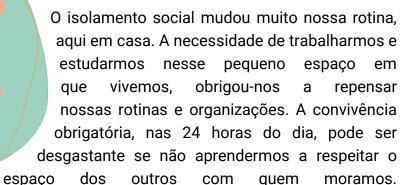
Eu tenho uma moto e aí fiquei pensando, "bom, qual é a maneira que eu vou conseguir de ganhar dinheiro nessa situação?". Porque ser contratada por algum lugar eu não ia ser, isso eu já tinha claro. Aí eu e minha mãe, a gente tentou fazer doces pra venda, só que a

gente não conseguiu que o negócio fosse pra frente, por conta de divulgação [...]. Nesses grupos [de trabalho] acabou vindo a oportunidade de trabalhar num dos aplicativos, num aplicativo de delivery. Então eu me inscrevi, fui selecionada, e figuei durante esse tempo [...]. Foi bem esquisita a sensação porque a gente tava [...] em isolamento total e depois acabou tendo contato com todo mundo, porque tinha que andar na cidade inteira e falando com muitas pessoas também. Tomando cuidado extremo assim, com medo [...]. Minha mãe trabalha em casa de família, então ela vai uma ou duas vezes por semana, tudo depende do que eles pedem pra ela. Ela ficou um mês [isolada] porque nessa casa onde ela trabalha são pessoas de idade, e aí ela estava com medo de acabar ela levando alguma coisa pra eles. Mas aí [...] depois de um tempo ela foi lá pra ver como é que eles estavam e pra trabalhar lá, e ela percebeu que eles estavam saindo muito mais do que ela. (Gabriela Rodriguez Machado, estudante de Agronomia na UFRGS, 22 anos, negra, moradora do bairro Passo das Pedras, entrevistada por Cláudia Mauch e Evelin Stahlhoefer Cotta em 16/09/2020, Porto Alegre).



Cap. 5

## AFETO, CONVÍVIO, SOLIDARIEDADE



Além disso, foi preciso investir na melhora do sinal de Internet que utilizávamos na residência, a fim de darmos conta do aumento da demanda de atividades online realizadas daqui: aulas síncronas ministradas pelo meu companheiro, professor de História de uma Escola particular de Porto Alegre; aulas síncronas assistidas por três crianças, estudantes do ensino

fundamental da rede privada de ensino, concomitantemente. O nosso apartamento, com seus 61 m², que antes da pandemia servia principalmente de dormitório, passou a ser o palco principal de nossas vidas em todos os âmbitos: profissional, local de estudo, diversão, descanso e de atividade física. (Professora de língua portuguesa e vice-diretora de escola, pós-graduação, tem um filho, mora com a companheira e com as filhos, branca mulhor cisgô

com o companheiro e com os filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 07/09/2020).

A convivência

obrigatória pode

Nas atividades de docência o impacto foi muito grande, pois tive de aprender a dar aulas remotas e a montar cursos adaptados a essa situação. Depois de um ano sinto um cansaço de passar o dia fazendo todas as atividades em frente ao computador, e sinto que há cansaço por parte dos alunos também. Tenho apresentado dificuldade de concentração nas leituras em telas, e dores no corpo. Na vida familiar, estou em isolamento em companhia de uma filha de 18 anos, e a convivência tem sido prazerosa. A pandemia nos aproximou muito. (Professora/historiadora,

pós-graduação, tem uma filha, mora com a filha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 07/04/2021).

Me apaixonei poucos dias antes das escolas e empresas fecharem, nunca mais nos vimos, não sabemos quando poderemos nos ver. (Publicitária, pós-graduação, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

Perdi algumas amizades por não ir em festinhas clandestinas. Acabei conversando mais com os vizinhos, claro cada um na sua casa e na vida amorosa continua do mesmo jeito, sem ninguém. (Televendas, ensino médio completo, mora com os pais e com os irmãos, parda, mulher cisgênera, heterossexual, Três Coroas, 30/07/2020).



Arte: Isis Soares. 02/06/2020. Instagram @arteporpartess

Parece que a gente perdeu a solidariedade. Nem pude ir prestar solidariedade a algumas pessoas queridas que faleceram. Com os vizinhos, conversamos na rua, pelo muro e pelas redes sociais. Meus netos estão em sua casa. Acostumada a sempre ter todos por perto, está sendo difícil. Mas estamos aprendendo um outro modo de sentir as pessoas por perto.

Dando bom dia. Perguntando se estão bem. Dizendo que temos saudade. Dizendo EU TE AMO. Tudo pelas redes sociais. (Costureira aposentada, ensino médio completo, tem quatro filhos, mora com o marido e dois filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Canoas, 17/07/2020).

Estamos aprendendo um outro modo de sentir as pessoas por perto"

Nós temos, nós tivemos muita solidariedade. Muita gente se envolvendo. (Secretário Cláudio Leite Gastal, 51 anos, branco, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Gabinete de Crise. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 25/9/2020, Porto Alegre).

Com certeza tem afetado muito, pois se não nos vemos as pessoas as relações esfriam um pouco e a saudade aumenta. A minha família está em Minas Gerais, no início nos falávamos mais, estava todo mundo com medo e eu é a que está mais longe de todas. Em relação à vizinhança quase não nos falamos, somente um oi medroso no corredor, todo mundo tem medo de todo mundo. (Estudante de graduação, ensino superior incompleto, mora sozinha na moradia estudantil, parda, mulher cisgênera, heterossexual, Pelotas, 30/07/2020).

Relação com amigos e parentes está muito diferente sem os encontros presenciais, distanciamento geográfico e afetivo também, mas em relação ao amoroso e sexual melhorou, mais tempo juntos, aumentou a intimidade e a empatia. (Gestor ambiental, pós-graduação, tem um filho, mora com a esposa e filho, branco, homem cisgênero, heterossexual, Novo Hamburgo, 15/07/2020).

Eu adoro estar longe das pessoas. Disso eu gostei. (Professora, pós-doutorado, tem um filho, mora com marido, filho, pai e mãe, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Campo Bom, 30/07/2020).

Acho que em todos os aspectos, [o isolamento] foi positivo. Tivemos que passar a nos relacionar com os familiares, com os vizinhos, com o mercadinho da esquina, com os amigos que produzem algum produto e levam em casa. Tanto que não gosto de usar a expressão "isolamento social". Não acho que seja "social". Eu estou em isolamento físico, mas social, não. Socialmente minhas relações estão mais estreitas, converso mais, convivo com amigos, vizinhos e com pessoas que eu nem conhecia presencialmente. Agora estou tendo a oportunidade de chegar em espaços que fisicamente eu não chegava. Claro, a saudade de sair com amigos, de ir para bares é grande. Em relação a vida amorosa, ficar 24 horas com o parceiro, foi complicado, mas um ensinamento muito interessante e hoje superado e tudo dentro do esperado de um relacionamento a dois. (Servidor público estadual, pós-graduação, mora com o namorado, branco, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 12/08/2020).

O isolamento social, além de distanciar os amigos e familiares, deixou muito claro a fragilidade das relações de afetos que constituímos. Muitas das vezes convivemos com pessoas por obrigação e isso é bom, pois é conviver com o diferente. Durante o isolamento social você não tem acesso a outras pessoas e então percebe o quanto as pessoas contribuem para os ambientes e espaços. Em relação às amizades não existe como substituir um diálogo virtual para um presencial. A vida amorosa de certa forma é muito afetada, o isolamento impõe um desafio para o relacionamento ao mesmo tempo que oferece uma oportunidade de autoconhecimento. Não há como romantizar os diversos problemas emocionais causados pela pandemia que de certa forma também afeta o relacionamento, esse ciclo de coisas também afeta a vida sexual, que para mim é para além de uma necessidade é um sentimento, o sentimento de estar bem o outro nesse

A fragilidade das relações

de afeto"

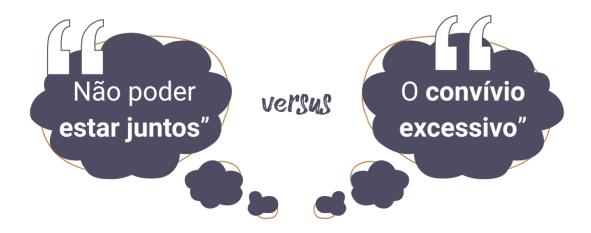
isso, por vezes se encontramos com nossas companheiras no final do dia e o sexo é algo que acontece de maneira natural, porém quando estamos diariamente convivendo com a companheira nota-se que para o sexo acontecer de forma natural é preciso ambos estar bem emocionalmente e conectados. (Estudante, ensino

superior incompleto, mora com a companheira, branco, homem cisgênero, heterossexual, Jaguarão, 27/09/2020).

mesmo ambiente. Acredito que o isolamento evidenciou

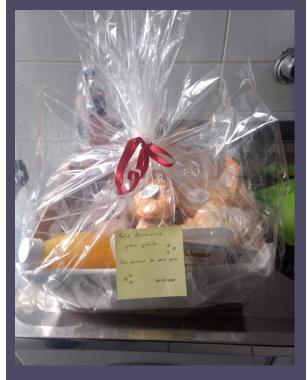
Como casal estamos mais irritados um com o outro. Diminuiu a frequência do sexo. (Servidora pública, ensino superior completo, tem dois filhos, mora com o marido e filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Cachoeirinha, 11/07/2020).

Me separei. (Técnica de enfermagem, ensino superior incompleto, tem três filhos, mora com dois filhos, feminina, heterossexual, Novo Hamburgo, 10/07/2020).



Interferiram na questão de não ter o contato, de não poder estar juntos, a proximidade, que enquanto nós humanos é extremamente importante em situação de medo. (Bolsista, entrevistadora de pesquisa qualitativa e quantitativa, ensino superior completo, mora com o esposo, branca, mulher cisgênera, bissexual, Pelotas, 29/07/2020).

Eu estava começando um relacionamento. Demoramos vários meses a distância até juntarmos as nossas quarentenas, o que forçou um convívio intensivo com pouca intimidade e os problemas decorrentes disso. (Historiador e designer *freelancer*, pós-graduação, mora com os pais, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).



"Presente de aniversário dos meus pais para minha irmã em 06/10/2020 (alguns dias depois recebi um também, pelo meu aniversário)." Foto: Alana Thaís Basso

Melhorou a minha vida afetiva. Aproximou de minha namorada. (Advogado, ensino superior completo, mora com a namorada, branco, homem cisgênero, heterossexual, Lajeado, 11/07/2020).

Há um esgotamento do convívio excessivo, embora haja bastante espaço para individualidade na relação. (Professora da rede pública, pós-graduação, mora com o companheiro, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

Me sinto péssimo, mais deprimido, ansioso, triste a respeito do meu futuro. Relações sexuais somente virtuais mas não é a mesma coisa. Tenho pensado em suicídio. (Servidor público federal, ensino superior completo, mora sozinho, afrodescendente, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).





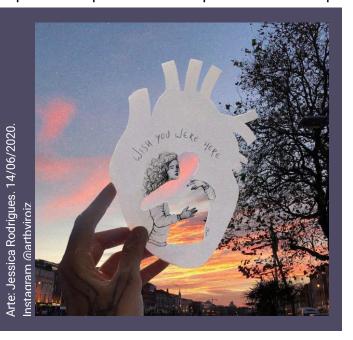
[...] foi uma emoção muito grande. Aquele paciente ficou conosco 90 dias, um rapaz novo e foi de mão em mão, e foi dia a dia, até que um belo dia ele saiu da ventilação mecânica e conseguiu sentar na poltrona. Reuni todos e falei assim: "Apesar das dores e do que a gente tá sentindo, a gente venceu [...]. Aqui é o

resultado de todo nosso trabalho, do nosso cansaço, de toda nossa lágrima, de todo nosso medo, de todo nosso desespero". (Entrevista de Carine Rocha dos Santos, enfermeira, supervisora de enfermagem das UTIs do Pavilhão Cristo Redentor – 4º e 5º andar, branca, 44 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 18/02/2021).

O resultado de todo nosso **trabalho**, do nosso **cansaço**, de toda nossa **lágrima**, de todo nosso **medo**, de todo nosso **desespero**"

Alguns vinham para atendimento e nunca haviam tido histórico de depressão. Mas elas estavam com saudades da família, dos filhos. Às vezes, filhos menores, e ter que ficar longe muito tempo, isso aí tem um impacto no emocional. [...] naquele momento estavam com um grau de sofrimento aqui e chorando o tempo todo. [...] Isso foi muito duro. A dor era deles, mas era minha também. (Entrevista de Adriana Reis do Nascimento, psicóloga clínica, branca, 52 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/02/2021).

Às vezes, a gente acha que o profissional da saúde não vai adoecer. Eu acho que isso a pandemia veio pra nos ensinar que todos nós somos iguais, e a



gente vai passar pelos mesmos desafios. E que a gente precisa ser solidária. Se a gente não se ajudar como colegas, como atender bem nossos pacientes? Foi um ensinamento que esse momento proporcionou. (Entrevista de Alessandra Ceci dos Santos, supervisora de enfermagem da Emergência de Convênios e Particulares, parda, 43 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 04/02/2021).

A pandemia foi um tsunami. [...] Foi muito duro. Convivi mais com a morte nesse tempo. [...] A intubação era igual a morrer; um momento de muito pânico.

Antes, queriam se despedir da família. [...] Mas, ao mesmo tempo tenho histórias lindas de recuperação. [...] uma paciente de 42 anos tinha recém tido um nenê [...] ficou 45 dias na UTI e voltou pra vida. Hoje ela me manda fotos com a filha. (Entrevista de Denusa Wiltgen, internista, coordenadora médica das UTIs, branca, 46 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 15/02/2022).

Convivi mais com a morte nesse tempo. [...]
Mas ao mesmo tempo tenho histórias lindas de recuperação"

Pegar um paciente que tu vês que não tá bem, e depois ele melhorar, olha, era a principal recompensa que a gente tinha. Isso nos alimentava, e nos movia dia após dia para enfrentar a jornada de trabalho. Claro, a gente vivenciou coisas terríveis, principalmente pacientes jovens que iam pra UTI; muitos morreram, alguns ficaram com sequelas prolongadas. Graças a Deus, mais de 90% tá aí trabalhando. (Entrevista de Luciano Müller Corrêa da Silva, médico pneumologista, branco, 50 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 02/08/2022).

Precisamos abrir novos leitos de UTI na Santa Casa. Chamamos os colaboradores e perguntamos quem se identificava com áreas de pacientes mais críticos. E desde o primeiro momento, muitos se colocaram à disposição para nos auxiliar [...]. Houve uma adesão bem significativa, bem importante. Tivemos nas Unidades de Internação em torno de 70 colaboradores que foram atuar nas UTIs, para ajudar os colegas que atuam em terapia intensiva. Muita solidariedade... (Entrevista de Nilvair Natalina Duster, Enfermeira, Coordenadora da Gestão de Leitos, branca, 45 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 17/08/2021).

Eu saí renovada

na minha crença da

educação como um

processo político de

cidadania mesmo"

Acho que cabe dizer que quando foi falado sobre fechamento das escolas, que saiu o decreto do distanciamento social, naquele momento meu papel na EPA ainda era de diretora da escola. Ali bateu de novo essa questão de contradição entre servir o alimento para os estudantes e não servir o alimento para os estudantes. Que a gente sabia que não ia abrir

tudo bem; mas como a gente faria para servir o alimento para os estudantes? Para mim era essa pergunta, em algum momento eu fiquei em dúvida se para alguns colegas era servir ou não servir. Acho que a gente conseguiu numa reunião tensa – porque tem muito medo e o medo não é ilegítimo. Acho que isso é uma coisa que a gente tem que entender: medo de se contaminar, medo de morrer, não é um medo infundado. A gente conseguiu, ali, organizar a questão da escola em um primeiro momento, que

era a distribuição das quentinhas, e aquilo me era muito forte. Porque a gente ia pra casa pra se isolar, mas os nossos estudantes não tinham nem o que comer e se a gente entendesse, e era o que a gente entendia, que tudo ia fechar os modos de sobrevivência deles na rua estariam totalmente bloqueados. Fiquei feliz naquele momento, foi um dos momentos mais importantes da EPA: quando a tabela de escala dos professores foi sendo feita para vir ajudar a distribuir as quentinhas. Eu saí renovada na minha cronos

a distribuir as quentinhas. Eu saí renovada na minha crença da educação como um processo político de cidadania mesmo, Paulo Freire na veia como digo eu. (Jacqueline Junker Fuques, professora da EMEF Porto Alegre e diretora no momento em que a pandemia iniciou, 52 anos, branca, entrevistada por Dante Guimaraens Guazzelli em 13/10/2020, Porto Alegre).

E foi um processo de construção muito bacana, porque, ao mesmo tempo que a gente mobilizou o grupo interno [...], a gente conseguiu mobilizar muita gente, tanto que a gente fazia escalas: as escalas eram voluntárias, por ser uma atividade que não era apoiada nem pela SMED [Secretaria Municipal de Educação] [...]. E foi bacana, porque todas as pessoas que podiam sair, que estavam em condição de sair do isolamento, puderam de alguma forma contribuir; e outras tantas, que não puderam ir, contribuíram de outras maneiras, seja divulgando, seja [contribuindo financeiramente]... Enfim, eu acho que foi um movimento bacana pela espontaneidade da coisa, porque a gente não criou um "comitê de arrecadação". Não, as pessoas doavam pra escola numa conta lá, a gente transferia, comprava, a gente discutia o que fazer... e todo mundo ajudou. [...] Eu acho que isso é importante, porque também resgatou pra gente uma esperança. No momento em que a gente via aquele grupo lá de negacionista [...], a gente via que as pessoas vinham nos procurar dizendo assim: [...] 'a fome é um problema!', 'a miséria é um problema!'. [...] Isso deu muita esperança pra gente. Acho que isso foi muito bacana; porque se tivesse sido só uma arrecadação entre nós, trabalhadores da escola, já teria sido bom, mas o fato de trazer gente de fora... sei lá, devem ter entrado em contato com a gente mais de cem pessoas, vieram trazer, conhecer. [...] Espero que, depois dessa pandemia, venham pra conhecer o trabalho presencialmente, porque ajudaram a manter ele de pé. (Paulo Gilberto Klein, professor da EMEF Porto Alegre que assumiu o cargo de direção nos meses iniciais da pandemia, 54 anos, branco, entrevistado por Dante Guimaraens Guazzelli em 07/05/2021, São Leopoldo e Porto Alegre)



O impacto psicológico foi muito! Crises de ansiedade e de depressão. Medo de ficar doente, medo de que pessoas que a gente ama fiquem doentes. Perdi a minha avó e fiquei mais deprimida e com crises de ansiedade e preocupação com a

saúde do meu pai, com a da minha madrasta. Também com a minha mãe que é grupo de risco e com a minha filha que tem a imunidade muito baixa e que também que é grupo de risco. Essa preocupação constante em não ficar doente, e também as crianças que ficaram entediadas, com muita saudades dos avós, dos amigos, da rotina da escola, enfim, isso deixa os ânimos alterados. Sensação de claustrofobia e incerteza, medo de ficar doente,

necessidade das coisas voltarem ao normal, sair de casa sem precisar estar de máscara, sem ter medo de encostar nas coisas e nas pessoas. (Mara Rubia Schefler de Souza, 39 anos, branca, dona de casa, estudante de História na FACCAT. Entrevista realizada por Sandra Cristina Donner em 21/11/2020, Rolante).

O impacto
psicológico foi muito!
Crises de ansiedade
e de depressão"



Eu quero destacar uma coisa que eu acho fundamental. Ali, a partir do momento que eu fui acometido pela Covid, eu vi o quanto é importante a solidariedade das pessoas e não foi um nem dois, foram vários colegas e familiares. É... eu jamais pensei passar por uma situação dessas, que na minha casa iam me levar alimento. Não que eu estivesse precisando, mas por solidariedade, mandavam umas frutinhas, outros levavam

congelados. Isso mexeu muito comigo, sabe? Eu nem pensei que as pessoas gostassem tanto de mim e todos nós sempre achamos que as pessoas não gostam da gente. Isso me deixou bastante feliz e fez com que... me abriu caminho. Já tinha feito anteriormente com outras pessoas, mas hoje eu sempre estou procurando isso,

né? A gente ainda tem hoje um outro colega que se acomete, é o primeiro contato que eu faço. Quer que eu leve alguma coisa? Se precisa de alguma coisa, porque eu sei foi importante guanto isso para mim. Então, aproveito se algum desses amigos e colegas estiverem assistindo, eu agradeço do fundo do coração por ter lembrado desse senhor agui, sabendo que a gente tem que ficar isolado. Alguns mandavam um vinho, mas a gente não podia tomar. Mas [agora] nós já providenciamos, tomamos vinho para comemorar essa vida aí. (Marcelo Calixo, diretorgeral IFRS Campus Feliz).



Arte: Monica Freitas. 24/03/2021. Instagram @Rabiskey\_

A partir de setembro de 2020 eu e meu, eu chamo o marido, a gente entrou em processo de adoção. A gente começou a aproximação com os nossos filhos hoje, né? Mas com dois meninos em Roraima, lá em Boa Vista, então a gente fez toda a aproximação, um primeiro momento de estágio de convivência foi considerado também no processo via WhatsApp, pois estávamos no meio da pandemia. Então eu tava fazendo isso, então quando a gente começou a gente precisou fazer mudanças na casa, obras para recebê-los. Aproximação dos filhos, ao mesmo tempo finalizando os documentos para a adoção e apresentando a dissertação. No meio da pandemia. Então de setembro até dezembro de 2020 foi aquela loucura assim. Mas com essas guestões também. Então eu defendi dia 9 de dezembro e a gente chegou com os meninos pra morar pra morarem já conosco aqui em guarda definitiva no dia 4 de dezembro. Então quando eu defendi eles já estavam aqui conosco. Então foi muito legal, mas também tudo muito novo. E a partir desse momento da defesa eu entro em licença adotante. Então o meu retorno ao trabalho no IFRS ele vai se dar em 2021, em 6 de junho. No dia 2 de junho foi quando a cidade de Bento Gonçalves liberou a primeira dose da vacina da Covid para os profissionais da educação. Foi um momento ótimo o da vacinação, rever os colegas e retornar ao trabalho. (Lisiane Bender da Silveira, servidora técnica, IFRS Reitoria).



"Período de gestão em isolamento. Recebendo uma surpresa. Um abraço de apoio e carinho da minha mãe." Foto: Aline Beatriz Pacheco Carvalho



[integrante NuMem, Α Carol do participante da entrevistal deve lembrar, que em Bento [Gonçalves] a gente pegou e converteu 50 e poucos mil litros de um vinho que estava há mais de 10 anos parado no campus por questões judiciais. A gente conseguiu uma autorização do juiz para destilar o vinho, recuperar e transformar em álcool, que ninguém tinha agui na cidade, o hospital de Bento Gonçalves não tinha álcool para fazer a higienização mínima. E aí, até outro dia, eu fui aqui no Ministério Público em Bento [Gonçalves] por uma outra pauta e o procurador me disse, "pô professor, aquela ajuda que vocês deram lá pro

hospital e tal" e resolvemos dois problemas: o vinho estava parado lá no campus há muitos anos, não tinha mais onde estocá-lo, mas a Justiça não deixava que a gente se desfizesse dele porque era alvo de um processo e ajudamos a sociedade. Aí começou a acontecer coisas assim em todos os nossos campi, o IFRS abriu as portas para entregar alimentação. A gente distribuiu mais de 15 mil kits comprados da agricultura familiar para os nossos estudantes em vulnerabilidade. Então, nosso estudante ficou em casa com fome em muitos casos [...] a gente comprou da agricultura familiar, então percebe a roda girando literalmente, né? Compramos de quem precisava que a gente comprasse deles e entregamos para quem precisava mais ainda daquele alimento. (Julio Xandro Heck, 45 anos, reitor IFRS).

Eu acho que tem afetado até nisso que eu falei da convivência, que as pessoas não se conhecem tanto hoje em dia. Nossa rotina "normal", normal antes da pandemia, a gente não passava tanto tempo com a família e nem com outras pessoas, assim. O dia era dividido em várias partes, então tu não passava o tempo todo com a família. Eu acho que isso cria muita tensão, porque ficar confinado com essas mesmas

pessoas o tempo todo, e tu vai conhecendo cada vez mais os defeitos e qualidades, sabe, não tem intervalo, não tenho tempo, sabe. Então eu acho que cria bastante conflito, mas também cria bastante oportunidade de fazer coisas juntos, acho que tem um lado bom que eu tenho percebido, e acho que é mais ou menos isso. Nos primeiros meses eu fiquei bem tranquila, não me afetou. Mas agora realmente fazendo um ano de pandemia, não sei, parece que um desgaste emocional, psicológico de ficar o tempo todo se conectando com todo mundo através da internet, sabe, tantos estudos, quantos amigos, é uma coisa que pesa. As redes sociais não me fazem tão bem, então para mim é meio ruim ter que ficar dependente disso, não só nas redes sociais, mas o tempo todo na internet, computador. (Mariana Cintra Accampora Neto, discente do curso de graduação em Serviço Social, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 15 de abril de 2021, Porto Alegre).

Me afetou muito o início da pandemia no primeiro ano, claro que no início a gente achou que ia ser muito menos tempo, mas depois de um tempo eu me vi mal mesmo assim da cabeça. Foi quando eu comecei a ver um amigo que outro, né, porque daí, eu não acho exatamente certo esse pensamento, mas eu pensei que não adianta tá aqui confinada com vírus mas começar a ficar doida, depressiva, enfim. Mas com cuidado, aqui e ali, eu comecei a ver alguns amigos, mas eu acho que afetou muito minha saúde mental. Agora eu tô tentando lidar, tô um pouco mais adaptada, procuro outros meios para ter esse escape, pra ter esse momento de relaxar na rotina, enfim. (Yasmin Soares larto, discente do curso de graduação em Direito, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 15 de abril de 2021, Porto Alegre).

O impacto psicológico muito forte, né, porque a gente não poder ter contato físico com as pessoas que a gente gosta, não poder sair na rua para fazer as coisas normais, as coisas simples, para trabalhar, não poder fazer o estágio tranquilo, assim sabe, ficar com medo de pegar a Covid e morrer. Isso é um impacto muito pesado, né, e eu acho que quanto mais tempo se permanece dentro da pandemia, mais a gente vai ficando, como eu posso dizer, anestesiado, sabe, para continuar

Quanto mais tempo se permanece dentro da pandemia, mais a gente vai ficando [...] anestesiado, sabe, para continuar vivendo" vivendo. Assim, tocando o trabalho, faculdade de forma normal, enquanto tá um caos lá fora. E tanto em mim, quanto em pessoas próximas, a minha família, eu vejo que é uma coisa geral. Sinto que todo mundo tá mal assim, tá difícil para todo mundo. (Luísa Vitória Pontalti de Ros, discente do curso de graduação em Medicina, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 16 de abril de 2021, Caxias do Sul).



Foi muito impactado, eu era uma pessoa que tava sempre alegre, muito feliz, muito só que com essa pandemia os contatos diminuíram, a interação diminuiu, aqui em casa a gente não aguentava mais se ver todos os dias as mesmas pessoas sempre. Teve brigas, teve conflitos, não tanto, mas teve. E, como eu disse, não tinha o costume de contatar muito os meus amigos e conversar online, não tenho namorado e nem cachorro eu tinha, eu tava me

sentindo muito sozinha. Então me afetou bastante, mas depois eu comecei a ler uns livros, compreender melhor a situação e ver que eu não era a única. Aos poucos a gente vai melhorando a cabeça e focando em outras coisas. Então eu aproveitei a pandemia mais pra focar mais no meu trabalho, que eu trabalho de casa pelo mercado de ações, então é mais fácil pra mim, mas ainda é um mundo muito sozinha [...]. (Vitória Brescancin Cerbaro, discente do curso de graduação em Direito, entrevista concedida a Luísa de Borgmann de Oliveira em 12 de abril de 2021, Porto Alegre).

Então, minimamente a gente tem que fazer, pra tentar suprir as demandas imediatas, agora, da população. Falo imediatas porque é isso, antes também era imediato, porque as pessoas tinham condições precárias, mas agora nesse período de pandemia, as pessoas correm o sério risco também de, tudo se intensificou, e o risco com a vida mesmo, agora a gente tá falando de mais de 60 mil casos, agora a gente tá falando de muitas



pessoas morrendo com Covid-19... Então, e pessoas próximas, que tão com Covid, amigos ou familiares, enfim, que tão com Covid, familiares de amigos e amigas que tão com Covid, então a gente tá falando de atendimento popular, de abastecimento popular, quando a gente faz essas ações, não é entendendo como ações assistencialistas, e entendendo e dialogando sempre com as comunidades, que são ações de solidariedade e apoio mútuo. E a gente tem que entender que essas coisas que a gente vem fazendo são direitos dessas populações. Só que se as instâncias superiores, os órgãos superiores não entendem, e as se autoridades, enfim - municipais, estaduais, federais - não entendem que essas ações são direitos, que esses abastecimentos são direitos dessa população, pra que elas consigam ter uma vida digna, e melhor, a gente entende, que isso é um direito, deve ser dialogado com as comunidades. Outra coisa com as ações que a gente tem feito, que tem me deixado feliz, e bastante emocionado mesmo, porque é isso, olha o quanto a gente avançou, né, porque pra mim isso é um baita avanço, uma baita construção coletiva. A gente tem dialogado com pessoas da comunidade que nunca tinham dialogado com a gente, e a gente muito menos dialogado com essas pessoas. Ou seja, a gente tem construído, tem avançado nesse sentido, de diálogo com a comunidade, de fazer com que a comunidade entenda que isso é um direito, de garantia desses direitos, minimamente, mas a gente tem avançado e construído nesses pontos. (Yuri Andrews da Silva, estudante da Unipampa, 27 anos, branco, entrevistado por Caiuá Cardoso Al-Alam, Guinter Tlaija Leipnitz e Sara Teixeira Munaretto, 09/07/2020).

Eu tinha esquecido o que era base, o que era a MINHA base [...] e eu tive que voltar a lutar por muitas coisas"

Então, correr atrás o dia inteiro, é, tem um desgaste muito grande, a gente tem que correr, é, eu corro atrás o dia inteiro, porque a gente tá cuidando de muitas famílias, de muitas pessoas da comunidade, muitas mesmo, tanto, a gente tá com muito medo, tô com muito

medo do que vem pela frente ainda... Mas tá, eu acho que veio pra mexer com muita estrutura, muita coisa que tinha que ser mexida neste momento, e me tirar, na verdade veio me tirar numa região de conforto que eu tinha me colocado, né. Eu acho que no percorrer dos anos, eu tinha entrado numa zona de conforto, nos últimos, é, tirando uns 4 anos pra trás, eu tinha entrado numa zona de conforto. Eu tinha esquecido o que era base, o que era a MINHA base, é, e eu tive que voltar, eu tive que voltar a lutar por muitas coisas que, que eu pensei que eu não voltaria mais a lutar. Pensei que já, já tinha dado por certo que tinha mudado, e eu voltei na minha base agora, voltei, eu levo agora 36 anos de ativismo, olha, tive que voltar a 20 anos, pra mexer com algumas coisas que, que na verdade, eu já, eu acho que lutas que já tinha ganhado, e eu voltei de novo. E não é que tô gostando de voltar, porque eu acho que, eu, eu acredito [truncado] num troço muito grande, mas faz parte. (Soledad Mangela Britos Benitez, segurança de eventos desempregada, 50 anos, indígena, entrevistada por Guinter Tlaija Leipnitz e Sara Teixeira Munaretto, 13/05/2021).

No primeiro momento, nós estávamos em casa, eu e a minha filha Patricia, e eu disse para ela que a gente deveria fazer alguma coisa para ajudar as pessoas porque a gente sabia que seria um momento difícil, até então de 14 dias, no início. Porque a gente escutava muito na rádio. E as pessoas iam ficar desempregadas, principalmente as diaristas, que iriam perder o trabalho. Aí eu convidei ela, quem sabe a gente vai pro Clube, já que o Clube estava fechado. E começamos a pedir na rádio que levassem alimentos até nós. Ela concordou e assim a gente fez. Só que no primeiro dia que a gente chegou aqui para fazer, aliás, no outro dia quando eu chequei no Clube, tinha uma fila que fazia a volta no Clube. De pessoas pedindo já alimentos e nós não tínhamos nada. Mas como o combinado era entregar aquilo que a gente conseguisse lá na rádio, assim a gente fez. Só que na mesma semana a gente foi para as fruteiras e conseguimos os legumes e seguimos recebendo doação e seguimos fazendo a sopa todas as semanas, semanalmente e entregando as cestas. Porque a gente descobriu o caminho das pedras e a gente descobriu que não precisava de ninguém, que as pessoas vinham até nós. Então a gente começou a fazer o trabalho nós mesmas. [...] A gente começou na primeira semana da Covid, é que eu não sei mais a data certa mas as gurias sabem de tudo, eu não sei. Aí a gente viu que tava se estendendo e a gente resolveu fazer um cadastro das pessoas. Acabou que a gente teve que não cadastrar mais porque não tinha mais como atender tanta gente. Aí a gente atendia os cadastrados e dava o que a gente conseguia para os outros. Dividia com os outros, o que tinha para dar [...] a ideia nossa era sempre dar o sopão, mas a gente conseguiu as cestas básicas que era uma coisa que acontecia de vez em guando. Mas graças a Deus a gente consegue sempre. Por mais incrível que pareça, nesta época do ano que a gente acha que tudo vai parar, que a gente acha que não vai aparecer, a gente vê e surge, não sei da onde,

mas surge. Toda a sexta-feira ao meio dia a gente serve o sopão. [...] eu costumo dizer que eu não conhecia os pobres. Eu não sabia onde estavam os pobres paupérrimos, porque pobre a gente também é. Aquelas pessoas que não têm. Eu pensei que isso não existia, mas não existia porque eu não via. E quando tu não te determina a ir para um espaço para ver ou enxergar, tu não vê. Mas agora quando a gente vê, a gente vê que é muito difícil. [...] eu acho que o clube é o nosso espaço principal, é importante. Só em ceder o espaço já tá ótimo. Porque o difícil é conseguir o espaço né. A gente tinha o espaço. Porque na pandemia o Clube não tava trabalhando, não tinha como nos darem verba nenhuma, porque tinha os gastos, luz, água, mas a gente tinha o espaço. E conseguia se virar com as doações. Muitas pessoas fazem este tipo de coisa e não têm o espaço. Então o Clube para nós é um lugar muito importante. Eu acho que as pessoas enxergam o Clube muito bem. [...] as pessoas que vêm aqui, ninguém mora aqui perto [...] todas as pessoas que vem aqui, elas vêm de lugares bem distantes, vêm do Cerro, vêm lá de perto da Charqueada, vem lá do Bela Vista, vem de lugares que eu nem conheço. É um público que não é aqui de perto. Primeiro que aqui perto não tem muita periferia né. As pessoas vêm de muito longe que dá pesar de ver a distância que vêm estas pessoas. Elas geralmente vêm de bicicleta, usam carona pros outros, elas usam qualquer coisa. [...] Eu não conto com nenhuma... nunca contei, nunca doaram nada, do município ou nenhuma autoridade. Nunca eles vieram aqui. E eu também nunca fui lá. Então a gente tem que, bem por essas. Eu acho que faço minha parte porque quero fazer e eu não vou lá pedir para eles, porque se eles quisessem, eles viriam até mim né. Como iriam até outras pessoas. Então não fico questionando se eles não

vão vir ou vão vir. Eles têm que se preocupar mais é com o povo. Mas a gente faz agui a nossa parte. [...] Quando um Presidente abre a boca pra dizer que não existe fome no Brasil, que ele nunca viu ninguém pedindo nada pra ele. É lógico que ninguém vai pedir nada para ele, né. Para uma pessoa que está dentro de uma redoma de vidro. Tapada de gente cuidando dele, capaz que alguém vai pedir alguma coisa, né, capaz. Mas a postura do Presidente, pior não poderia ser. Espero que mude, espero que fique melhor. Também não espero milagres, porque milagres não acontecem, vai ficar muita coisa trancando. Mas espero que melhore. [...] Um registro que eu gostaria de deixar registrado aqui, é que na nossa fila a maioria são mulheres. Homens eu conto nos dedos, acho que tem uns 5, exagerando. Mas mulheres tem muitas, muitas mulheres. Porque as mulheres são mais valentes. Se tiver que pedir para dar comida para um filho, a mulher vai. Pode ter certeza que ela dá a cara a tapa. É só por isso que tem mais mulheres, porque as mulheres são mais valentes. Eu não quero dizer que elas, as crianças, não têm pai. Elas têm. A gente vai ver e têm. Os pais são presentes. Mas eles não têm coragem de enfrentar uma fila para pedir, né. Eles acham que aquilo vai, sei lá, mexer com a imagem deles. Não vai. Então as mulheres, elas dão a cara a tapa sim. (Sonia Oliveira Crespo, diretora do Clube 24 de Agosto e organizadora da ação de solidariedade semanal de refeição, entrevistada por Guinter Tlaija Leipnitz e Caiuá Cardoso Al-Alam, 13/12/2022).

## 29/4/2020 - 43° da guarentene

No início da opvorentena - quando faziámes panelagos - hoje são cada vez mais varos - depois que eles terminavam, um floutista da vizinhanga tocova canções de protesto. Lembro-me que a primeira vez foi Bella Ciao. Toquei de volta ao piano. Ele veio com O Bébodo e a Equilibrista e Mercedes Sosa, devolvi com Chico Buarque. Instituiu-se um diálogo munical, às 21 horas, to do dia depis do panelago.

E assin foi que me renti menos rozinho durante a pandemia.

Os diálogos múnicais noturnos acaberomo. O flautista, ou a flautista, numas
mais tocou. Estavia de encontra-lo, ou
encontrá-la, quando tudo acabar,
para agradecur por suas linhas melódicas que trovxeram arte para men
isolomento e a certeza de que há
espaço para algo que não é genocídio.



Cap. 6

## **GESTÃO DA PANDEMIA**



Falta de responsabilidade do governo federal, que puxa a corda para um lado. Governadores e prefeitos para o outro. (Assistente administrativo,

ensino superior completo, mora com a esposa, negro, heterossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

Governo federal puxa a corda para um lado. Governadores e prefeitos para o outro"

O governo [federal] está fazendo de tudo para que as pessoas não deixem de ter o seu dinheiro. Na minha opinião, o ponto forte do governo em relação ao coronavírus, foi de ter criado o auxílio emergencial. (Estagiário de banco, ensino superior incompleto, mora com a mãe, avó e irmão, pardo, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 14/08/2020).

É um governo [federal] genocida e ultraneoliberal que não trabalha com dados técnicos e nega o debate científico. Estamos sem ministro(a) da saúde e da educação e temos um governante autoritário e estúpido. (Assistente social, pós-graduação, mora com dois amigos, branco, homem cisgênero, homossexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

É um momento lastimável na história do país, um governo [federal] totalmente apático na instrumentalização da contenção da pandemia, acarretando em uma população que não sabe quem ouvir. (Licenciada em História, ensino superior incompleto, mora com a mãe, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 15/07/2020).

Em resposta à ausência de desempenho do governo federal, o governo estadual riograndense tem tomado medidas boas, mas insuficientes sem o apoio dos governos municipais. (Estudante, ensino superior incompleto, mora com os pais, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Igrejinha, 17/7/2020).

Desarticulação e desinformação: falta de clareza no enfrentamento da doença, falta de articulação com estados e municípios, alternâncias de gestores... (Assessora arquivista, ensino superior completo, tem um filho, mora com o marido e filho, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 20/07/2020).

O governo [federal] está atuando de forma consciente. Fazendo o que pode, procurando estar atualizado com o que acontece em outros países e tomando as devidas providências. (Engenheira agrônoma, ensino superior incompleto, tem um filho, mora com o esposo e o filho, "brasileira típica, união de raças", branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 13/07/2020).



Acredito que ele [governo estadual] tenta equilibrar: a falta de apoio do governo federal, os interesses da saúde do povo, a capacidade de atendimento dos hospitais e os fortes interesses financeiros dos empresários, que declaradamente o pressionam para tudo voltar a normalidade, em meio a esse caos que estamos vivendo na saúde pública [e] apesar dos alertas emitidos pela sociedade de infectologia do RS que recomenda nesse momento, 16 de julho de 2020, aplicar o *lockdown* para diminuir o pico de contágio. (Arquivista, pós-graduação, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 16/07/2020).

Talvez poderia ter mais agilidade na vacinação. Gostaria de que não tivesse desvio de dinheiro público. Mas sei que fazem o possível, é terrível a pressão para eles tomarem as decisões. (Professora, pós-graduação, tem dois filhos, mora com o grupo familiar, filhos e marido, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Horizontina, 15/05/2021).



O governo [federal] não se importa com as pessoas e ainda utiliza a pandemia para prosseguir com mais eficácia seu projeto genocida contra os povos indígenas. (Auxiliar administrativo, ensino médio completo, mora sozinho, branco, homem cisgênero, heterossexual, 10/07/2020).

Demorou muito tempo para fechar os parques, e o quadro de redução de ônibus tem exposto os trabalhadores que não têm como ficar em casa à riscos maiores. (Historiadora, ensino superior completo, mora com a melhor amiga, branca, mulher cisgênera,

bissexual, Porto Alegre, 10/07/2020).

[O governo federal] Pouco se importa com a população brasileira, muito menos se for o caso dos mais pobres, negros e indígenas. Não existe respeito a nada, sejam pessoas e seus modos e condições de vida, seja o nosso meio ambiente e nossas riquezas. Também, pouco importam a educação, as artes, as relações internacionais, e o que mais esqueci. Jamais pensei que iria viver para ver o que está acontecendo hoje em nosso país, ainda mais em meio a uma pandemia. Achei que estava ajudando a



construir um País, com letra maiúscula, que seria melhor para os meus filhos e netos, mas estava enganada, infelizmente. (Professora de biologia aposentada, pós-graduação, tem dois filhos, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).

Podiam [o governo federal] ter tomado medidas mais drásticas em relação àqueles que decidiram não levar o período da quarentena a sério. (Estudante universitário, ensino médio completo, mora com os pais, branco, homem cisgênero, heterossexual, Porto Alegre, 11/07/2020).



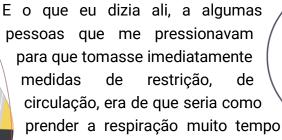
## Não temos hospital.

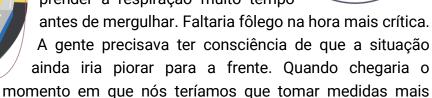
(Pesquisadora veterinária, pósgraduação, tem dois filhos, mora com o marido e filhos, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Eldorado do Sul, 12/07/2020).

Falta fiscalização e punição para quem não respeita a vida. (Orientadora pedagógica, pósgraduação, tem dois filhos, mora com marido e filhos, branca, mulher cisgênera, assexual, Canoas, 04/08/2020).

O modelo de distanciamento controlado parecia bom, mas a falta de critérios em alguns parâmetros deixa duvidoso sua eficácia. Número de mortos, velocidade de contágio e número ativo de infectados deveria ter um peso maior do que número de leitos disponíveis para definição das bandeiras. (Analista de Sistemas, ensino superior incompleto, tem um filho, mora com a noiva, branco, homem cisgênero, bissexual, Porto Alegre, 06/08/2020).

Eu não entendo política (Estudante, ensino fundamental incompleto, mora com o pai, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Guaíba, 18/08/2020).





duras e restritivas. (Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite, 37 anos, branco, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/7/2022, Porto Alegre e Pelotas).

A gente teve o primeiro *insight*, foi a criação do Comitê de Dados, isso foi um *insight* do governador, ele entendeu. Logo quando ele criou o Comitê de Dados, a gente já tinha divulgado o estudo e ele entendeu a preciosidade disso. É uma pessoa que tem uma boa formação e ele gosta, é um estudioso. A criação do Comitê de Dados foi da cabeça dele. E aí, eu acho que teve um segundo *insight* que foi dizer o seguinte: bom, uma vez que ele botou isso na minha mão, a gente precisa dividir isso por temas, porque na verdade a pandemia é isso, a gente lendo nos jornais, a gente já acompanhava, o impacto não é só sanitário, não é só saúde. Obviamente o segundo GT [grupo de trabalho] é o de atividade econômica porque é o segundo maior impacto, talvez o primeiro, concorrendo com a questão sanitária; concorrendo não no sentido de que é um ou outro, mas tão importante quanto, que é o impacto nos empregos e no bem estar das pessoas. Emprego, renda, bem estar social, bem estar

econômico, que se reverte em bem-estar social. Bom, e aí, o terceiro grupo que são as vulnerabilidades. A pandemia impacta diferentemente nos mais vulneráveis, ela amplia desigualdades, ela cria mais pressão no sistema público, mais demanda, mais demanda por assistência social, por causa dos efeitos econômicos. Então é um efeito dominó. A gente criou um GT [grupo de trabalho] de políticas sociais e educação, justamente porque educação é hoje o grande termo em discussão, se volta, não volta, como volta. Um Grupo de Infraestrutura e Mobilidade e Logística, porque a gente viu em outros países que a cadeia de suprimentos, por exemplo, foi interrompida. Então faltou, houve desabastecimentos por questões de logística, ou seja, a produção industrial, ou seja, o transporte. Tiveram alguns países em que foi crítico o serviço de atendimento de telecomunicações por causa do aumento da demanda por internet, energia, abastecimento de água. (Secretária Leany Barreiro de Sousa Lemos, 50 anos, branca, Secretaria do Planejamento, Orçamento e Gestão, Gabinete de Crise. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/8/2020, Porto Alegre).

[...] montamos ali, com o apoio da nossa equipe técnica, uma base com um peso atribuído a cada um dos indicadores, uma base de dados que nos ajudaria a entender qual era a gravidade da disseminação e da capacidade hospitalar da

Precisávamos de um modelo que fosse entendido por todos"

região. Ou seja, principalmente a gente analisava a situação de cada região nessa perspectiva. A velocidade da disseminação e a gravidade do quadro hospitalar também, com mais leitos ou menos leitos, se o quadro está piorando em relação ao momento anterior, enfim, e aí estabelecemos as

bandeiras como forma de comunicar que fosse entendido por todos, inclusive por uma criança, que soubesse: olha, o estágio em que o vírus está em sua região. Inicialmente a gente trabalhava com a bandeira verde, amarela, vermelha, enfim, depois fomos ajustando. Tiramos a verde, porque imaginamos que a verde daria uma sensação de que quando está verde está tudo ok, está tudo bem, e na verdade era que não estava tão ruim, mas que inspirava ainda assim cuidado, uma situação de alerta estava para todos no estado, e calibramos, com apoio técnico, qual é que seria o peso de cada um dos indicadores para nos fornecer uma base científica, assim, objetiva. Uma das coisas que eu aprendi na vida pública, numa situação de crise como essa, nessas dificuldades, nesses enfrentamentos que já se prenunciavam ali, as dificuldades que tínhamos, tínhamos que fugir da subjetividade, tínhamos que ir ao máximo para uma análise objetiva, porque havia muita desconfiança. Como havia muito conflito de interesse sobre ter que fechar mais para não deixar o vírus circular, ou deixar tudo o mais aberto possível pra não deixar a economia sofrer, esse confronto faria com que nós estivéssemos constantemente sob a possibilidade de ataque ou confusão armada por aqueles que estivessem insatisfeitos [...] Era importante, é isso que eu tenho dito para aqueles que ficaram depois insatisfeitos com o modelo das bandeiras, de que o modelo das bandeiras foi feito para abrir. Embora muita gente tenha olhado pra ele como um modelo que fazia fechar. Ele foi feito para abrir. Nós tínhamos uma situação de total restrição das atividades no Rio Grande do Sul e no Brasil, e criamos, a partir do modelo das bandeiras, uma oportunidade de fazer uma abertura organizada, controlada, com a segurança de todos de que se fosse para fechar o estado não hesitaria em fechar. (Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite, 37 anos, branco, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/7/2022, Porto Alegre e Pelotas).

Se fossem

cumpridos aqueles

protocolos, sem

dúvida a gente não
estaria na situação
que a gente está"

A gente tem um protocolo, um conjunto de protocolos obrigatórios bem robustos. Se fossem cumpridos aqueles protocolos, sem dúvida a gente não estaria na situação que a gente está [...]. Não consigo imaginar, ou não quero imaginar, como seria a condução da pandemia no estado, sem o Comitê de Dados. Sem o apoio do Comitê

Científico, com os seus especialistas também. Sem a abertura do governador aos pesquisadores, sem... E sem o papel e o espaço que foi dado aos pesquisadores, pela então secretária do planejamento [Leany Lemos]. (Ana Júlia Possamai, 32 anos, branca, secretária executiva do Comitê de Dados, entrevista realizada por Rodrigo de Azevedo Weimer em 31/7/2020, Porto Alegre).

O modelo, ele vai apanhar dos dois lados. E ninguém vai defendê-lo quando ele está funcionando. Ou seja, quando tem que fechar, se indicava que deveria estar fechando mais. E quando está se abrindo, se fala que tem que estar abrindo mais. Então, o modelo acabou sendo uma ferramenta para se discutir o quanto abrir e o quanto fechar. (Bruno Paim, 34 anos, branco, Comitê de Dados, grupo de trabalho de saúde, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 22/7/2020, Porto Alegre).

Diretamente, eu não sofro esse tipo de influência [de grupos de pressão]. Acho que uma das virtudes do nosso grupo técnico, dos nossos Grupos de Trabalho, é que eles estão isolados; são discussões entre técnicos, de temas técnicos. Então, a gente fica blindado com relação a esse tipo de demanda, talvez, para afrouxar de um lado, apertar de outro, porque nós não somos os tomadores de decisão. (Fernando loannides Lopes da Cruz, 32 anos, branco, Comitê de Dados, grupo de trabalho de atividade econômica, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 25/7/2020, Porto Alegre).

O nosso papel, ele é eminentemente técnico"

Os números, eles refletem uma realidade, realidade da situação de epidemia, realidade da situação sanitária, e sim, eles são sempre levados em conta na tomada de decisão pelo Gabinete de Crise. Enfim, o nosso papel, ele é eminentemente técnico. Sempre que os números indicam alguma necessidade de tomada de decisão, diferente da situação atual, isso é muito

levado em conta pelo Gabinete de Crise, que faz evidentemente a avaliação; tanto da questão sanitária, como de outras questões envolvidas, questões de pedidos de cidade, questões de regiões que se colocam em alguma situação, que os números não refletem com perfeição, ou que os números enxergam uma região, mas não enxergam determinados municípios que têm peculiaridades diferentes. (Secretário Luís Lamb, 53 anos, branco, Secretaria da Inovação, Ciência e Tecnologia, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 2/8/2021, Porto Alegre).

Evidentemente, depois que passou algum tempo, que a pandemia foi minimamente controlada, começaram a surgir então, os engenheiros de obras prontas, vamos dizer assim. Aquelas pessoas vendo que não precisava ter fechado naquele momento, que não precisava isso, que não precisava aquilo. Só que, naquele momento, não estava ninguém pra dizer o seguinte: "Não, vamos deixar aberto, vamos respirar um pouquinho mais. Não vamos prejudicar isso, não vamos prejudicar aquilo". (Secretário Luiz Carlos Busato, 73 anos, branco, Secretaria de Articulação e Apoio aos Municípios, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Rodrigo de Azevedo Weimer em 26/11/2021, Porto Alegre).



Arte: Vera Schueler Araripe. 03/12/2021. Instagram @\_veraschueler



Eu acho que durante todo tempo, eu acredito que as lideranças do governo puderam juntar o conhecimento científico, porque o Comitê de Dados foi composto por uma rede de especialistas das mais diferentes formações da sociedade, com apoio externo também de consultorias. Então, se trouxe um embasamento técnico para a gente não ficar só no "achismo" e nas opiniões sem embasamento. A experiência técnica das pessoas, a experiência técnica da área de saúde, oferecia uma base para que se tomasse decisões que são, digamos assim, políticas, mas no sentido da política como atividade de mediação das questões coletivas. Eu acho que, às vezes, quando se cita a palavra política, virou um adjetivo relacionado a uma coisa negativa; eu não concordo com isso, não acho que técnica e política sejam adjetivos, elas são atividades, elas são dimensões da sociedade. Às vezes uma pessoa como eu, por exemplo, tem uma formação de especialista técnico, traz a sua contribuição pública por meio de uma formação, outras pessoas trazem a sua contribuição pública por meio de eleição, por meio do voto, mas uma atividade não é melhor do que a outra e elas não são adjetivos. Então, quando se fala "essa foi uma decisão política", em qualquer circunstância, eu não estou falando especificamente da pandemia, não pode ser lido como uma coisa negativa, porque fora da política o que nós temos é a ditadura e essa, com certeza, é uma opção pior. Existe a política bem feita, existe a política mal feita, existem os técnicos competentes, existem os técnicos incompetentes, então uma não é superior a outra, elas se somam. Eu acho que aqui no Estado, sem dúvida nenhuma, eu acredito muito nisso, tem uma boa política e tem uma boa técnica também. Eu acho que a trajetória do Gabinete de Crise foi, a meu ver, a junção da boa técnica com a boa política. (Secretário Marco Aurélio Santos Cardoso, 45 anos, branco, Secretaria da Fazenda, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 23/12/2020, Porto Alegre).



Então, como Estado, nós precisávamos seguir de alguma maneira. Não se preocupar só com a saúde e esquecer a economia. E também não se preocupar só com a economia e esquecer a saúde. Era preciso ter regras. Um modelo inteligente, matemático, estatístico, que nos apontasse onde que estava tendo... Onde que a pandemia estava pior, e nós tínhamos que impor maiores restrições. E daqui a pouco, conseguia dar uma melhorada, uma recuperada nos dados de saúde, a gente poderia ter algum tipo de flexibilização. E isso poderia nos permitir uma convivência melhor, nesse conjunto que é saúde e economia [...] Se você erra pra cima, é ruim. Se você erra pra baixo, é ruim. Se você faz um modelo muito rígido e você acaba parando a economia, tu tens consequência de pessoas que ficam realmente numa situação econômica calamitosa. E não é só uma questão de perder o emprego. "Ah, vou ter que despoupar, usar a minha poupança". Não. As vezes é perder o emprego e não ter o que comer. Então, realmente é uma situação complicada. E se você erra pra baixo, nem se fala. Você pode ter uma superocupação de leitos de UTI, e as pessoas morrerem por falta de respirador. O que seria terrível. (Pedro Tonon Zuanazzi, 36 anos, branco, Departamento de Economia e Estatística, Secretaria do Planejamento, Orçamento e Gestão, Comitê de Dados, grupo de trabalho de saúde, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 8/10/2020, Porto Alegre).

O distanciamento controlado lá das bandeiras, acontece em um momento de maior restritividade. Por conta de até não ter a vacina. Depois com a vacina, mas eu acho que não só a vacina. Não é só a vacina que é responsável pela migração para o modelo dos 3A's. O que acontece é também um amadurecimento, de todas as

lideranças envolvidas. Os prefeitos, as comunidades locais. Para que o sistema que avisa, que alerta e que aciona as regiões, pudesse ser constituído com mais flexibilidade. Essa flexibilidade foi conquistada, na medida que a gente conseguiu ter um controle maior dos dados, das informações. Havia maturidade de todas as partes. E a vacina nos assegurando uma maior proteção da população. (Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite, 37 anos, branco, Gabinete de Crise. Entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/7/2022, Porto Alegre e Pelotas).



Arte: Luiza Allgayer. 01/01/2021. Instagram @luallgayer

A alteração, a mudança, ela sempre foi debatida, no âmbito do Comitê de Crise; mas houve um período de tensionamento muito grande, quando o modelo inicial, ele foi imobilizado, por uma decisão judicial, legítima. Não contrariamos, decisão judicial se cumpre, mas buscamos sempre a sensibilização dos julgadores, principalmente, da juíza que acabou julgando, e por liminar acabou proibindo a volta às aulas, olhando apenas um indicador, sem contemplar tantos outros. Então, aquele momento, com esse engessamento, o modelo que foi instituído e que deu muito certo, ele passou a ter uma luz de alerta, que ele passaria a não ter mais a eficiência, porque vivíamos em um outro momento. Então, já tínhamos uma população estressada, cansada, onde o distanciamento já começava a ficar um pouco flácido, no sentido do relaxamento, mas, mais do que isso, aquele distanciamento não cumpria aquilo que a gente acreditava, e ele poderia ser desacreditado. Ao ser desacreditado, nós não teríamos mais a capacidade, a condição, de conduzir. Então, o Governador, acertadamente, reúne a equipe e diz: "Olha, vamos repensar", e aí a Casa Civil trouxe todo o conteúdo que recebemos, as experiências que vivenciamos naquele período, e que os municípios queriam ser partícipes daquilo, queriam participar das tomadas de decisões, perfeito. Então, o que o Governador faz... Teve uma eleição, uma eleição, que foi já no período de pandemia, os prefeitos sabiam o que era, então, não foram pegos de surpresa, como o nosso Governo. Nós não nos planejamos para uma pandemia, mas aqueles que concorreram em 2020, sabiam que assumiriam sob um desafio, de enfrentar a pandemia. (Secretário Artur Lemos, 41 anos, branco, Casa Civil, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 5/8/2021).

Mas mesmo assim, num olhar panorâmico, acho que é importante dizer, o Rio Grande do Sul tem o segundo menor excesso de óbitos, entre todos os estados. O que é o melhor indicador para aferir o desempenho do coronavírus. Porque eu vejo que críticos das ações do governo usam que o estado do Rio Grande do Sul está acima da média nacional de mortes por Covid. Só que esse é um dado, é um indicador viciado, digamos assim. Problemático porque o estado que menos fizer diagnósticos, menos mortes por Covid terá. Quanto mais diagnósticos fizer, mais mortes atribuídas à Covid. Então, eventualmente há subnotificação, porque o estado que faz poucos exames, poucos testes, consequentemente está morrendo um monte de gente, mas não está testando o que é de Covid, porque não diagnosticou. O Rio Grande do Sul, ele está neste indicador acima da média de mortes, mas porque tem mais diagnósticos. O indicador mais preciso pra poder avaliar desempenho do Coronavírus é qual é o excesso de óbitos. Ou seja, pelo perfil demográfico, pelo perfil da população, faixas etárias e tudo mais, doenças crônicas existentes, as chamadas comorbidades existentes na população, nós temos mais hipertensos, nós temos mais idosos. Então você tem uma expectativa do que seria em condições normais as mortes que o estado enfrentaria. Quantas pessoas ele teria por mortes, morreriam anualmente, em condições normais, e quantas efetivamente perderam a vida naquele período. Este é o excesso de óbitos. Que no caso do Rio Grande do Sul, é o segundo menor do Brasil. (Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite, 37 anos, branco, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/7/2022, Porto Alegre e Pelotas).

Não conseguimos fazer o projeto [programa de governo eleito em 2018] arrojado que nós desejávamos, porque os humores se alteraram profundamente nos setores econômicos, em função daquelas medidas que mais eram necessárias para que o Estado mantivesse controle sobre alguma situação mais confortável ou menos dramática na pandemia. (Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite, 37 anos, branco, Gabinete de Crise, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves e Rodrigo de Azevedo Weimer em 20/7/2022, Porto Alegre e Pelotas).

[...] uma doença que exigiu um conhecimento técnicocientífico, e tivemos que nos dedicar horas e horas de estudos para entender como lidar com esse processo e como preparar nossos colaboradores, tanto no aspecto técnico, quanto psicoemocional. Foram dias de trabalho e noites não dormidas, preocupados, mas com uma integração muito grande do time, em todos os

níveis para chegar ao desfecho que tivemos. (Entrevista de Rute Merlo Somensi, Enfermeira, Gerente Corporativa da Enfermagem, branca, 45 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 15/01/2021).

Foi um esquema de guerra, de atenção à saúde que nenhum de nós nunca tinha vivido. [...] Nosso plano de contingência foi sendo revisado diariamente. [...] Se não me engano, a gente já está na septuagésima versão do nosso protocolo de assistência. Às vezes, a gente mudava o protocolo duas vezes no dia porque saíam novas normas [...]. A única certeza que a gente tem em relação à Covid, é que não se tem certeza de nada. (Entrevista de Teresa Cristina Teixeira Sukiennik, médica, gerente da Infectologia, branca, 57 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 09/02/2021).

É como se fosse uma operação de guerra no início da pandemia, para implementar os sistemas de triagem nos hospitais, participar da colocação de tendas na frente dos hospitais, cuidar do distanciamento nas recepções... E acompanhar as constantes mudanças dos órgãos, [...] correr atrás das informações que mudavam a toda hora, [...] para proteger nossos trabalhadores e os nossos pacientes. (Entrevista de Endrigo Rafael Mildner, engenheiro de segurança do trabalho, branco, 40 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/02/2021).

A Santa Casa, no ápice da pandemia, recebeu todos; ela esteve junto com a população. Todos saíram da zona de conforto. [...] aparentemente pode ser um discurso mais político do que técnico, que é o nosso trabalho, mas a gente percebe nitidamente que a Santa Casa fez uma diferença muito grande, porque ela não era pra estar no jogo e quando entrou no jogo, ela mudou o placar do jogo. (Entrevista de Jader Pires da Silva, diretor administrativo/direção executiva, branco, 38 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 13/01/2021).

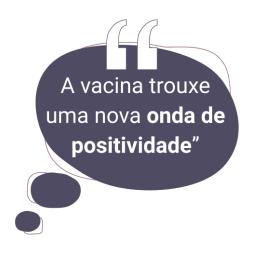
Impactou quando recebemos o *tablet* e se pôde fazer videochamadas com o nosso auxílio. Se perguntava ao paciente se queria ser visitado virtualmente pelo familiar. [...] A gente marcava uma chamada de até 20 minutos. E deu muito certo. Foi muito legal tu ver todos enfermeiros muito engajados e manter o *tablet* carregado, porque o fulano vai precisar depois para uma visita *online*. (Entrevista de Jaqueline Ramires lpuchima, enfermeira, supervisora de enfermagem das Unidades de Internação do Hospital São José e Pavilhão Pereira Filho, parda, 33 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 09/02/2021).

1ª dose da vacina. Julho de 2021. Foto: Arquivo pessoal / Clarissa Sommer





Carla Rodeghero toma a 2ª dose da vacina. Agosto de 2021. Foto: Adriana Schmidt Dias



Me passou muito a sensação de estarmos no fim disso. Agora isso tem prazo para acabar. A humanidade vai voltar, curando as feridas, as perdas e sequelas. [...] Foi uma emoção muito grande quando chegou a minha vez de poder ser vacinada. Eu chorei muito durante a vacina [voz embargada]. Agora estamos indo para um novo momento. (Entrevista de Andréa Schüür Macagnan, publicitária, gerente de omunicação e marketing do Centro Histórico-Cultural Santa Casa, branca, 55 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 07/02/2022).

A outra coisa que me incomodou profundamente, isso durante toda a pandemia, é que o isolamento pela atual administração, ele foi sempre pensado pros economicamente mais favorecidos, ele não foi pensado, construído, enfatizado para as pessoas mais pobres. Nem a condição do seu distanciamento social, nem a possibilidade do distanciamento social [...]. Isso me incomodou desde o início, me incomoda ainda,

por exemplo, a economia do DMAE de não colocar torneira nas praças para as pessoas poderem lavar a mão. Eu jamais imaginei, quando a gente [grupos vinculados à população de rua] fez uma reunião na escola no dia 19 [de março de 2020], para entregar um documento para prefeitura, dizendo o que a gente achava necessário para a população em situação de rua poder passar por aquela situação de distanciamento social, nunca pensei que a briga seria por água para lavar a mão. [...] Incrível, nós não conseguimos água pra lavar a mão em uma crise sanitária, é algo que me... ainda não sei o que fazer com isso, é tão chocante que depois de um determinado momento eu não consigo nem mais lutar por isso. É algo que me decepcionou com a capacidade humana, me trouxe muita tristeza, ainda me traz muita tristeza. [...] Gente... eu percebi que se procura mínimos detalhes para desassistir, para matar lentamente a alma e a vontade de quem é muito pobre e que a política pública é essa. Aquilo me doeu muito, eu fiquei muito triste, muito incomodada, parei de me comunicar, parei de fazer as ações com a ONG [Organização Não-Governamental]. Em determinado momento as pessoas me chacoalharam, [...] dizendo: "Olha, a gente vai te dar um tempo, mas a gente vai te chacoalhar pra tu sair dessa". E não foi fácil sair dessa, porque me tirou a esperança e ainda me dói, não está bem elaborado, mas descobri que tenho que sobreviver e continuar lutando. [...] Aquilo falou pra mim muito dessa necropolítica mesmo, que a

gente fica falando ela teoricamente, mas aquilo ali era [na prática.] (Jacqueline Junker Fuques, professora da EMEF Porto Alegre e diretora no momento em que a pandemia iniciou, 52 anos, branca, entrevistada por Dante Guimaraens Guazzelli em 13/10/2020, Porto Alegre).



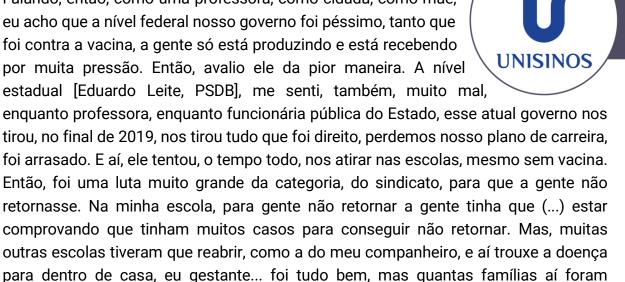
INSTITUTO FEDERAL Rio Grande do Sul

O auxílio estudantil foi uma ajuda enorme naquele momento, não só ele, mas doações de cestas básicas que o Instituto fez [...] uma cesta básica dava em um mês para nós dois [se refere a colega com quem divide habitação]. Mas não só isso, para colegas companheiros que recebiam, que tinham filhos, que tinham

mais de duas pessoas morando no caso, se tinham família grande, aquela comida foi de essencial importância para garantir uma segurança alimentar para muita gente que talvez naquele momento não poderia exercer isso. [...] O acolhimento psicológico aconteceu, coitada das gurias, acho que tinham trabalhado mais do que nunca, porque sinceramente ninguém estava bem nesse momento, estava todo mundo meio louco, trancado em casa. Então foi importante. Eu fui uma que utilizou, sabe? (Dyowanne Schmidt, estudante, IFRS Campus Porto Alegre).

Falando, então, como uma professora, como cidadã, como mãe, eu acho que a nível federal nosso governo foi péssimo, tanto que foi contra a vacina, a gente só está produzindo e está recebendo por muita pressão. Então, avalio ele da pior maneira. A nível estadual [Eduardo Leite, PSDB], me senti, também, muito mal, enquanto professora, enquanto funcionária pública do Estado, esse atual governo nos

Harres em 02 jun. 2021, por meio digital).



Bom, agui no Rio Grande do Sul eu acho que tá bem encaminhada a vacinação. Claro, esse atraso que teve dessa vacina, isso aí é normal. É uma doença nova e o mundo todo precisa da vacina, o mundo todo. Claro que pra um e pra outro vai faltar, isso é certo. Só a única coisa que eu acho [ruim], nessa pandemia toda, desde que começou, é a atitude do nosso governo federal. O nosso governo federal, ele não tá agindo corretamente, essa é a minha opinião. Ele [Jair Bolsonaro] é uma pessoa que faz aglomerações, anda sem máscara, sendo que ele é uma figura pública, ele representa o país, e um país tem que ter o exemplo do seu governante. As pessoas fazem aglomerações e andam aí sem máscara, por quê? Porque a figura maior não dá

terminadas em função da doença? (Danielle dos Santos Kroeff, 37 anos, branca, residente em Esteio, formada em Pedagogia, professora estadual. Entrevista concedida a Marluza Marques

o exemplo. A pessoa dele, como Presidente da República, tinha que dar o exemplo. Quando começou essa doença aqui no Brasil, o que ele tinha que ter feito? A minha opinião, ele tinha que ter vindo em rede nacional e ter dito: "Ó, povo brasileiro, isso é uma doença grave, é uma doença que pode matar milhões de pessoas, em pouco tempo, então, a partir de agora, é máscara para todo mundo. Vamos usar máscara, vamos nos proteger, porque a gente não sabe quanto tempo essa doença vai ficar!", primeira coisa que ele tinha que ter feito. Não fazer críticas, que nem ele fez aí, críticas de vacina, [dizendo que] vacinas iam transformar pessoas em jacaré, em cachorro, isso aí, de uma pessoa pública que nem ele, não pode partir. O Brasil tá vivendo uma crise, não recebendo insumos de outros países que têm, por quê? Porque ele só critica os caras, ele só fala mal dos caras, ele depende deles. Infelizmente nós dependemos deles, se eles não quiserem [vender os insumos para o Brasil] nós morremos todos, porque não vai ter vacina para nós. Eu digo isso e dou um exemplo. Joe Biden assumiu em janeiro, lá nos Estados Unidos, faz cinco meses que o cara tá lá. E hoje, lá no país dele, a máscara já está sendo abolida, já tão abrindo os parques para receber as pessoas, eventos, por quê? Porque o governante lançou um projeto, nos primeiros dias de governo, para liberar milhões e milhões para compra de vacina, para aplicar vacinas em massa na sua população. Isso é governar. Mas o que o nosso Presidente da República tá fazendo é não saber governar, infelizmente, essa é a minha opinião. Não sei a opinião dos outros, mas a minha é essa. É dessa maneira que eu vejo. Uma pessoa irresponsável. (Valdir Henrique Tonietto, 56 anos, branco, residente em Canoas, conferente numa transportadora. Entrevista concedida a Marluza Marques Harres em 31/5/2021).

Olha, por onde eu começo? Eu acho que descaso é pouco, vindo do governo federal. O nosso Presidente de uma certa forma como se tivesse desdenhando desse nosso, desse problema que tá aí. Não é uma questão política, é uma questão de saúde pública onde as pessoas tão morrendo e se contagiando aos montes. Sei lá, são cem mil mortos, mas são, mas foram mais de um milhão que contraíram o vírus. E fora esses que morreram tem todas essas pessoas que, nossa, com certeza se sentiram terríveis, se sentiram ali perto do... que poderiam falecer, sabe, e certamente tiveram um monte problema de saúde. E por muito tempo assim o nosso governo federal desdenhou dizendo que era uma gripezinha, dizendo que, sabe... não tendo um

Eu acho que

descaso é pouco"

mínimo de atividade com engajamento pra resolver, pra passar por tudo isso. (Lucas da Silva

Bueno, estudante de Engenharia Mecânica na UFRGS, 22 anos, branco, heterossexual, entrevistado por

Evelin Stahlhoefer Cotta e Marina da Silva Widholzer.

em 13/08/2020, bairro Tristeza, Porto Alegre).

Quanto [...] ao governo estadual e municipal acho que teve [...] uma maior segurança [...], teve a sensação de você podia confiar um pouco mais [...]. Quanto ao governo federal é simplesmente bagunça, não tem muito o que dizer. Mais atrapalha do que ajuda [...]. O desgaste em si que acaba gerando isso, porque a pandemia em si já é um desgaste psicológico, e ainda você tem um desgaste de que a toda hora tem uma nova polêmica, tem desmatamento na Amazônia, tem isso acontecendo, aquilo acontecendo. É tanta notícia, tanta coisa que você acaba tendo uma carga muito grande. Um cansaço muito grande, um desânimo de acompanhar tudo isso e fazer alguma coisa a respeito. [...] A forma como eu avalio o governo em geral é bastante negativa [...]. Essa divisão entre o governo federal e os governos estaduais acabou

passando pra sociedade também [...]. Você vai pegar ônibus e qualquer tipo de transporte você tem que [...] ficar pensando se a outra pessoa acredita na ciência [...]. Essa insegurança institucional acaba passando pra sociedade por conta dessa insegurança de você não confiar no seu par, [...], se as pessoas a sua volta estão tomando cuidando, se você entra no ônibus a pessoa vai estar usando máscara [...]. (Estudante de Ciências Sociais da UFRGS, 26 anos, branco, heterossexual, entrevistado por Cláudia Mauch e Juliana Carolina da Silva em 27/10/2020, São Leopoldo, Porto Alegre, Ourinhos).







O sogro do meu irmão que estava em tratamento quimioterápico. Contraiu a Covid e após o resultado do exame e com muita falta de ar foi para o hospital onde entrou direto para ventilação mecânica. Após 38 dias em que sintomas correlatos à doença apareceram (mau funcionamento dos rins, problemas cardíacos...), entre melhoras e pioras, veio a falecer. Ele tinha plano

de saúde e foi internado no Hospital de Caridade em Santa Maria; diariamente, às 18h, era repassado aos familiares, via telefone, o estado de

saúde dele. Segundo as filhas, era um momento bastante

aguardado e também de muita apreensão, pois não

podiam ter contato direto com o pai no caso - o paciente - e nem com o médico, até por também estarem aguardando resultado dos exames para Covid, aos quais negativaram. (Fátima Roselâine Rodrigues Leal, arquivista, pósgraduação, mora sozinha, branca, mulher cisgênera, heterossexual, Porto Alegre, 16/07/2020).

Entre melhoras e pioras, **veio a falecer**"



A gente acompanhava diariamente as estatísticas de infectados e de mortes, então sobretudo no período em que o estado estava em bandeira preta, cada vez a gente ficava mais apavorado.



No meu trabalho, por exemplo, não

na minha Divisão, mas na Secretaria da Fazenda, eu soube de três casos de colegas que morreram em função

da Covid. Um deles inclusive era um colega próximo, era um diretor do meu Sindicato, uma pessoa muito atuante que devia ter 50 anos, talvez. E o caso dele foi complicado porque ele ficou muito tempo internado no hospital [...] Ele sofreu bastante, ficou um tempão internado, entubado. Depois chegaram a desentubá-lo, a gente achou que ele ia melhorar porque estava dando uma reagida, mas em seguida ele piorou de novo e aí foi sem volta. Nesse momento a gente ficou muito abalado. Não só eu, como vários colegas, por ser uma pessoa jovem, querida, muito atuante, muito conhecida. Aí neste momento, quando morre alguém que é próximo, né... E aí também uma conhecida, um pouco mais jovem do que eu até, pouco mais de 40 anos, uma pessoa muito atuante politicamente também... [...] Esta colega se foi porque não conseguiu a UTI, né? Então foi naquele período em que o estado estava, inclusive, várias regiões, estavam com a lotação além da capacidade. E essa minha conhecida passou mal, se não me engano, na sexta-feira, e aí precisou de uma internação, porque o quadro dela piorou assim... O pulmão dela, quando ela foi, estava com 40% comprometido, se não me engano, e dois dias depois já estava 90 e poucos, e precisava de uma vaga em UTI especializada para pacientes Covid, e não conseguiu. Poucas horas antes dela morrer me parece que conseguiram uma vaga,

mas aí já era tarde demais. Só para ter uma ideia: o quadro dela começou a se agravar na sexta, e ela faleceu na madrugada de segunda-feira, foi muito rápido. [...] Foi um momento bem difícil. E também, eu sou pai, né? Um período que me incomodou muito foi quando o Estado tentou obrigar a volta das aulas. A gente estava com bandeira preta e o estado tentou. Foi bem difícil. A gente estava decidido a não mandar as filhas. A gente não ía. (Volnei Picolotto, branco, técnico tributário da Receita Estadual, Secretaria da Fazenda, entrevista realizada por Clarissa Sommer Alves em 30/11/2021, Porto Alegre).

O momento da chegada na Emergência é o mais angustiante, mais frágil. A fragilidade não é só do paciente, mas de todos"

A pessoa vem de fora, a televisão tava noticiando muitas tragédias e a Covid já tinha essa dimensão psicológica. [...] Eu diria que a emergência tem um papel fundamental da definição do paciente; se ele vai para internação, se vai para a UTI... Então, a fragilidade não é só do paciente, mas de todos. [...] Era um cansaço horrível. (Entrevista de Ana Paula Kuhn Aerts, coordenadora médica das Emergências, branca, 44 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 18/07/2022).

Tivemos transformações. Os ambulatórios fecharam, as cirurgias tiveram que ser temporariamente canceladas. Mas, de outro lado, o Laboratório de Biologia Molecular que fazia 750 exames por mês, passou a fazer 300 por dia. E não tínhamos então estrutura, equipes, processos e métodos para esse volume de trabalho. [...] Houve um sentimento de união tremenda para atender tudo. (Entrevista de Cristiani Gomes de Marques, farmacêutica, coordenadora dos Laboratórios, branca, 48 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 13/10/2021).

Muitas vezes, a gente vê que todo o nosso trabalho parece que não aconteceu. A gente fica ali horas batalhando, pronando, mudando de posição, entuba, faz medicação, e quando vê, a gente acabou perdendo. Levam para a UTI, naquela esperança... Mas daqui a pouco vem a notícia: "Olha, não resistiu". Parece que se fica apagando incêndios, e que a gente nunca é eficaz. (Entrevista de Hélio José Rodrigues Hanna, enfermeiro, supervisor de enfermagem das Unidades de Internação do Hospital Santa Clara, branco, 54 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 23/07/2021).

Nós somos da área da saúde, vamos pro *front* e seja o que Deus quiser. [...] A gente tem que ter uma estrutura emocional forte. As pessoas não sabiam mais a hora que acabava o trabalho, ou que tinha de ir para casa. [...] Por isso que a gente conseguiu atender tudo que tinha que atender. [...] Teve casos muitos bonitos, mas vi em uma semana um filho perder uma família. [...] E teve momentos que funcionários pararam para rezar pelos pacientes. (Entrevista de Cinara Maisonette Duarte, gerente do Hospital São Francisco, branca, 60 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 23/02/2022).



O papel do enfermeiro [...] é acolher e falar para o paciente: tá tudo bem. [...] A gente aprende a sorrir com os olhos. [...] A gente já recebe na porta, acolhe a mãe e a criança com sorriso nos olhos e explica todo o processo, [...] que não precisa ter medo da Covid, que vai ficar tudo bem, pois as crianças reagem bem à Covid. E que a gente tá ali pra dar todo o suporte.

Assim vamos quebrando a resistência e a ansiedade dos pais. (Entrevista de Andréa Dantas de Freitas, enfermeira do Hospital da Criança Santo Antônio, branca, 41 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 09/03/2022).

Nossa... a ansiedade vai lá em cima. Tu quer ajudar o paciente, tu quer que ele se recupere. Tu presta toda assistência, desenvolvida por toda a equipe, e o paciente não consegue evoluir pelo agravamento da saúde. É bem triste. [...] Eu acho que o pessoal abraçou a causa, mas todo mundo com medo. [...] Oh, o pessoal tá de parabéns, o pessoal se envolveu. [...] Todo dia era um aprendizado. (Entrevista de Ana Beatriz Zander Maciel da Silva, técnica de enfermagem da UTI do Pavilhão Pereira Filho, branca, 41 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 23/07/2021).

A gente sofreu bastante. Tinha colegas fazendo preparo do corpo, depois que a pessoa ía a óbito, umas rezando, outras chorando e algumas ficavam mudas. Cada um teve uma reação. A minha foi de impotência, de ser uma profissional inútil. [...] É uma doença que termina contigo, acaba com as famílias. Demora um pouco para entender que tu não é Deus, que tu não consegues salvar todo mundo. (Entrevista de Franciele Parcianello Viana, enfermeira da UTI do Pavilhão Pereira Filho, mista, 34 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 10/02/2021).

[...] os profissionais da Instituição merecem [...] a mais eterna gratidão pelo que fizeram, se doaram, [...] para cuidar dos outros [...]. É um orgulho enorme que nós todos temos, dos profissionais que esta Casa tem, pelo fator humano que se sobrepõe a qualquer outro. [...] A base desta Casa são as pessoas que a faz acontecer todos os dias. [...] É o maior valor na execução de um projeto assistencial. [...] E na pandemia, ele aflorou de uma maneira pública muito intensa. (Entrevista de Julio Flávio Dornelles de Matos, diretor geral/direção executiva, branco, 68 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 09/08/2022).

[...] foi o momento de maior integração. Se teve uma coisa boa foi essa união. Todo mundo vinha com garra e força. Vamos lá! É ruim, a correria é grande, mas é todo mundo se ajudando, um auxiliando o outro no atendimento ao paciente. Às vezes todos os profissionais estavam juntos ali, pra tentar reverter uma situação mais difícil. Teve um engajamento muito bonito. [...] Então, todos os profissionais tinham a mesma valoração. (Entrevista de Márcia Grassi Santana, fonoaudióloga, branca, 49 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 08/02/2022).

Eu vejo com muita importância a higienização. Olha, pode ser o melhor médico e vem um paciente pra um quarto que não tá bem higienizado, o trabalho dele vai por água abaixo. Então, nos momentos da pandemia o nosso cuidado é de 100%. [...] Eu tava limpando um quarto e uma senhora gritou no quarto da frente. [...] Parei e disse: "Eu não sou da Enfermagem". [...] Disse ela: "Só conversa comigo cinco minutinhos". Larguei tudo e fui escutá-la. (Entrevista de Ana Luísa Salgueiro Silveira, auxiliar de hospitalidade/hospedagem, negra, 59 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 24/01/2022).

Como se estivéssemos em plena guerra mundial"

A Covid aqui foi horrível e deu muito trabalho, como se estivéssemos em plena guerra mundial. [...] Tivemos grande apoio dos funcionários. [...] Uma agência francesa tirou fotografias de funcionários

que ao saírem da UTI tiravam as máscaras, e apareciam aqueles rostos cansados, mas com olhar de dever cumprido. Isso não tem dinheiro que pague, não tem gratidão que pague. Eu reconheço o trabalho deles. (Entrevista de Alfredo Guilherme Englert, provedor, branco, 83 anos, concedida a Véra Lucia Maciel Barroso em 13/01/2021).

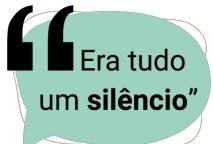
Não faltou engajamento de ninguém. Numa instituição de 8 mil funcionários, 2 mil médicos [...] o número de pessoas engajadas foi absolutamente fantástico. Se olhou em primeiro lugar para a população, em segundo lugar para a Instituição, e em terceiro lugar para si. [...] Nossos colaboradores entregaram muito mais do que era esperado, do que as pessoas precisavam. (Entrevista de Oswaldo Luis Balparda, diretor de relações com o Mercado/Direção Executiva, branco, 58 anos, concedida a Edna Ribeiro de Ávila em 17/02/2022).

Mas o meu marido era uma pessoa muito nervosa, ele era muito nervoso e ele tinha depressão. Ele tinha muito medo de doenças, muito medo de dor. Ele era muito frágil para essas situações, ele não tinha coragem para enfrentar situações que tivessem que pôr em risco a vida. [inaudível] [Quando] foi esclarecido que ele estava mesmo com o vírus, eu senti que ele deu

uma ré tremenda, ele meio que desanimou, ele se abalou. A segunda questão, importantíssima, é que ele nunca tinha ficado longe da família dele, [inaudível] sempre que ele teve alguma coisa, algum problema, sempre nós, sempre junto, apoiando, dando aquela força para ele, porque ele precisava disso, ele era uma pessoa que precisava disso [inaudível]. Aí, no momento que ele entrou ali pro [Hospital] Centenário, dali diante gente não viu em se mais. E a família dele é muito difícil lidar com essas questões, porque todo mundo quer uma resposta, às vezes eu me sinto pressionada em dar uma resposta, uma resposta que eu não tenho. Eu não sei dizer o que foi que aconteceu. E tem aqueles que - por que é uma família muito grande [a do marido] - questionam: se eu fiz a coisa certa? por que eu mandei para o [Hospital] Centenário? Por que eu não paquei particular? Por que eu não levei para Porto Alegre? Sabe? E... eu não tenho resposta [inaudível]. Eu segui aquilo que meu coração e que minha capacidade como pessoa e como mulher, naquele momento, podia ter feito, porque o círculo vai se fechando. (Vera Lucia Azevedo Tamborena Martins, 57 anos, branca, residente em São Leopoldo, formada em Administração, aposentada. Entrevista concedida a Marluza Margues Harres em 30 nov. 2020, por meio digital).

**UNISINOS** 

Fomos até a emergência da Santa Casa e fui atendida na emergência obstétrica. E lá a primeira coisa que fizeram foi o teste da Covid-19. Deu negativo. Aí fizeram outro teste que mostrou que eu tinha tido Covid, que tinha ficado com sequelas, mais de 50% do pulmão comprometido. Aí me internaram e eu precisei de oxigênio. Fiquei internada por 15 dias. Foi muito assustador, porque quando eu cheguei lá – falaram que eu deveria me preparar, pois meu filho provavelmente nasceria prematuro. Porque a maioria das gestantes que haviam chegado ao hospital com Covid, tiveram parto prematuro. Eu fiquei muito assustada. Eu estava... imagina! eu cheguei lá com 28, indo para 29 semanas, era muito cedo. Aí tentei me reorganizar, me concentrar para que tudo corresse bem. Figuei no oxigênio alguns dias. Mas aos poucos foi voltando, e fui ensaiando sair do oxigênio por conta própria. Aos pouquinhos... até que consegui. Sai do hospital com os pulmões comprometidos. Fiz exercícios de respiração em casa; algumas amigas, que fazem yoga, mandaram uns exercícios também. Fiquei nisso. Tive que tomar uma medicação para não dar embolia pulmonar, pois gestantes têm mais chance de ter embolia, em função da Covid. Tomei a medicação. Gastei mais de mil reais em medicação, após o hospital. [...] Não tinha forças, em casa não conseguia fechar uma gaveta. Era muito engraçado, pois coisas do meu dia a dia eu não conseguia fazer. Ai a gente aceita essa condição e vai se trabalhando aos poucos... Aos poucos as forças foram voltando. Hoje estou super bem. Meu filho nasceu com 41 semanas [...]. Então, no hospital falaram que tinha muita chance de ele vir com anticorpos, mas não fizeram teste, nem nada. (Danielle dos Santos Kroeff, 37 anos, branca, residente em Esteio, formada em Pedagogia, professora estadual. Entrevista concedida a Marluza Margues Harres em 02 jun. 2021, por meio digital).



Eu não tinha contato com ninguém, até os médicos que vinham me atender, as enfermeiras, tu só enxergavas os olhos, porque vinham com máscara, cheios de coisas e conversavam muito pouco. Tu via que eles ficavam bem nervosos de entrar naquele ambiente. Foi bem *punk*. Eu fiquei

sozinha, sozinha naquele espaço, diferente das outras vezes que eu tive no hospital, que tu conversas com os enfermeiros, com os técnicos, tu vês gente no corredor. Dessa vez foi assim: era tudo um silêncio [...] ninguém conversava com ninguém, porque era uma ala Covid. (Danielle dos Santos Kroeff, 37 anos, branca, residente em Esteio, formada em Pedagogia, professora estadual. Entrevista concedida a Marluza Marques Harres em 02 jun. 2021, por meio digital).

Eu decidi o nome do Miguel no hospital, porque nós estávamos entre Miguel, Enzo e alguns nomes. Aí eu pensei: "Miguel é um arcanjo", então eu vou pedir força para esse arcanjo e decidi o nome do Miguel lá e vamos ter fé que vai dar tudo certo e o Miguel vai nascer no tempo que ele tem que nascer. Após isso, quando em casa já, decidimos que o Miguel seria Miguel Ernesto, para homenagear, também, o pessoal da saúde, Ernesto Che Guevara, que foi um médico também e tem a ver com a minha militância e do meu companheiro. E foi uma forma de homenagear o pessoal da saúde. Porque eu fui muito bem tratada, muito bem acolhida naquele espaço. (Danielle dos Santos Kroeff, 37 anos, branca, residente em Esteio, formada em Pedagogia, professora estadual. Entrevista concedida a Marluza Marques Harres em 02 jun. 2021, por meio digital).

Até hoje tem coisas que eu não sei se eu vivi ou é fantasia da minha cabeça. Eu vi tanta coisa. Eu vi aquelas pessoas tudo entubadas, eles entubando aquelas pessoas. Tem horas que eu não sei se, na minha mente, eu não sei se foram delírios, que muita coisa que eu vi eu não sei se é real! E eu não sei se algum dia eu vou ter condições [de distinguir], porque é uma linha muito tênue entre tu tá bem com tua mente, com tuas faculdades mentais, ou tu tá delirando. Tu tens que cuidar. O que eu fazia as vezes a noite, eu fechava os olhos e fazia a tabuada de trás para frente, de frente para trás. Eu me lembrava de fazer cruzadinhas, porque eu tinha medo de enlouquecer. Porque é uma linha muito frágil. Tem coisas que eu não sei se, realmente, eu vivi, eu vi, ou eu fantasiei na minha cabeça. (Maria Cristina Alves Naibert, 58 anos, branca, residente em Sapucaia do Sul, técnica ambiental, servidora pública municipal da câmara de Sapucaia do Sul. Entrevista concedida a Marluza Margues Harres em 28 jun. 2021, por meio digital).



Paramentos para trabalhar. Agosto de 2020. Foto: Rosita de Silva Leirias

Olha, o SUS [sistema único de saúde] é um sistema incrível, incrível, oferece tratamento integral pras pessoas, não nega atendimento pra ninguém [...].

É claro que vários processos poderiam ser melhorados, mas eles [SUS] se adequaram muito bem [...]. Agora, principalmente, é essencial na vida dos brasileiros [...]. Eles têm medidas pra aumentar os leitos caso [a ocupação] atinja determinados números, tem margem pra crescer, mas os recursos são limitados né. Eles não oferecem tudo de cara, chega, sei lá, 98% de ocupação dos leitos, bom daí a gente disponibiliza mais, se reorganizam pra fornecer mais. Como eu trabalho na parte de materiais [...] [vejo que] é um consumo

louco, milhões e milhões de materiais, principalmente UTI entrando no Hospital. (Clarisse da Silva Duarte, estudante de Administração da UFRGS e auxiliar administrativa em hospital público, 34 anos, branca, entrevistada por José Augusto Zorzi e Alanna de Jesus Teixeira em 16/09/2020, Gravataí e Porto Alegre).

SUS é um sistema incrível, incrível"

Arte: Alice Costa. 14/01/2022. Instagram @alice.arte.design





Arte: Diego Medeiros. 15/01/2021. Instagram @odiegomedeiros





Arte: Adalton Bezerra. 07/02/2021. Instagram @colateragem

Arte: Alice Costa. 06/02/2021. Instagram @alice.arte.design

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Que memórias foram evocadas, em você, a partir da leitura até aqui? Como bem registramos na apresentação, nossa intenção não era trazer interpretações acabadas nesta singela (e afetiva) obra, mas criar um espaço acolhedor de conexão através de relatos sobre essa complexa experiência em comum, que foi a vida em pandemia. Não poderia ser diferente no espaço que encerra o livreto: no lugar de tentar formular considerações conclusivas, tomamos de empréstimo mais dois excertos que nos parecem sintetizar incertezas, desejos e perspectivas para o futuro: sonhos, justiça, segurança, solidariedade, vacina...:



Tem uma coisa que eu desejo e tem uma outra que é o que eu enxergo mais ou menos que pode tá se desenhando, que eu acho que as duas coisas valem, né. Porque às vezes a gente não fala do mundo dos sonhos, dos desejos, das ideias, e como a gente não

discute, não fala, pode ser que isso não se concretize. Então a minha questão mais forte mesmo é o meu mundo dos desejos, dos sonhos. Acho que é por isso que eu luto. Tudo que tem mais adiante de coisa boa vai ser garantido a partir de muita luta. Então o meu sonho, o meu desejo, aquilo que eu gostaria de ter para o futuro, queria que a gente tivesse menos exclusão e menos violência do que isso que a gente vê agora, que as pessoas pudessem realmente ter oportunidade de realizarem os seus desejos. Seria quase como isso. Mas isso se traduz em dizer que as pessoas não passem mais fome, que as pessoas tenham trabalho, que as pessoas não apanhem na periferia da polícia. (Alexandro Cardoso, estudante de Ciências Sociais da UFRGS, catador de materiais recicláveis, 41 anos, negro, pai de duas filhas e dois filhos, morador da Vila Cai Cai, bairro Cavalhada, entrevistado por Cláudia Mauch e Vithória Konzen Dill em 19/05/2021, Porto Alegre).

Os meus pais já estão vacinados. Pra mim, foi um momento que trouxe um pouco mais de alívio, né... E eu fico feliz, muito feliz, cada vez que alguém perto de mim tá vacinado, é um pouquinho mais de tranquilidade... mesmo que essa pessoa possa vir a ter contato com a doença, a gente sabe, a gente vê, que é bem menos difícil do que poderia ser. Como eu tô participando do estudo de uma nova vacina, eu não tenho expectativa de ser vacinada esse ano [2021]. Porque o estudo que eu tô participando é "duplo cego" e com grupo de controle, então eu não sei se eu tomei o placebo ou a vacina — só vou saber no final [...]. Eu tô otimista com o processo de vacinação e eu acho que já dá pra ver que o número de mortes de pessoas mais idosas que já receberam a vacina têm caído.... E eu acho que sempre fica esse sentimento de que poderia ter sido melhor e mais rápido... mas, ainda assim, não dá pra deixar de ter esperança de que, até o final deste ano, a gente já possa estar numa situação melhor e mais tranquila de forma geral. (Fernanda Bergamo, estudante de Química da UFRGS, 22 anos, branca, entrevistada por Carla Simone Rodeghero e Manuela Perondi Pavoni em 02/07/2021, Guaporé e Porto Alegre).

\* \* \*

Ao longo deste livreto, você teve a oportunidade de escrever também **suas** vivências. Se desejar, utilize o espaço final para registrar suas experiências mais recentes, bem como para fazer um balanço de perdas, dificuldades, reflexões e aprendizados neste difícil período da vida de todos/as nós.







GOVERNO
DO ESTADO

RIO
GRANDE
DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO,
GOVERNANÇA E GESTÃO